

ALLAN KARDEC

O ESPIRITISMO



NA SUA EXPRESSÃO
mais simples

E OUTROS OPÚSCULOS DE KARDEC



O ESPIRITISMO

NA SUA EXPRESSÃO
mais simples
E OUTROS OPÚSCULOS DE KARDEC

EXPOSIÇÃO SUMÁRIA DO ENSINO DOS ESPÍRITOS
E DE SUAS MANIFESTAÇÕES

Por
ALLAN KARDEC

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Tradução de Evandro Noleto Bezerra



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Conteúdo

Nota do Tradutor.....	4
I – O Espiritismo na sua Expressão mais Simples	
Histórico do Espiritismo.....	9
Resumo do Ensino dos Espíritos.....	17
Máximas Extraídas dos Ensinos dos Espíritos.....	23
II- Resumo da Lei dos Fenômenos dos Espíritos	
Observações Preliminares.....	28
III – Caráter da Revelação Espírita	
Caráter da Revelação Espírita.....	41
IV – Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita	
I — Obras Fundamentais da Doutrina Espírita:.....	65
II — Obras Diversas sobre o "Espiritismo.....	68
III — Obras Realizadas Fora do Espiritismo.....	73
V – Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec	
Inauguração do Monumento.....	98
Correspondências.....	101
Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec.....	105
Resposta do Espírito Allan Kardec.....	114

Nota do Tradutor

Com o intuito de popularizar o Espiritismo e tornar mais fácil e ágil a sua divulgação, Allan Kardec, sem prejuízo das obras básicas da Doutrina Espírita, redigiu uma série de opúsculos e os distribuiu por toda a França, em valores extremamente acessíveis à população interessada. Alguns deles tiveram várias edições e alcançaram expressivo sucesso, continuando a ser reeditados mesmo após a desencarnação do Codificador.

Esta obra encerra a tradução integral de quatro deles: O Espiritismo na sua Expressão mais Simples (Título da capa); Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos; Caráter da Revelação Espírita e Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita. Além disso, agregamos, sob a forma de apêndice, o livreto Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec - Inauguração do Monumento, que trata da inauguração do dólmen do Codificador no Cemitério do Père-Lachaise, em Paris, ocorrida em 31 de março de 1870, com todos os discursos que foram pronunciados naquela ocasião e que inclui, também, uma mensagem póstuma do Espírito Allan Kardec, recebida por um médium da Sociedade Espírita de Paris.

Suas matérias encontram-se assim distribuídas:

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES - Trata-se de uma exposição sumária do ensino dos Espíritos e de suas manifestações. Apareceu em Paris (Ledoyen), em janeiro de 1862, formato grande in-18, de 36 páginas. A segunda edição, contendo o texto definitivo, foi lançada em maio seguinte com o mesmo formato grande in-18.ⁱ

O opúsculo compõe-se de três capítulos: "Histórico do Espiritismo", "Resumo do Ensino dos Espíritos" e "Máximas Extraídas dos Ensino dos Espíritos". A Revista Espírita de dezembro de 1861 anuncia a sua iminente publicação, caracterizando-a como brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita e estipulando-lhe o preço: 25 centavos.ⁱⁱ

Em janeiro de 1862 Kardec fornece mais detalhes sobre o livreto: além de definir seu lançamento (15 de janeiro), reduz o preço para 15 centavos o exemplar isolado, e a dez centavos para quem adquirir vinte exemplares. E complementa: "O objetivo desta publicação é dar, num panorama muito sucinto, um histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, a fim de que se lhe possa compreender o objetivo moral e filosófico. Pela clareza e simplicidade do estilo, procuramos pô-la ao alcance de todas as inteligências. Contamos com o zelo de todos os verdadeiros espíritas para ajudarem a sua propagação".ⁱⁱⁱ

Em abril de 1864 o Codificador noticia que foram vendidos cerca de dez mil exemplares e que o opúsculo estava sendo reimpresso com várias correções importantes; informava, também, a sua tradução para o alemão, o russo e o polonês.^{iv}

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS - Coincidindo com o lançamento da Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo, o Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos aparece em abril de 1864 como artigo da Revista Espírita, em tamanho reduzido - 23 itens numerados, formados de um ou mais parágrafos - só adquirindo a sua feição definitiva em 1865, com o lançamento da 2ª edição (42 itens numerados). Conforme palavras do Codificador, "Esta instrução é feita visando, sobretudo, pessoas que nenhuma noção possuem do Espiritismo, e às quais se quer dar uma idéia sucinta em poucas palavras. Nos grupos ou reuniões espíritas, onde se acham assistentes novatos, ela pode servir utilmente de preâmbulo às sessões, conforme as necessidades".^v

Esta publicação alcançou enorme sucesso, chegando a esgotar todos os exemplares de suas 36 edições, oferecidas ao leitor praticamente a preço de custo, e que inundou a França por mais de três décadas.^{vi} Ainda encontramos uma derradeira menção a este opúsculo na Revista Espírita de outubro de 1865. Era a época da visita dos irmãos Davenport a Paris; os Srs. Didier, editores de O Livro dos Espíritos, ao publicarem uma biografia desses famosos prestidigitadores, houveram por bem incluir na dita produção o Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritos, demonstrando mais uma vez o seu empenho na divulgação da Doutrina Espírita.^{vii}

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA - Originalmente publicado como artigo na Revista Espírita de setembro de 1867, o Caráter da Revelação Espírita transformou-se no primeiro capítulo de A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, derradeira obra da Codificação Espírita, lançada em Paris em janeiro de 1868.^{viii}

Quando de sua aparição na Revista Espírita, este artigo constava de 55 itens numerados, alguns formados por dois ou mais parágrafos. A longa nota do 2º parágrafo do primitivo item 44 desaparece mais tarde, enquanto é acrescentada uma segunda nota a um dos parágrafos não numerados do item 53, inexistente na edição original; os itens 56 a 62 são novos. Basta confrontarmos o artigo original, publicado na *Revista Espírita*, com o existente na 4ª edição de A Gênese - a última revisada por Kardec - para nos darmos conta de tais modificações.

A versão aqui publicada é a definitiva, e foi traduzida da 5ª edição francesa por Luís Olímpio Guillon Ribeiro. Apenas repomos no seu devido lugar a nota que constava no 2º parágrafo do item 44, a fim de que os estudiosos possam tomar conhecimento desses escritos originais do Codificador. Não bastasse isso, sua inclusão neste opúsculo, que a alguns poderia parecer redundante, justifica-se plenamente, se levarmos em conta o seu extraordinário conteúdo doutrinário, sem falar dos argumentos utilizados por Allan Kardec para refutar a maior parte das críticas dirigidas contra o Espiritismo, no seio de uma sociedade cientificista e materialista.

CATÁLOGO RACIONAL DAS OBRAS PARA SE FUNDAR UMA BIBLIOTECA ESPÍRITA - A 1ª edição deste opúsculo apareceu em fins de março de 1869. Derradeira obra de Allan Kardec,

trata-se de um sumário metódico de obras que serviria de catálogo para a *Livraria Espírita*, cuja inauguração, prevista para o dia 1º de abril de 1869, foi adiada em virtude da desencarnação do Codificador, ocorrida na véspera.

Não obstante esgotados, já naquela época, boa parte dos livros citados no referido catálogo, muitos deles analisados na *Revista Espírita*, julgamos oportuna a sua publicação nesta obra em razão de seu inestimável valor histórico e também para mostrar que Allan Kardec não se furtava de comentar e recomendar aos seus leitores qualquer obra que, direta ou indiretamente, tivesse alguma relação com o Espiritismo, inclusive as voltadas contra a própria Doutrina Espírita, porquanto, segundo ele, "proibir um livro é dar mostras de que o tememos".^{ix}

O opúsculo está dividido em três partes: "I -Obras Fundamentais da Doutrina Espírita por Allan Kardec", incluindo livros, folhetos e a *Revista Espírita*; "II - Obras Diversas sobre o Espiritismo (ou complementares da Doutrina)", inclusive poesia, música e desenhos; "III - Obras Realizadas fora do Espiritismo"

(Filosofia e História, romances (novelas), teatro, ciências, magnetismo; e obras contra o Espiritismo).

DISCURSOS PRONUNCIADOS PELO ANIVERSÁRIO DE MORTE DE **ALLAN KARDEC** - INAUGURAÇÃO DO **MONUMENTO (APÊNDICE)** - Desencarnado em 31 de março de 1869, Allan Kardec foi inumado dois dias depois no Cemitério de Montmartre, em Paris, contando o cortejo mais de mil pessoas. Entre os oradores que se fizeram ouvir à beira do túmulo, destacou-se, num longo discurso, o sábio astrônomo Camille Flammarion, que sublinhou o papel de Allan Kardec no pensamento científico e filosófico mundial, cognominando-o, a certa altura, "o bom senso encarnado".^x

Em reunião da Sociedade Espírita de Paris que se seguiu imediatamente às exéquias do Codificador, os espíritas presentes, membros da Sociedade e outros, emitiram a opinião unânime de que um monumento, testemunha da simpatia e do reconhecimento dos espíritas em geral, fosse edificado para honrar a memória do coordenador da filosofia espírita, associando-se a essa idéia grande número de adeptos da província e de outros países.^{xi}

É bem evidente para os espíritas, como para todos os que o conheceram, que Allan Kardec, como Espírito, não se interessa de modo algum por uma manifestação desse gênero, mas aqui o homem se apaga diante do chefe da Doutrina, pois é a dignidade, direi mais, o dever dos que ele consolou e esclareceu, que se consagre por um monumento imperecível, o lugar onde repousam os seus restos mortais.^{xii}

Assim, no dia 29 de março de 1870 procedeu-se à exumação do corpo e a sua transferência para o túmulo definitivo, no Cemitério do Père-Lachaise, monumento que seria inaugurado dois dias depois, cerca de duas horas da tarde, na presença da Sra. Allan Kardec, do Sr. A. Desliens, Secretário-gerente da *Revista Espírita*, do Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie, Administrador da Sociedade Anônima do Espiritismo, Diretor e Redator-chefe da *Revista*, além de outros espíritas e simpatizantes. Foram pronunciados quatro discursos e lidas duas cartas, uma das quais enviada por

Alexandre Delanne, que não pôde comparecer à cerimônia por se achar retido por uma doença.^{xiii}

A descrição do dólmen, os discursos pronunciados na ocasião, a leitura das cartas enviadas, bem assim a comunicação póstuma de Allan Kardec, alusiva ao evento, foram enfeixados num opúsculo publicado em 1870 pela *Livraria Espírita* (Rua de Lille, 7), sob o título: *Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec - Inauguração do Monumento*.

Trata-se de um documento quase inédito, praticamente desconhecido dos espíritas brasileiros, não fosse a transcrição parcial de alguns trechos, incluindo passagens da carta de Alexandre Delanne, traduzidos por Zeus Wantuil e inseridos no terceiro volume de sua obra, em co-autoria com Francisco Thiesen, intitulada: *Allan Kardec - Pesquisa Biobibliográfica e Ensaio de Interpretação*.^{xiv}

• • •

Esperamos que os leitores espíritas, sobretudo os que se dedicam à pesquisa e se interessam pelos primórdios do Espiritismo em solo europeu, encontrem, nesta obra despretensiosa, algum subsídio que enriqueça os seus conhecimentos. É a pena erudita e inspirada de Allan Kardec que, mais uma vez, se revela em todo o seu esplendor.

Brasília (DF), 10 de janeiro de 2006

EVANDRO NOLETO BEZERRA

Tradutor

ALLAN KARDEC

I

O ESPIRITISMO

NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

PARIS - JANEIRO DE 1862

Histórico do Espiritismo

Nos Estados Unidos da América, por volta de 1850, a atenção pública foi atraída para diversos fenômenos estranhos, que consistiam em ruídos, pancadas e movimentos de objetos, sem causa conhecida. Muitas vezes esses fenômenos se produziam espontaneamente, com persistência e intensidade singulares; mas, também se observou que ocorriam mais particularmente sob a influência de certas pessoas, que foram designadas pelo nome de *médiuns* e que, de algum modo, os podiam provocar à vontade, o que permitia a repetição das experiências.

Para isso os experimentadores se serviam sobretudo de mesas, não porque esse objeto fosse mais favorável do que outro, mas unicamente porque é móvel, mais cômodo e porque as pessoas se sentam mais fácil e naturalmente à volta de uma mesa do que em torno de qualquer outro móvel. Dessa maneira se obteve a rotação da mesa, depois movimentos em todos os sentidos, saltos, reviramentos, pancadas violentas, etc. A princípio esse fenômeno foi designado sob o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*.

Até então o fenômeno podia explicar-se perfeitamente por uma corrente elétrica ou magnética, ou pela ação de um fluido desconhecido e esta foi mesmo a primeira opinião que se formou. Não tardou, porém, que se reconhecessem efeitos inteligentes nesses fenômenos. Viu-se que o movimento obedecia a uma vontade; a mesa se dirigia para a direita, para a esquerda, para uma pessoa designada e, sob comando, se erguia sobre um ou dois pés, batia o número pedido de pancadas, marcava compasso, etc. Desde então ficou evidente que a causa não era puramente física e, conforme o axioma segundo o qual, *se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente*, concluiu-se que a causa daquele fenômeno devia ser uma *inteligência*.

Qual seria a natureza de tal inteligência? Eis a questão. A primeira idéia que surgiu foi a de que aquilo podia ser um reflexo da inteligência do médium ou dos assistentes, mas bem depressa a experiência demonstrou a sua impossibilidade, porque se obtinham coisas completamente estranhas ao pensamento e ao conhecimento das pessoas presentes e mesmo em contradição com suas idéias, sua vontade e seu desejo; a inteligência, pois, não podia pertencer senão a um ser invisível. O meio de se assegurar do fato era muito simples: tratava-se de entrar em conversação com esse ser, o que foi feito por meio de certo número convencional de pancadas significando sim ou não, ou designando as letras do alfabeto. Obtiveram-se deste modo resposta às diversas questões formuladas e esse fenômeno foi designado sob o nome de *mesas falantes*.

Todos os seres que se comunicaram dessa maneira, quando interrogados sobre a sua natureza, declaravam ser *Espíritos* e pertencer ao mundo invisível. Como os

mesmos efeitos se reproduzissem em grande número de localidades, por intermédio de pessoas diversas, e, além disso, observados por homens muito sérios e muito esclarecidos, não era possível que todos eles fossem vítimas de uma ilusão.

Da América o fenômeno passa para a França e para o resto da Europa, onde, durante alguns anos, as *mesas girantes* e *falantes* estiveram em moda e se tornaram o divertimento dos salões; depois, quando se fartaram deles, deixaram-no de lado, em busca de outra distração.

O fenômeno não demorou a apresentar-se sob um novo aspecto, fazendo-o sair do domínio da simples curiosidade. Os limites deste compêndio não nos permitem acompanhá-lo em todas as suas fases, de modo que abordaremos, sem transição, o que ele oferece de mais característico, o que principalmente prendeu a atenção das pessoas sérias.

Para começar, digamos, de passagem, que a realidade do fenômeno encontrou numerosos contraditores. Uns, sem levarem em conta o desinteresse e a honradez dos experimentadores, não viram naquilo mais que uma trapaça, um hábil golpe de mágica. Os que nada admitem fora da matéria, que só acreditam no mundo visível, que pensam que tudo morre com o corpo, os materialistas, numa palavra os que se qualificam de *espíritos fortes*, lançaram a existência dos Espíritos invisíveis na categoria das fábulas absurdas; tacharam de loucos os que tomavam a coisa a sério e os carregaram de sarcasmos e zombarias.

Outros, não podendo negar os fatos, e sob o império de uma determinada ordem de idéias, atribuíram os fenômenos à influência exclusiva do diabo, buscando, por esse meio, amedrontar os tímidos. Hoje o medo do diabo perdeu singularmente o seu prestígio; tanto se falou dele, pintaram-no de tantas maneiras, que todo mundo se familiarizou com essa idéia e muitos julgaram que deviam aproveitar a ocasião para verificarem o que o diabo era realmente. Daí resultou que, salvo um reduzido número de mulheres timoratas, a notícia da chegada do verdadeiro diabo tinha algo de atraente para os que só o tinham visto em pintura ou no teatro; para muita gente tal notícia foi um forte estimulante, de sorte que aqueles que tentaram, por esse meio, opor barreira às idéias novas, trabalharam contra o seu objetivo e, sem o quererem, se tornaram os seus agentes propagandistas, e tanto mais eficazes quanto mais fortes gritaram.

Os outros críticos não lograram maior sucesso, porquanto, aos fatos constatados, aos raciocínios categóricos, não puderam opor senão denegações. Lede o que publicaram e em toda parte encontrareis a prova da ignorância e da falta de observação séria dos fatos, e em parte alguma uma demonstração peremptória de sua impossibilidade. Toda a argumentação de que se serviram resume-se nisto: "Não creio; logo, não é verdade. Todos os que crêem são loucos; só nós temos o privilégio da razão e do bom senso". E incalculável o número dos adeptos feitos pela crítica séria ou galhofeira, porque em toda parte não se encontram senão opiniões pessoais, vazias de provas contrárias. Mas, prossigamos a nossa exposição.

As comunicações por meio de pancadas eram lentas e incompletas. Reconheceu-se que, adaptando um lápis a um objeto móvel: cesta, prancheta, ou outro, sobre o qual

se colocassem os dedos, esse objeto se punha em movimento e traçava caracteres. Mais tarde reconheceu-se que tais objetos não passavam de acessórios, perfeitamente dispensáveis. A experiência demonstrou que o Espírito, agindo sobre um corpo inerte para o dirigir à vontade, podia do mesmo modo atuar sobre o braço ou a mão para conduzir o lápis. Surgiram, então, os *médiuns escreventes*, isto é, pessoas que escreviam, involuntariamente, sob a impulsão dos Espíritos, aos quais serviam assim de instrumentos e intérpretes. Desde então, as comunicações não tiveram mais limites e a permuta de pensamentos pôde efetuar-se com tanto mais rapidez e desenvolvimento quanto entre os vivos. Era um vasto campo aberto à exploração, a descoberta de um mundo novo: o mundo dos invisíveis, assim como o microscópio descobrira o mundo dos infinitamente pequenos.

Que são esses Espíritos? Que papel representam no Universo? Com que objetivo se apresentam aos mortais? Tais as primeiras questões que se tratou de resolver. Logo se ficou sabendo, por eles mesmos, que não são seres à parte na criação, mas as próprias almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos; que essas almas, depois de se terem despojado de seu invólucro corporal, povoam e percorrem o espaço. Já não se pode duvidar disso, quando muitos reconhecem parentes e amigos entre essas almas e com elas puderam conversar; quando aqueles que vêm dar a prova de sua existência, demonstram que apenas seus corpos morreram, mas que sua alma ou Espírito vive sempre, que estão perto de nós, vendo-nos e observando-nos como quando vivos, cercando de cuidados aqueles a quem amaram, cuja lembrança é, para eles, doce satisfação.

Geralmente se faz dos Espíritos uma idéia completamente falsa. Eles não são, como muitos imaginam, seres abstratos, vagos e indefinidos, nem alguma coisa semelhante a um clarão, a uma centelha. São, ao contrário, seres reais, tendo a sua individualidade e uma forma determinada. Deles se pode fazer uma idéia aproximativa pela explicação seguinte:

Há no homem três coisas essenciais: 1º) a alma ou *Espírito*, princípio inteligente no qual residem o pensamento, a vontade e o senso moral; 2º) o *corpo*, envoltório material, pesado e grosseiro, que põe o Espírito em relação com o mundo exterior; 3º) o *perispírito*, envoltório fluídico, extremamente sutil, servindo de laço e intermediário entre o Espírito e o corpo. O invólucro exterior está gasto e já não pode funcionar, tomba e o Espírito se desprende dele, como o fruto e a árvore se despojam de suas cascas; numa palavra, como deixamos uma velha roupa imprestável. É o que se chama a *morte*.

A morte, portanto, não passa da destruição do invólucro grosseiro do Espírito. Só o corpo morre, o Espírito não. Durante a vida o Espírito se acha, de certo modo, comprimido pelos laços da matéria a que está unido e que muitas vezes lhe paralisa as faculdades. A morte do corpo o liberta desses laços. O Espírito se desprende deles e recobra a liberdade, como a borboleta ao sair da crisálida; mas só deixa o corpo material, conservando o perispírito, que constitui para ele uma espécie de corpo etéreo, vaporoso, imponderável para nós e de forma humana, que parece ser a forma padrão. Em seu estado normal, o perispírito é invisível, mas o Espírito pode fazê-lo sofrer

certas modificações que o tornem momentaneamente acessível à vista e mesmo ao tato do homem, como sucede com o vapor condensado. É assim que algumas vezes se nos podem mostrar nas aparições. É por meio do perispírito que o Espírito atua sobre a matéria inerte e produz os diversos fenômenos de ruído, de movimentos, de escrita, etc.

Para os Espíritos, as pancadas e os movimentos são meios de que se servem para atestarem a sua presença e chamarem sobre si a atenção, absolutamente como faz uma pessoa que bate para advertir que alguém está ali. Há as que não se limitam a ruídos moderados, indo ao extremo de produzirem barulho semelhante ao da louça que se quebra, ao de portas que se abrem e se fecham ou ao de móveis que se derrubam.

Mediante pancadas e movimentos convencionais, puderam exprimir seus pensamentos, mas a escrita lhes oferece o meio mais completo, mais rápido e mais cômodo, razão por que o preferem. Assim como podem formar caracteres, podem guiar a mão para que trace desenhos, escrever música, executar um trecho musical num instrumento. Em síntese, na falta de seu próprio corpo, que já não possuem, servem-se do médium para se manifestarem aos homens, de maneira sensível.

Os Espíritos podem ainda manifestar-se de várias maneiras, entre outras pela visão e pela audição. Certas pessoas, chamadas *médiuns audientes*, têm a faculdade de ouvi-los, podendo assim conversar com eles; outros os vêem: são os *médiuns videntes*. Os Espíritos que se manifestam à visão em geral se apresentam sob forma análoga à que tinham em vida, porém vaporosa; doutras vezes essa forma assume todas as aparências de um ser vivo, a ponto de causar ilusão tão completa que por vezes são tomados por indivíduos de carne e osso, com os quais se pode conversar e trocar apertos de mãos, sem que se suspeite tratar-se de Espíritos, até que estes subitamente desapareçam.

A visão permanente e geral dos Espíritos é muito rara, mas as aparições individuais são bastante freqüentes, sobretudo no momento da morte; é como se o Espírito recém-desprendido se apressasse em tornar a ver seus parentes e amigos, como que para os avisar de que acaba de deixar a Terra e dizer-lhes que continua a viver. Aquele que recolher suas lembranças verá quantos fatos autênticos deste gênero, dos quais não se dava conta, ocorrem consigo não só à noite durante o sono, mas em pleno dia, no mais completo estado de vigília. Outrora esses fatos eram encarados como sobrenaturais e maravilhosos e eram atribuídos à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os lançam à conta da imaginação. Mas, desde que a ciência espírita lhes deu a explicação, sabe-se como se produzem e que não escapam da ordem dos fenômenos naturais.

Ainda há os que acreditam que os Espíritos, pelo simples fato de serem Espíritos, devem possuir a soberana ciência e a suprema sabedoria. É um erro que a experiência não tardou em demonstrar. Entre as comunicações dadas pelos Espíritos, algumas são sublimes pela profundidade, pela eloquência, pela sabedoria, pela moral e que só exalam bondade e benevolência; mas, ao lado dessas, outras há muito vulgares, levianas, triviais, mesmo grosseiras, pelas quais o Espírito revela os mais perversos instintos. É,

pois, evidente que não podem emanar da mesma fonte e que, se há bons Espíritos, também há os maus. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, naturalmente não podem tornar-se perfeitos tão-só porque deixaram seus corpos. Enquanto não hajam progredido, conservam as imperfeições da vida corporal, razão por que se nos apresentam em todos os graus de bondade e de maldade, de saber e de ignorância.

Geralmente os Espíritos sentem prazer em se comunicarem conosco. Para eles é uma satisfação constatarem que não foram esquecidos; descrevem de bom grado suas impressões ao deixarem a Terra, sua nova situação, a natureza de suas alegrias e sofrimentos no mundo em que se encontram: uns são muito felizes, outros desgraçados, alguns sofrem mesmo tormentos horríveis, segundo a maneira como viveram e o emprego bom ou mau, útil ou inútil que fizeram da vida. Observando-os em todas as fases de sua nova existência, conforme a posição que ocuparam na Terra, o gênero de morte, seus caracteres e hábitos como homens, chega-se a um conhecimento, se não completo, pelo menos muito preciso do mundo invisível, para nos darmos conta do nosso estado futuro e pressentirmos a sorte feliz ou desgraçada que nos espera.

As instruções dadas pelos Espíritos de ordem elevada sobre todos os assuntos que interessam à Humanidade, as respostas que deram às questões que lhes foram propostas, recolhidas e coordenadas cuidadosamente, constituem toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica, sob o nome de *Espiritismo*. *O Espiritismo é, pois, a doutrina fundada na existência, nas manifestações e nos ensinamentos dos Espíritos*. Essa doutrina se acha exposta de modo completo em *O Livro dos Espíritos*, quanto à parte filosófica, e em *O Livro dos Médiuns*, quanto à parte prática e experimental. Pela análise que a seguir faremos dessas obras, pode-se julgar a variedade, a extensão e a importância das matérias que elas encerram.

Já vimos que o Espiritismo teve o seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes. Como, porém, esses fatos falam mais aos olhos do que à inteligência e despertam mais a curiosidade do que o sentimento, uma vez satisfeita aquela, o interesse por eles diminuiu, tanto mais que não eram compreendidos. Outra foi a reação quando a teoria lhes veio explicar a causa, sobretudo quando perceberam que das mesas girantes, com as quais durante algum tempo se divertiram, surgia toda uma doutrina moral que fala à alma, dissipando as angústias da dúvida, satisfazendo a todas as aspirações deixadas na incerteza por um ensinamento incompleto acerca do futuro da Humanidade, as pessoas sérias acolheram a nova doutrina como um benefício e, desde então, longe de declinar, ela cresceu com incrível rapidez. No espaço de três ou quatro anos, congregou, em todos os países do mundo, sobretudo no seio das classes esclarecidas, inúmeros partidários, que aumentam diariamente numa proporção extraordinária, de tal sorte que hoje se pode dizer que o Espiritismo conquistou direito de cidadania. Está assentado em bases que desafiam os esforços dos seus adversários, mais ou menos interessados em combatê-lo; e a prova disso é que os ataques e críticas não têm retardado a sua marcha um só instante: isto é um fato atestado pela experiência e para o qual os antagonistas jamais puderam encontrar explicação. Os espíritas dizem simplesmente que, se ele se propaga, a despeito da crítica, é que o acham bom e preferem o seu raciocínio ao dos seus contraditores.

Todavia, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Os fatos e os princípios sobre os quais ele repousa se perdem na noite dos tempos, pois que deles se encontram traços nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritores sagrados e profanos; apenas os fatos, incompletamente observados, muitas vezes foram interpretados de acordo com as idéias supersticiosas da ignorância e ninguém havia deduzido todas as suas conseqüências.

Com efeito, o Espiritismo se funda na existência dos Espíritos; mas, não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, desde que há homens há Espíritos. O Espiritismo nem os descobriu, nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem manifestar-se aos vivos é que isso está na Natureza e, assim, desde todos os tempos eles o puderam fazer. É por isso que em todos os tempos e por toda parte se encontra a prova dessas manifestações, abundantes, sobretudo nas narrações bíblicas. O que é moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, o seu papel e o seu modo de ação, a revelação do nosso estado futuro; enfim, sua constituição em corpo de ciência e de doutrina, com as suas diversas aplicações. Os Antigos conheciam os princípios, os Modernos conhecem os detalhes. Na Antigüidade, o estudo desses fenômenos era privilégio de certas castas, que só os revelavam aos iniciados em seus mistérios. Na Idade Média, os que com eles se ocupavam ostensivamente eram tidos por feiticeiros e queimados; mas, hoje, não há mistérios para ninguém e já não se queimam as pessoas. Tudo se passa em plena luz e todos podem esclarecer-se e praticar, uma vez que há médiuns por toda parte.

A própria Doutrina que os Espíritos hoje ensinam nada tem de novo. Encontramo-la fragmentada na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e toda inteira nos ensinamentos do Cristo. Que vem fazer então o Espiritismo? Vem confirmar, mediante novos testemunhos, demonstrar, por fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer o verdadeiro sentido das que foram mal interpretadas.

É verdade que o Espiritismo nada ensina de novo. Mas, não será alguma coisa o provar ele de maneira patente, irrecusável, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras? Quanta gente acredita nessas coisas, mas com um vago sentimento de incerteza, dizendo no seu foro íntimo: "Se, contudo, não fosse assim?" Quantos têm sido levados à incredulidade por lhes terem apresentado o futuro sob um aspecto que sua razão não podia admitir? De nada valerá ao crente vacilante poder dizer a si mesmo: "Agora tenho certeza?" e o cego afirmar: "Agora vejo a luz?" Pelos fatos e pela sua lógica, o Espiritismo vem dissipar a ansiedade da dúvida e reconduzir à fé os que dela se afastaram. Revelando-nos a existência do mundo invisível que nos cerca e em meio do qual vivemos sem o suspeitarmos, ele nos dá a conhecer, pelo exemplo dos que viveram, as condições da nossa felicidade ou da nossa desgraça futuras; explica a causa de nossos sofrimentos na Terra e a maneira de os suavizarmos. Sua propagação terá por efeito inevitável a destruição das doutrinas materialistas, que não podem resistir à evidência. O homem, convencido da grandeza e da importância de sua existência futura, que é eterna, a compara com a incerteza da vida terrena, que é tão curta, e se eleva pelo pensamento acima das mesquinhas considerações humanas.

Conhecendo a causa e o objetivo de suas misérias, suporta-as com paciência e resignação, porque sabe que são o meio de chegar a um estado melhor. O exemplo dos que vêm do além-túmulo descrever suas alegrias ou suas dores, provando a realidade da vida futura, prova, ao mesmo tempo, que a justiça de Deus não deixa vício algum sem punição e nenhuma virtude sem recompensa. Acrescentemos, enfim, que as comunicações com os entes queridos que perdemos proporcionam doce consolação, provando não só que eles existem, como ainda que deles estamos menos separados do que se estivessem vivos e num país estranho.

Em resumo, o Espiritismo suaviza o amargor das aflições da vida; acalma os desesperos e as agitações da alma, dissipa as incertezas ou os terrores do futuro, detém o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio. Por isso mesmo, torna felizes os que dele se compenetraram e esse é o grande segredo de sua rápida propagação.

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, independentes de qualquer culto particular. Seu objetivo é provar, aos que negam ou duvidam, que a alma existe, que sobrevive ao corpo e experimenta após a morte as conseqüências do bem ou do mal que tenha feito durante a vida corporal. Ora, isto é de todas as religiões. Como crença nos Espíritos, ele é igualmente de todas as religiões, assim como é de todos os povos, visto que, onde quer que haja homens, há almas ou Espíritos; que as manifestações são de todos os tempos, achando-se seus relatos em todas as religiões, sem exceção. Pode-se, portanto, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e crer nas manifestações dos Espíritos; por conseguinte, ser espírita. A prova disto é que o Espiritismo tem aderentes em todas as seitas. Como moral, é essencialmente cristão, porquanto a que ele ensina não é senão o desenvolvimento e a aplicação da do Cristo, a mais pura de todas, cuja superioridade não é contestada por ninguém, prova evidente de que ela é a lei de Deus. Ora, a moral é para uso de todo o mundo.

Independendo de qualquer forma de culto, não prescrevendo nenhum e não se ocupando com os dogmas particulares, o Espiritismo não é uma religião especial, visto que não tem sacerdotes, nem templos. Aos que lhe perguntam se fazem bem em seguir tal ou qual prática, responde: "Se credes que vossa consciência o exija, fazei-o; Deus leva sempre em conta a intenção. Numa palavra, ele não se impõe a ninguém; não se dirige aos que têm fé e a quem esta fé basta, mas à numerosa categoria dos indecisos e dos incrédulos; estes, ele não os arrebatava à Igreja, visto que, no todo ou em parte, dela já se separaram moralmente; apenas os leva a percorrer três quartos do caminho, para nela entrarem, cabendo a ela fazer o resto"^{ixv}

É verdade que o Espiritismo combate certas crenças, tais como a eternidade das penas, o fogo material do inferno, a personalidade do diabo, etc. Mas também é certo que essas crenças, impostas como absolutas, só têm gerado incrédulos, em todos os tempos e ainda hoje. Ao dar a esses dogmas e alguns outros uma interpretação racional, o Espiritismo reconduz à fé os que dela se afastaram, prestando, desse modo, um serviço à religião. E por isso que um venerável eclesiástico dizia a este respeito: "O

Espiritismo faz crer em alguma coisa; ora, mais vale crer em alguma coisa do que não crer absolutamente em nada".

Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, não se pode negar os Espíritos sem negar a alma. Admitidas as almas ou Espíritos, a questão, reduzida à sua expressão mais simples, é esta: "As almas dos que morreram podem comunicar-se com os vivos?" O Espiritismo responde pela afirmativa e o prova por fatos materiais. Que prova se poderá dar de que isso não é possível? Se é, todas as negações do mundo não impedirão que assim seja, desde que não se trata nem de um sistema, nem de uma teoria, mas de uma lei da Natureza. Ora, contra as leis da Natureza a vontade do homem é impotente. Querendo ou não, não há como deixar de aceitar as suas conseqüências e a elas conformar as nossas crenças e hábitos.

Resumo do Ensino dos Espíritos

1. Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. *É eterno, único, imaterial, imutável, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.* Há que ser infinito em todas as suas perfeições, porquanto, supondo imperfeito um só de seus atributos, Ele já não seria Deus.

2. Deus criou a matéria, que constitui os mundos. Também criou seres inteligentes, que chamamos *Espíritos*, encarregados de administrar os mundos materiais, segundo as leis *imutáveis* da criação, e que são perfectíveis por natureza. Aperfeiçoando-se, eles se aproximam da Divindade.

3. O Espírito, propriamente dito, é o princípio inteligente. Sua natureza íntima nos é desconhecida. Para nós, é imaterial, porque não tem qualquer analogia com o que chamamos matéria.

4. Os Espíritos são seres individuais. Têm um invólucro etéreo, imponderável, chamado *perispírito*, espécie de corpo fluídico, tipo da forma humana. Povoam o espaço e o percorrem com a rapidez do relâmpago. Constituem o mundo invisível.

5. A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos. Sabemos apenas que são criados *simples e ignorantes*, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo, porquanto Deus, em sua justiça, não podia isentar a uns do trabalho que impusesse a outros para chegarem à perfeição. No princípio, eles se acham numa espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

6. O livre-arbítrio se desenvolve nos Espíritos ao mesmo tempo que as idéias. Deus lhes diz: "Podeis todos aspirar à suprema felicidade, quando houverdes adquirido os conhecimentos que vos faltam e desempenhado a tarefa que vos imponho. Trabalhai, pois, pelo vosso adiantamento: essa é a meta. Alcançá-la-eis seguindo as leis que gravei na vossa consciência".

Em consequência do livre-arbítrio, uns tomam o caminho mais curto, que é o do bem; outros o mais longo, que é o do mal.

7. Deus não criou o mal. Estabeleceu leis e estas são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom. Aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; mas, dotados do livre-arbítrio, os Espíritos nem sempre as observam, sendo o mal o resultado de sua desobediência. Pode, pois, dizer-se que o bem é tudo o que é conforme à lei de Deus e o mal tudo o que é contrário a essa mesma lei.

8. Para concorrerem, como agentes da potência divina, na obra dos mundos materiais, os Espíritos se revestem, temporariamente, de um corpo material. Pelo trabalho necessário à sua existência corporal, eles aperfeiçoam a inteligência e adquirem, pela observância da lei de Deus, os méritos que os devem conduzir à felicidade eterna.

9. A encarnação não foi imposta ao Espírito, no princípio, como punição. Ela é necessária ao seu desenvolvimento e à execução das obras de Deus, e todos devem sofrê-la, quer tomem o caminho do bem ou o do mal. Simplesmente os que seguem o do bem avançam mais depressa, gastam menos tempo para chegar ao fim e o alcançam em condições menos penosas.

10. Os Espíritos encarnados constituem a Humanidade, que não se circunscreve à Terra, mas que povoa todos os mundos disseminados no espaço.

11. A alma do homem é um Espírito encarnado. Para secundá-lo no desempenho de sua tarefa, Deus lhe deu, como auxiliares, os animais que lhe estão submetidos e cuja inteligência e caráter são compatíveis com as suas necessidades.

12. O aperfeiçoamento do Espírito é fruto do seu próprio trabalho. Não podendo, numa só existência corporal, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que o hão de conduzir ao objetivo, ele o alcança por uma sucessão de existências, em cada uma das quais dá alguns passos para frente, no caminho do progresso.

13. Em cada existência corporal, o Espírito deve desempenhar uma tarefa proporcionada ao seu desenvolvimento; quanto mais rude e laboriosa, tanto maior o mérito em realizá-la. Assim, cada existência é uma prova, que o aproxima do fim. O número dessas existências é indeterminado. Depende da vontade do Espírito que esse número seja reduzido, trabalhando ativamente pelo seu progresso moral, assim como depende da vontade do operário, obrigado a realizar certo trabalho, reduzir o número de dias que empregue em executá-lo.

14. Quando uma existência foi mal-empregada, fica sem proveito para o Espírito, que tem de recomeçá-la em condições mais ou menos penosas, em razão de sua negligência e má vontade. É assim que, na vida, podemos ser constrangidos a fazer no dia seguinte o que não fizemos na véspera.

15. A vida espiritual é a vida normal do Espírito: é eterna. A vida corporal é transitória e passageira: não passa de um instante na eternidade.

16. No intervalo de suas existências corporais, o Espírito é *errante*. A erraticidade não tem duração determinada. Nesse estado, o Espírito é feliz ou desgraçado, conforme o bom ou mau uso que fez da sua última existência; estuda as causas que apressaram ou retardaram o seu adiantamento; toma as resoluções que procurará pôr em prática na sua próxima encarnação e escolhe as provas que lhe pareçam mais apropriadas ao seu adiantamento. Entretanto, algumas vezes se engana, ou sucumbe, não levando em conta as resoluções que tomou como Espírito.

17. O Espírito culpado é punido por meio de sofrimentos morais no mundo dos Espíritos e, na vida corporal, pelos sofrimentos físicos. Suas aflições são a consequência de suas faltas, isto é, das suas infrações à lei de Deus, de sorte que constituem, ao mesmo tempo, uma expiação do passado e uma prova para o futuro. E assim que o orgulhoso poderá vir a ter uma existência de humilhação, o tirano uma de servidão, o mau rico uma de miséria.

18. Há mundos apropriados aos diferentes graus de adiantamento dos Espíritos e onde a existência corporal se apresenta em condições muito diferentes. Quanto menos adiantado é o Espírito, tanto mais pesado e material é o corpo que o reveste. À medida que se purifica, passa para mundos superiores, moral e fisicamente. A Terra não é o primeiro, nem o último, porém um dos mais atrasados.

19. Os Espíritos culpados encarnam nos mundos menos adiantados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material. Para eles, esses mundos são verdadeiros purgatórios, deles dependendo deixá-los mais cedo ou mais tarde, conforme trabalhem pelo seu próprio aperfeiçoamento moral. A Terra é um desses mundos.

20. Sendo soberanamente justo e bom, Deus não condena suas criaturas a castigos perpétuos por faltas temporárias; a todos sempre oferece os meios de progredirem e repararem o mal que fizeram. Deus perdoa, mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de sorte que a duração do castigo é proporcionada à persistência do Espírito no mal. Por conseguinte, o castigo só seria eterno para aquele que eternamente permanecesse no mau caminho; desde, porém, que um lampejo de arrependimento penetre o coração do culpado, Deus estende sobre ele a sua misericórdia. A eternidade das penas deve, pois, entender-se num sentido relativo e não em sentido absoluto.

21. Ao encarnarem, os Espíritos trazem consigo o que adquiriram em suas precedentes existências. Essa a razão pela qual os homens mostram instintivamente aptidões especiais, pendores bons ou maus, que neles parecem inatos.

Os maus pendores naturais são resquícios das imperfeições de que o Espírito ainda não se despojou; são também indícios das faltas que cometeu, o verdadeiro *pecado original*. Em cada existência, tem ele que se lavar de algumas impurezas.

22. O esquecimento das existências anteriores é um benefício concedido por Deus que, em sua bondade, quis poupar ao homem recordações quase sempre penosas. Em cada nova existência, o homem é o que ele mesmo se fez: para ele cada uma delas é um novo ponto de partida; conhece seus efeitos atuais, sabe que esses defeitos são a consequência dos que tinha antes e daí conclui o mal que possa ter cometido. Isto é suficiente para que trabalhe por se corrigir. Se outrora teve defeitos de que já se livrou, não tem mais que se preocupar com eles; bastam as suas imperfeições presentes.

23. Se a alma não viveu antes, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nessa hipótese, nenhuma relação pode haver entre ela e as que a precederam.

Pergunta-se, então, como é que Deus, que é soberanamente justo e bom, a tenha responsabilizado pela falta do pai do gênero humano, maculando-a com um pecado original que ela não cometeu. Dizendo-se, ao contrário, que traz ao renascer o gérmen das imperfeições de suas existências inferiores, que sofre, na existência atual, as conseqüências de suas faltas passadas, dá-se do *pecado original* uma explicação lógica, que todos podem compreender e admitir, porque a alma só é responsável por suas próprias obras.

24. A diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, é a prova de que a alma já viveu. Se houvesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo atual, não estaria conforme a bondade de Deus o tê-las feito umas mais adiantadas do que outras. Por que selvagens e homens civilizados, bons e maus, tolos e inteligentes? Dizendo-se que uns têm vivido mais do que outros e adquiriram mais do que estes, tudo se explica.

25. Se a existência atual fosse única e só ela devesse decidir do futuro da alma na eternidade, qual seria a sorte das crianças que morrem em tenra idade? Não tendo feito bem, nem mal, não merecem recompensas, nem punições. Sendo cada um recompensado segundo suas obras, conforme palavras do Cristo, elas não têm direito à perfeita felicidade dos anjos, nem merecem ficar privadas dessa felicidade. Dizei que poderão, noutra existência, realizar o que não puderam fazer na que foi abreviada e não mais haverá exceções.

26. Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos e dos idiotas? Não tendo nenhuma consciência do bem e do mal, também não têm nenhuma responsabilidade de seus atos. Deus seria justo e bom se tivesse criado almas estúpidas para votá-las a uma existência miserável e sem compensação? Admiti, ao contrário, que a alma do cretino e do idiota é um Espírito em punição num corpo impróprio a transmitir o seu pensamento, no qual se acha como um homem comprimido por fortes laços, e nada aí tereis que não seja conforme à justiça de Deus.

27. Mediante essas encarnações sucessivas, o Espírito, tendo-se despojado pouco a pouco de suas impurezas e se aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao termo de suas existências corporais. Passa então a pertencer à ordem dos Espíritos puros ou anjos, e goza ao mesmo tempo da visão completa de Deus e de uma felicidade sem mescla, por toda a eternidade.

28. Sendo os homens Espíritos em expiação na Terra, Deus, como bom pai, não os deixou entregues a si mesmos, sem guias. Em primeiro lugar, eles têm os seus Espíritos protetores, ou anjos da guarda, que por eles velam e se esforçam por conduzi-los ao bom caminho; têm ainda os Espíritos em missão na Terra, Espíritos Superiores que de vez em quando encarnam entre eles para, pelos seus trabalhos, lhes iluminarem a estrada, fazendo avançar a Humanidade. Embora Deus haja gravado sua lei na consciência, julgou por bem formulá-la explicitamente. Primeiro lhes enviou Moisés; mas as leis de Moisés eram apropriadas aos homens de seu tempo; ele não lhes falou senão da vida terrena, de penas e recompensas temporais. Veio em seguida o Cristo

completar a lei de Moisés, por meio de um ensino mais elevado: a pluralidade das existências,^{xvi} a vida espiritual, as penas e recompensas morais. Moisés os conduziu pelo temor, o Cristo pelo amor e pela caridade.

29. O Espiritismo, melhor compreendido hoje, acrescenta, para os incrédulos, a evidência à teoria. Prova o futuro por fatos patentes; diz em termos claros e inequívocos o que o Cristo disse por parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas; revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus. Vem, finalmente, estabelecer entre os homens o reinado da caridade e da solidariedade, anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

30. O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surge de todos os pontos do globo, por intermédio dos que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, põe termo às interpretações errôneas e deve ligar os homens a uma única crença, porque só há um Deus e porque suas leis são as mesmas para todos. Enfim, assinalará a era predita pelo Cristo e pelos profetas.

31. Os males que afligem os homens na Terra têm por causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões. Pelo contato de seus vícios, os *homens se tornam reciprocamente desgraçados e se punem uns aos outros*. Se a caridade e a humildade substituírem o egoísmo e o orgulho, eles não mais buscarão prejudicar-se mutuamente. Respeitarão os direitos de cada um e farão que reinem entre si a concórdia e a justiça.

32. Mas, como destruir o egoísmo e o orgulho, que parecem inatos no coração do homem? - O egoísmo e o orgulho existem no coração do homem, porque estes são Espíritos que desde o princípio seguiram o caminho do mal e foram exilados para a Terra, punidos por aqueles mesmos vícios; é esse ainda o pecado original de que muitos ainda não se despojaram. Pelo Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo à prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e de caridade.

33. Tendo a Terra chegado ao tempo marcado para que se torne morada de paz e felicidade, Deus não quer que os maus Espíritos encarnados continuem a causar-lhe perturbação, em prejuízo dos bons; é por isso que deverão desaparecer. Irão expiar o endurecimento de seus corações em mundos menos adiantados, onde trabalharão novamente pelo próprio aperfeiçoamento, numa série de existências ainda mais desgraçadas e mais penosas do que na Terra.

Formarão nesses mundos uma nova raça mais esclarecida e cuja tarefa será fazer que progridam os seres atrasados que os habitam, auxiliados pelos conhecimentos que já adquiriram. De lá só sairão para um mundo melhor quando o houverem merecido e assim por diante, até que tenham alcançado a completa purificação. Se a Terra, para eles, era um purgatório, esses mundos serão seus infernos, mas infernos donde a esperança jamais é banida.

34. Ao passo que a geração proscrita vai desaparecer rapidamente, uma nova geração surge, cujas crenças se fundarão no Espiritismo cristão. Assistimos à transição que se opera, prelúdio da renovação moral, cujo advento o do Espiritismo marca.

Máximas Extraídas dos Ensinos dos Espíritos

35. O fim essencial do Espiritismo é tornar melhores os homens. Nele não se procure senão o que possa concorrer para o seu progresso moral e intelectual.

36. O verdadeiro espírita não é o que crê nas manifestações, mas aquele que aproveita do ensino dado pelos Espíritos. De nada adianta acreditar, se a crença não o levar a dar um passo à frente no caminho do progresso e não o tornar melhor para com o seu próximo.

37. O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúme, a maledicência são, para a alma, ervas venenosas, das quais é preciso, todos os dias, arrancar alguns brotos e que têm por antídoto a caridade e a humildade.

38. A crença no Espiritismo só é proveitosa àquele de quem se pode dizer: Vale mais hoje do que ontem.

39. A importância que o homem liga aos bens temporais está em razão inversa da sua fé na vida espiritual. É a dúvida quanto ao futuro que o leva a procurar suas alegrias neste mundo, satisfazendo às suas paixões, ainda que à custa de seu próximo.

40. As aflições terrenas são os remédios da alma. Salvam-na para o futuro, como uma dolorosa operação cirúrgica salva a vida de um doente e lhe restitui a saúde. Eis por que o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados".

41. Nas vossas aflições olhai para baixo e não para cima. Pensai nos que sofrem mais do que vós.

42. O desespero é natural naquele que crê que tudo acaba com a vida do corpo. E uma insensatez naquele que tem fé no futuro.

43. Muitas vezes o homem é o artífice de sua própria desgraça neste mundo. Que remonte à fonte de seus infortúnios e verá que estes, em sua maior parte, resultam da sua imprevidência, do seu orgulho e da sua avidez e, por conseguinte, das suas infrações às leis de Deus.

44. A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com Ele.

45. Aquele que ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. E um socorro jamais recusado quando pedido com sinceridade.

46. O essencial não é orar muito, mas orar bem. Certas pessoas julgam que todo mérito está na extensão da prece, enquanto fecham os olhos aos seus próprios defeitos. Para elas a prece é uma ocupação, um meio de empregarem o tempo, mas não um estudo de si mesmas.

47. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas não o obtém senão mudando de comportamento. As boas ações são a melhor prece, porquanto os atos valem mais do que as palavras.

48. A prece é recomendada por todos os bons Espíritos. Todos os Espíritos imperfeitos a pedem como meio de alívio para seus sofrimentos.

49. A prece não pode mudar os decretos da Providência. Os Espíritos sofredores, porém, vendo que por eles nos interessamos, sentem-se menos desamparados e menos infelizes. Ela lhes levanta o ânimo e excita neles o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e pode desviá-los de pensarem no mal. Neste sentido é que não somente lhes pode dar alívio, como também abreviar seus sofrimentos.

50. Ore cada um segundo suas convicções e do modo que julgue mais conveniente, porquanto a forma nada vale e o pensamento é tudo. A sinceridade e a pureza de intenção, eis o essencial. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras, que se assemelham ao ruído de um moinho, mas onde o coração em nada toma parte.

51. Deus fez os homens fortes e poderosos para serem o amparo dos fracos. O forte que oprime o fraco é maldito de Deus. Muitas vezes recebe o seu castigo nesta vida, sem prejuízo dos reservados ao futuro.

52. A fortuna é um depósito cujo possuidor é apenas usufrutuário, desde *que não a leva consigo para o túmulo*. Prestará severas contas do emprego que lhe tiver dado.

53. A fortuna é uma prova mais arriscada do que a miséria, porque é uma tentação para o abuso e os excessos e porque é mais difícil ser-se moderado do que resignado.

54. O ambicioso que triunfa e o rico que se compraz nos gozos materiais são mais passíveis de compaixão do que de inveja, pois é preciso levar em conta o reverso. O Espiritismo, pelos terríveis exemplos dos que viveram e que vêm revelar sua sorte, mostra a verdade destas palavras do Cristo: "Aquele que se elevar será humilhado e aquele que se humilhar será exaltado".

55. A caridade é a lei suprema do Cristo: "Amai-vos uns aos outros como irmãos; - amai ao vosso próximo como a vós mesmos; - perdoai aos vossos inimigos; - não façais aos outros o que não quereríeis que vos fizessem". Tudo isto se resume na palavra *caridade*.

56. A caridade não consiste apenas na esmola. Há caridade por pensamentos, palavras e obras. É caridoso por pensamentos aquele que é indulgente para as faltas do seu próximo; caridoso por palavras o que nada diz que possa prejudicar ao seu próximo; caridoso por obras quem, na medida de suas forças, assiste o seu próximo.

57. O pobre que reparte o seu pedaço de pão com um outro mais pobre do que ele é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que aquele que dá do que lhe sobra, sem de nada se privar.

58. Quem quer que nutra contra o seu próximo, sentimentos de animosidade, de ódio, de ciúme e de rancor, falta à caridade; mente, se se diz cristão, e ofende a Deus.

59. Homens de todas as castas, de todas as seitas e de todas as cores, sois todos irmãos, porquanto Deus a todos vos chama a si. Estendei-vos, pois, as mãos, seja qual for a maneira por que o adoreis, e não vos lanceis anátema uns aos outros, visto que o anátema é a violação da lei de caridade proclamada pelo Cristo.

60. Com o egoísmo, os homens vivem em luta perpétua; com a caridade viverão em paz. Só a caridade, servindo de base às suas instituições, lhes assegurará a felicidade neste mundo. Segundo as palavras do Cristo, só ela também lhes pode assegurar a felicidade, porque encerra implicitamente todas as virtudes que os podem conduzir à perfeição. Com a verdadeira caridade, tal como a ensinou e praticou Jesus, nem ciúme, nem maledicência, nem apego exagerado aos bens deste mundo. Eis por que o Espiritismo cristão tem por máxima: "Fora da caridade não há salvação".

. . .

Incrédulos! Podeis rir dos Espíritos, zombar dos que crêem nas suas manifestações. Ride, pois, se ousardes, desta máxima que eles vêm ensinar e que constitui a vossa própria salvaguarda, porquanto, se a caridade desaparecesse da face da Terra, os homens se entredevorariam e vós serieis, talvez, as primeiras vítimas. Não está longe o tempo em que esta máxima, proclamada abertamente em nome dos Espíritos, será um penhor de segurança e um título à confiança em todos os que a trouxeram gravada em seus corações.

Disse um Espírito: "Zombaram das mesas girantes; jamais zombarão da filosofia e da moral que delas decorrem". Com efeito, passados apenas alguns anos, já estamos longe desses primeiros fenômenos que, por um instante, serviram de distração aos ociosos e aos curiosos. Dizeis que essa moral é antiquada: "Os Espíritos deveriam ter bastante espírito para nos darem alguma coisa nova". (Frase espirituosa de mais de um crítico.) Tanto melhor, se ela é antiquada! Isso prova que é de todos os tempos, sendo mais culpados os homens por não a terem praticado, visto que só as verdadeiras verdades são eternas.

O Espiritismo vem recordar-lhes essa moral, não por meio de uma revelação isolada, feita a um só homem, mas pela voz dos próprios Espíritos que, semelhante à trombeta final, vem lhes clamar: "Crede que aqueles a quem chamais de mortos estão mais vivos do que vós, porque vêem o que não vedes e ouvem o que não ouvis.

Reconhecei, nos que vos vêm falar, os vossos parentes e amigos, todos aqueles a quem amastes na Terra e que julgáveis perdidos para sempre. Ai dos que pensam que tudo acaba com o corpo, pois serão cruelmente enganados. Ai dos que houverem faltado à caridade, porque suportarão tudo quanto tiverem feito suportar os outros! Escutai a voz dos que sofrem e que vos vêm dizer: "Sofremos por havermos desconhecido o poder de Deus e duvidado da sua infinita misericórdia; sofremos por causa do nosso orgulho, do nosso egoísmo, da nossa avareza e de todas as paixões más que não soubemos reprimir. Sofremos por todo o mal que fizemos aos nossos semelhantes, pelo esquecimento da lei da caridade".

Incrédulos! Dizei se é risível uma doutrina que ensina semelhantes coisas, se é boa ou má. Mesmo considerando-a somente do ponto de vista da ordem social, dizei se os homens que a praticassem seriam felizes ou infelizes, melhores ou piores!

ALLAN KARDEC

II

RESUMO DA LEI **DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS**

PARIS - ABRIL DE 1864

Observações Preliminares

As pessoas estranhas ao Espiritismo, por não lhe compreenderem o objetivo nem os meios, quase sempre fazem dele uma idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a explicação primeira dos fenômenos. Por falta desta chave, o que vêem e ouvem não tem qualquer proveito e nem mesmo lhes interessa. É fato constatado pela experiência que a simples vista ou o relato dos fenômenos não basta para convencer. Aquele mesmo que testemunha fatos capazes de o confundir, fica mais admirado que convencido; quanto mais extraordinário lhe parece o efeito, tanto mais o suspeita. Somente um estudo prévio, sério, pode levá-lo à convicção, e isto muitas vezes é suficiente para mudar inteiramente o curso de suas idéias. Em todo o caso, tal estudo é indispensável para a compreensão dos mais simples fenômenos. Na falta de uma instrução completa, bastará um resumo sucinto da lei que rege as manifestações, para que a coisa seja encarada em sua verdadeira luz pelas pessoas ainda não iniciadas. E a primeira baliza que damos na breve instrução a seguir.

Esta instrução é feita tendo em vista, sobretudo, as pessoas que nenhuma noção possuem do Espiritismo. Nos grupos ou reuniões espíritas, nos quais se encontram assistentes novatos, ela pode servir utilmente de preâmbulo às sessões, conforme as necessidades.

I - Dos Espíritos

1. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais decorrentes dessas relações.

2. Os Espíritos não são, como muitas vezes se imagina, seres à parte na Criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; donde se segue que quem quer que creia na existência da alma, por isso mesmo crê na dos Espíritos. Negar os Espíritos seria negar a alma.

3. Em geral se faz uma idéia muito falsa do estado dos Espíritos. Eles não são, como alguns pensam, seres vagos e indefinidos, nem chamados, como fogos-fátuos, nem fantasmas, como nos contos de aparições. São seres semelhantes a nós, possuindo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível em estado normal.

4. Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, tem um envoltório duplo: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo físico; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*. O perispírito é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir e percebe as sensações que este experimenta.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*. A alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado *Espírito*.

5. A morte é a destruição do invólucro corporal. A alma o abandona como quem deixa uma roupa usada, ou como a borboleta, que deixa a sua crisálida; mas conserva o seu corpo fluídico, ou perispírito.

A morte do corpo liberta o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer. Uma vez livre desse fardo, tem apenas o seu corpo etéreo, que lhe faculta percorrer o espaço e transpor distâncias com a rapidez do pensamento.

6. Os Espíritos povoam o espaço. Constituem o mundo invisível que nos rodeia, em meio do qual vivemos, e com o qual estamos em contato incessante.

7. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais elevado, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas. Repercutindo nos Espíritos todos os nossos pensamentos, eles os lêem como num livro aberto, de sorte que aquilo

que podíamos ocultar a alguém durante a vida, não o podemos mais, desde o momento em que nos tornamos Espíritos.

8. Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra. Sentem prazer em buscar aqueles a quem amaram, sobretudo quando atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes consagram, ao passo que são indiferentes para os que só lhes votam indiferença.

9. Uma idéia mais ou menos geral entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo é crer que os Espíritos, apenas porque estão desprendidos da matéria, devem saber tudo e possuir a soberana sabedoria. Isto é um erro grave.

Não sendo os Espíritos mais que as almas dos homens, não adquiriram a perfeição ao deixarem o seu invólucro terrestre. O progresso do Espírito só se realiza com o tempo e não é senão aos poucos que ele se despoja de suas imperfeições e adquire os conhecimentos que lhe faltam. Seria igualmente ilógico admitir que o Espírito de um selvagem, ou de um criminoso, de repente se tornasse culto e virtuoso, como seria contrário à justiça de Deus imaginar que aquele permanecesse em perpétua inferioridade.

Assim como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de malvadez, também os há entre os Espíritos. Existem os que são levianos e brincalhões; os que são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus e vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem. É sobretudo em distingui-los que nos devemos empenhar. (*O Livro dos Espíritos*, nº 100, "Escala Espírita". - *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIV.)

II - Manifestação dos Espíritos

10. Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela visão, audição, tato, por ruídos, movimentos de corpos, escrita, desenho, música, etc. Manifestam-se por meio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, conhecidas pelo nome de *médiuns*. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, audientes, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptologistas, escreventes, etc. Entre os médiuns escreventes há numerosas variedades, conforme a natureza das comunicações que eles são aptos a receber.

11. O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos e os atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe constitui obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram em toda parte, nos lugares mais hermeticamente fechados. É uma idéia ridícula crer que eles entrem por uma pequena abertura, como o buraco de uma fechadura ou o tubo da chaminé.

12. Embora invisível para nós em seu estado normal, o perispírito não deixa de ser matéria etérea. Em certos casos o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de modificação molecular, que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, invisível quando muito rarefeito, e que se torna visível quando condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se quase sempre sob a aparência que tinham em vida, o que permite sejam reconhecidos.

13. É com o auxílio de seu perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo vivo; e é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, produzindo ruídos, movimentos das mesas e de outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, entre nós, os mais potentes motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e, mesmo, imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio de seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem ou desenhem. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, fazendo-os agir como se fosse seu próprio corpo, e isto pelo eflúvio fluídico, que sobre ele derrama.

14. No fenômeno designado sob o nome de *mesas girantes* ou *falantes*, é pelo mesmo processo que o Espírito age sobre a mesa, quer para movê-la sem significação determinada, quer para fazê-la dar batidas inteligentes, indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado pelo nome de *tiptologia*. Aí a mesa não passa de um instrumento, de que ele se serve, como do lápis para escrever. Dá-lhe

uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, emocionadas, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, beijam a mesa, cometem um ato ridículo, porque é absolutamente como se beijassem o bastão de que o amigo se serve para dar batidas. Acontece o mesmo com as que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se esta tivesse se tornado Espírito.

Quando ocorrem comunicações por esse meio, é preciso imaginar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, *tal como em vida* e como seria visto se, nesse momento, se tornasse visível. Dá-se o mesmo nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo o pensamento por uma corrente fluídica.

15. Quando a mesa se afasta do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta pela força do braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica, que neutraliza a ação da gravidade, como faz o ar com os balões e papagaios de papel. O fluido de que é penetrada lhe dá momentaneamente uma maior leveza específica. Quando cravada ao solo, está no caso da campânula pneumática, sob a qual se faz o vácuo. São apenas comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas.

Depois disto, compreende-se que ao Espírito não é mais difícil levantar uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um a outro lugar ou atirá-lo em qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois pode ficar tranqüilamente no mesmo lugar, mas lhe dá o impulso por uma corrente fluídica, com o auxílio da qual a faz mover-se à vontade.

Quando as batidas são ouvidas na mesa ou alhures, o Espírito não bate com a mão, nem com um objeto qualquer; dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico. Modifica o ruído, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

16. A escuridão necessária à produção de certos efeitos físicos sem dúvida se presta à suspeição e à fraude, mas nada prova contra a possibilidade do fato. Sabe-se da existência de combinações químicas que não podem operar-se à luz; que ocorrem composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso. Ora, como todos os fenômenos espíritas resultam da combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium, e sendo materiais esses fluidos, nada há de surpreendente que, em certos casos, o fluido luminoso seja contrário a esta combinação.

17. Os Espíritos Superiores só se ocupam das comunicações inteligentes, tendo em vista a nossa instrução. As manifestações físicas ou puramente materiais são atribuídas mais especialmente aos Espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de *Espíritos batedores*, como, entre nós, os golpes de magia são próprios dos saltimbancos, e não dos cientistas.

18. Os Espíritos são livres. Comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois nem sempre isto lhes é possível. *Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e a ninguém é dado fazê-los vir contra a sua vontade, nem a dizer o que querem calar.* Daí por que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá a seu apelo em determinado momento, ou responderá a esta ou àquela pergunta. Dizer o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. Só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

19. Há pessoas que obtêm regularmente e, de certo modo, à vontade, a produção de alguns fenômenos. Contudo, é de notar-se que são efeitos puramente físicos, mais curiosos que instrutivos e que se produzem constantemente em condições análogas. As condições nas quais são obtidos são susceptíveis de inspirar dúvidas sobre a sua realidade, tanto mais legítimas quanto em geral são objeto de exploração, sendo difícil, muitas vezes, distinguir-se a mediunidade real da prestidigitação. Fenômenos de tal gênero podem, no entanto, resultar de uma mediunidade verdadeira, porque é possível que Espíritos de baixa categoria, que em vida fizeram disto uma profissão, se deleitem nesses tipos de exibições. Mas seria absurdo pensar que Espíritos de certa elevação se divertissem em ostentar-se.

Isto não infirma absolutamente o princípio de liberdade dos Espíritos. Os que assim vêm o fazem *porque isto lhes agrada, e não porque sejam constrangidos.* Desde que a sua vinda não mais lhes convenha, nenhum efeito se produzirá, mesmo que o indivíduo seja verdadeiramente médium. Os mais poderosos médiuns de efeitos físicos passam por períodos de interrupção de sua faculdade, independentes de sua vontade. Isto jamais acontece com os charlatães.

Aliás, mesmo supondo reais, esses fenômenos não passam de uma aplicação *muito parcial* da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual. Mas, em si mesmos, *não constituem o Espiritismo*, de sorte que a sua negação não invalidaria absolutamente os princípios gerais da Doutrina.

20. Certas manifestações espíritas se prestam mais facilmente a uma imitação mais ou menos grosseira. Mas, por terem sido exploradas, como tantos outros fenômenos, pela astúcia e pela prestidigitação, seria absurdo concluir que não existam. Para quem estudou e conhece as condições normais em que podem produzir-se, é fácil distinguir a imitação da realidade. Aliás, a imitação jamais seria completa e não pode iludir senão o ignorante, incapaz de perceber as nuances características do fenômeno verdadeiro.

21. As manifestações mais fáceis de imitar são certos efeitos físicos e os efeitos inteligentes vulgares, tais como os movimentos, as batidas, os transportes, a escrita direta, as respostas banais, etc. Já não sucede o mesmo com as comunicações inteligentes de elevado alcance, ou da revelação de coisas notoriamente desconhecidas pelo médium. Para imitar os primeiros, basta habilidade; para simular os outros, seria preciso, quase sempre, uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual

excepcional e uma faculdade de improvisação a bem dizer universal, ou o dom da adivinhação.

22. As produções de espectros nos teatros foram apresentadas injustamente como tendo relações com a aparição dos Espíritos, dos quais não passam de grosseira e imperfeita imitação. Há que se ignorar os primeiros elementos do Espiritismo para aí ver a menor analogia e crer que é com isto que nos ocupamos nas reuniões espíritas. Os Espíritos não se tornam visíveis à ordem de ninguém, mas por sua própria vontade e em condições especiais, que ninguém tem o poder de provocar.

23. As evocações espíritas não consistem, como alguns imaginam, em fazer que os mortos voltem com o aparato lúgubre do túmulo. Apenas nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro é que se vêem os mortos enfurecidos saindo de seus sepulcros, enfarpelados de mortaldas, a estalar os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, também não faz este e jamais fará reviver um cadáver. O corpo que está na fossa aí permanece definitivamente; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi posto na tumba com o seu envoltório grosseiro; dele se separou no momento da morte. Operada a separação, nada mais tem de comum com o corpo.

24. A crítica malevolente se compraz em representar as comunicações espíritas como envoltas em práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Diremos simplesmente que, para se entrar em comunicação com os Espíritos, não há dias, nem horas, nem lugares mais propícios do que outros; para os evocar, não se precisa de fórmulas, nem de palavras sacramentais ou cabalísticas; não há necessidade de nenhuma preparação ou iniciação; o emprego de qualquer sinal ou objeto material para os atrair ou repelir não tem qualquer efeito: basta o pensamento. Enfim, os médiuns recebem suas comunicações tão simples e naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva, sem sair do estado normal. Só o charlatanismo poderia afetar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos.

A evocação dos Espíritos é feita em nome de Deus, com respeito e recolhimento. É a única coisa que se recomendada às pessoas sérias que queiram manter relações com Espíritos sérios.

25. As comunicações inteligentes recebidas dos Espíritos podem ser boas ou más, justas ou falsas, profundas ou levianas, conforme a natureza dos Espíritos que se manifestam. Os que provam sabedoria e saber são Espíritos adiantados que progrediram; os que demonstram ignorância e más qualidades são Espíritos ainda atrasados, nos quais, entretanto, o progresso se fará com o tempo.

Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem, de acordo com o progresso de cada um e, além disso, sobre aquilo que lhes é permitido dizer, porquanto há coisas que não podem revelar, uma vez que ainda não é dado aos homens tudo conhecer.

26. Em virtude da diversidade nas qualidades e aptidões dos Espíritos, não basta dirigir-se a um Espírito qualquer para obter-se uma resposta justa a todas as perguntas, porque, sobre muitas coisas, ele só pode dar a sua *opinião pessoal*, que pode

ser verdadeira ou falsa. Se for sensato, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se leviano ou mentiroso, responderá a tudo, sem se preocupar com a verdade; se orgulhoso, dará sua opinião como verdade absoluta. Haverá, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo quanto vier dos Espíritos. Daí por que é essencial conhecermos a natureza daqueles com os quais tratamos. (*O Livro dos Médiuns*, nº 267.)

27. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição; exprime sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das idéias é compensado quase sempre pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

28. O objetivo providencial das manifestações é convencer os incrédulos de que nem tudo acaba para o homem com o fim da vida terrestre e dar ao crente idéias mais exatas sobre o futuro. Os bons Espíritos vêm instruir-nos com vistas à nossa melhoria e ao nosso adiantamento, e não para nos revelarem o que ainda não devemos saber, ou que só saberemos pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, qualquer ignorante poderia tornar-se sábio com pouco ou nenhum esforço e todo preguiçoso poderia enriquecer sem trabalho. Eis o que Deus não quer. Os Espíritos auxiliam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o isentam do trabalho e nem das pesquisas, a fim de lhes deixar o mérito.

29. Seria fazer idéia muito falsa dos Espíritos, quem neles vissem auxiliares dos adivinhos. Os Espíritos sérios não se ocupam com coisas fúteis; os levianos e zombeteiros se ocupam de tudo, a tudo respondem e *predizem tudo quanto se queira*, sem se inquietarem com a verdade; para eles é um prazer mistificar as pessoas demasiado crédulas. É essencial que estejamos perfeitamente esclarecidos quanto à natureza das perguntas que podemos fazer aos Espíritos. (*O Livro dos Médiuns*, nº 286: "Perguntas que se podem fazer aos Espíritos".)

30. As manifestações, portanto, não se destinam a servir a interesses materiais, cuja preocupação é deixada à inteligência, ao julgamento e à atividade do homem. Seria inútil tentar usá-los para conhecer o futuro, descobrir tesouros ocultos, reaver heranças ou encontrar meios de enriquecer. Sua utilidade está nas conseqüências morais que resultam dessas manifestações; mas, não tivessem elas como resultado senão fazer conhecida uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e de sua imortalidade, e já seria muito: seria abrir larga estrada à filosofia.

31. Por estas poucas palavras pode-se ver que as manifestações espíritas, seja qual for a sua natureza, nada têm de sobrenatural ou de maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual, lei tão natural quanto a da eletricidade, da gravitação, etc. O Espiritismo é a ciência que nos dá a conhecer essa lei, como a mecânica nos revela a lei do movimento e a óptica a da luz. Estando na Natureza, as manifestações espíritas se produziram em todas as épocas; conhecida a lei que as rege, ficam explicados inúmeros problemas considerados insolúveis; é a chave de uma imensidão de fenômenos explorados e amplificados pela superstição.

32. Afastado completamente o maravilhoso, nada há nesses fenômenos que repugne à razão, porque vêm tomar lugar ao lado de outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância eram reputados sobrenaturais todos os efeitos cuja causa não se conhecia. As descobertas da Ciência restringiram sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei vem suprimi-lo. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isso mesmo, que falam de algo que não conhecem.

III - Dos Médiuns

33. O médium não possui senão a faculdade de comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se os Espíritos não quiserem manifestar-se, o médium nada obtém; é como um instrumento sem músico.

34. A facilidade das comunicações depende do grau de afinidade que existe entre os fluidos do médium e do Espírito. Assim, cada médium é mais ou menos apto a receber a *impressão* ou o *impulso* do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser bom instrumento para um, e mau para outro. Disto resulta que dois médiuns, igualmente bem-dotados, se postos lado a lado, um Espírito poderá manifestar-se por um, e não pelo outro.

É, pois, um erro crer que basta ser médium para receber com igual facilidade comunicações de todo e qualquer Espírito. Não existem médiuns universais. Os Espíritos buscam de preferência os instrumentos que vibram em uníssono.

Sem a harmonia, única que pode levar à assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas porque, na falta do Espírito desejado, não deixam de aparecer outros, prestes a aproveitar a ocasião para se manifestarem, e muito pouco preocupados em dizer a verdade.

35. Um dos maiores escolhos da mediunidade é a *obsessão*, isto é, o domínio que certos Espíritos podem exercer sobre os médiuns, a eles se impondo sob nomes apócrifos e os impedindo de se comunicarem com outros Espíritos.

36. O que constitui o médium propriamente dito é a faculdade. Sob esse aspecto, ele pode ser mais ou menos formado, mais ou menos desenvolvido. O que constitui o *médium seguro*, o que de fato pode ser qualificado de bom *médium*, é a aplicação que faz de sua faculdade, a aptidão para servir de intérprete aos bons Espíritos. { *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIII.)

37. A mediunidade é uma faculdade essencialmente móvel e fugidia, em razão de subordinar-se à vontade dos Espíritos; é por isso que está sujeita a intermitências. Tal motivo, e o princípio mesmo segundo o qual se estabelece a comunicação, são obstáculos a que se torne uma profissão lucrativa, visto que não poderia ser permanente, nem aplicável a todos os Espíritos, podendo falhar no momento em que mais se necessita dela. Aliás, não é racional admitir que Espíritos *sérios* se ponham à disposição do primeiro que os quisesse explorar.

38. De forma geral, os incrédulos tendem a suspeitar da boa-fé dos médiuns e do emprego de meios fraudulentos. Além do fato de tal suposição ser injuriosa em relação a certas pessoas, há de se perguntar, antes de tudo, que interesse elas poderiam ter em enganar, em brincar ou em representar uma comédia. A melhor garantia de

sinceridade está no desinteresse absoluto, porque onde nada se tem a ganhar o charlatanismo perde sua razão de ser.

Cada um pode constatar a realidade dos fenômenos, desde que se coloque em condições favoráveis e, à observação dos fatos, se arme da perseverança e da imparcialidade necessárias.

IV - Das Reuniões Espíritas

39. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude dos gostos e do caráter, e pela intenção que faz desejada a sua presença. Os Espíritos Superiores não vão às reuniões fúteis, como um sábio da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados; diz o simples bom senso que não poderia ser de outra forma. Se, por vezes, aí comparecem é para dar um conselho salutar, combater os vícios e tentar reconduzir ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se. Seria fazer idéia completamente falsa acreditar que Espíritos sérios pudessem sentir prazer em responder a futilidades e a questões ociosas, que nem provam apego nem respeito por eles, nem real desejo de instruir-se e, menos ainda, que pudessem dar-se em espetáculo para divertir curiosos. Se não o fizeram em vida, não o farão após a morte.

40. A frivolidade das reuniões tem por resultado atrair os Espíritos levianos, que apenas buscam ocasião para enganar e mistificar. Assim como os homens sérios não comparecem às assembléias levianas, os Espíritos sérios só vão às reuniões sérias, cujo objetivo é a instrução e não a curiosidade. É nas reuniões desse gênero que os Espíritos Superiores se comprazem em dar seus ensinamentos.

41. Do que precede, resulta que, para ser proveitosa, a primeira condição de toda reunião espírita é a seriedade e o recolhimento; que tudo aí se deve passar respeitosamente, religiosamente e com dignidade, caso se queira obter o concurso habitual dos bons Espíritos. Não se deve esquecer que se esses Espíritos aí se tivessem apresentado em vida, por eles teríamos dispensado considerações a que fazem jus ainda mais depois da morte do corpo físico.

42. É inútil alegar-se a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para convencer os incrédulos, pois o resultado que se obtém é completamente oposto. O incrédulo, naturalmente levado a zombar das crenças mais sagradas, não pode ver uma coisa séria naquilo de que se faz uma brincadeira; não pode inclinar-se a respeitar o que lhe é apresentado de maneira desrespeitosa. É por isso que as reuniões fúteis e levianas, aquelas em que não há ordem, nem gravidade, nem recolhimento, causam-lhe sempre má impressão. O que o pode convencer, sobretudo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara. É diante de suas palavras graves e solenes, de suas revelações íntimas que o vemos comover-se e empalidecer. Mas, assim como tem mais respeito, veneração e afeto pelo ser cuja alma lhe é apresentada, fica chocado, escandalizado por vê-la comparecer a uma assembléia irreverente, no

meio de mesas que dançam e dos gracejos de Espíritos levianos. Por mais incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança entre o sério e o frívolo, entre o religioso e o profano, razão por que tacha tudo isto de artimanha, saindo da reunião menos convencido do que se achava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, pois afastam da Doutrina mais pessoas do que a ela conduzem, sem contar que se prestam à crítica dos detratores, que nelas encontram fundadas razões para a zombaria.

ALLAN KARDEC

III

CARÁTER DA
REVELAÇÃO ESPÍRITA

PARIS - FEVEREIRO DE 1868

Caráter da Revelação Espírita

1. Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a Doutrina Espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem?

Precisará o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida? Tais as questões sobre que importa nos fixemos.

2. Definamos primeiro o sentido da palavra revelação. Revelar, do latim revelare, cuja raiz, velum, véu, significa literalmente sair de sob o véu - e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa ignota que é divulgada, de qualquer idéia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e pode dizer-se que há para a Humanidade uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia revelou a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. A característica essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos deixa de o ser, se for atribuída a Deus. Não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele: deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo, nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre.

5. Mas, o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Onde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? Tal o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. O que de novo ensinam aos homens, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*. Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por meio da inteligência, nem com o auxílio dos sentidos e cujo conhecimento lhe dão Deus ou seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens predispostos, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados* ou *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada debaixo deste ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem verificação, sem exame, nem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores e estes, embora longe estivessem de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Apesar do erro das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz brilhante do Cristianismo.

É, pois, injusto se lhes lance anátema em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental - *Deus e a imortalidade* da alma, se fundirão numa grande e vasta unidade, logo que a razão triunfe dos preconceitos.

Infelizmente, as religiões hão sido sempre instrumentos de dominação; o papel de profeta há tentado as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua ganância, ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde evitar esses parasitas.

A tal propósito, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de O *Evangelho segundo o Espiritismo*; "Haverá falsos Cristos e falsos profetas".

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que não padece dúvida é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e o grau a que chegaram de saber, esses podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome de Deus, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição da palavra, pela visibilidade dos Espíritos

instrutores, nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, do que há muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

É, pois, rigorosamente exato dizer-se que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Daí, entretanto, não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas, sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: "Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus". (Epístola Iª, 4:1.)

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus.* É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, fundamentalmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandarem-se os costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. O Cristo fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana careceria de tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual e mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até aos nossos dias, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar; estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhe o alcance e fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira, porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensino que deram os Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que estão aptos a compreendê-las. Participa da segunda, por

não ser esse ensino privilégio de indivíduo algum, mas ministrado a todos do mesmo modo; por não serem os que o transmitem e os que o recebem seres *passivos*, dispensados do trabalho da observação e da pesquisa, por não renunciarem ao raciocínio e ao livre-arbítrio; porque não lhes é interdito o exame, mas, ao contrário, recomendado; enfim, porque a doutrina não foi *ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque é deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*

14. Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não apresentou como hipóteses a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina; concluiu pela existência dos Espíritos, quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram a *posterior* confirmar a teoria: a teoria é que veio subseqüentemente explicar e resumir os fatos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas.

15. Citemos um exemplo. Passa-se no mundo dos Espíritos um fato muito singular, de que seguramente ninguém houvera suspeitado: o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Pois bem, os Espíritos Superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram dizer antecipadamente: "Há Espíritos que julgam viver ainda a vida terrestre, que conservam seus gostos, costumes e instintos". Provocaram a manifestação de Espíritos desta categoria para que os observássemos. Tendo-se visto Espíritos incertos quanto ao seu estado, ou afirmando ainda serem deste mundo, julgando-se aplicados às suas ocupações ordinárias, deduziu-se a regra. A multiplicidade de fatos análogos demonstrou que o caso não era excepcional, que constituía uma das fases da vida espiritual; pode-se então estudar todas as variedades e as causas de tão singular ilusão, reconhecer que tal situação é sobretudo própria de Espíritos pouco adiantados moralmente e peculiar a certos gêneros de morte; que é temporária, podendo, todavia, durar semanas, meses e anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação.

O mesmo se deu com relação a todos os outros princípios da doutrina.

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do

princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O *Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente*; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e sucedem numa ordem racional; nascem umas das outras, à proporção que acham ponto de apoio nas idéias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras cultivadas, conservou os erros da infância, até ao momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, teve de acompanhá-la de perto, para depois marcharem ambas de acordo, amparando-se uma à outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio das luzes que lhes trouxeram a Física e a Química. À Geologia nascida ontem, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teriam faltado elementos de vitalidade; ela só podia vir depois daquelas.

18. A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos Antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um *só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao *elemento material*, juntou ele o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis.^{xvii}

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.

19. Acusam-no de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquecem que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária, ainda não muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria hoje ocupar-se. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o germen das verdades de que saíram as ciências atuais. Apesar das suas ridículas formulas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, aos quais a superstição

atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou.

O mesmo se dá com o Espiritismo, relativamente à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, ignorantes das leis que regem o mundo espiritual, misturavam, com essas relações, práticas e crenças ridículas, com as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, acabou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Confundi-las é provar que de nenhuma se sabe coisa alguma.

20. O simples fato de poder o homem comunicar-se com os seres do mundo espiritual traz conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se nos revela e que tem tanto mais importância, quanto a ele hão de voltar todos os homens, sem exceção.

O conhecimento de tal fato não pode deixar de acarretar, generalizando-se, profunda modificação nos costumes, caráter, hábitos, assim como nas crenças que tão grande influência exerceu sobre as relações sociais. É uma revolução completa a operar-se nas idéias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não se circunscreve a um povo, nem a uma casta, visto que atinge simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Razão há, pois, para que o Espiritismo seja considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e qual o laço que as liga entre si.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Soberano Senhor e Orientador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa primitiva fé, purificando-se, havia de espalhar-se por sobre a Terra.

22. O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação* da vida *futura*, de que Moisés não falara, assim como a das penas e recompensas que aguardam o homem, depois da morte. (Vide: *Revue Spirite*, 1861, páginas 90 e 280.)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra angular de toda a sua doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera Ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do

inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo aos combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção por sobre todos os seus filhos e os chama todos a si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens: "A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados". Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas, o Deus de misericórdia, que diz: "Perdoai as ofensas, se quereis ser perdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis que vos façam". Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas, o Deus grande, que vê o pensamento e que não se honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus o eixo de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, o caráter de todas as religiões é conforme à idéia que elas dão de Deus. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que têm um Deus parcial e cioso são intolerantes e mais ou menos meticulosas na forma, por crerem-no mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo se funda no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele fez do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: *Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a lei e os profetas; não existe outra lei.* Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal. Mas, fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, de par com a da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob outro aspecto e tinha, por isso mesmo, de reagir contra os costumes e as relações sociais. É esse incontestavelmente, por suas conseqüências, o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância não foi compreendida suficientemente e, contrista dizê-lo, é também o ponto de que mais a Humanidade se tem afastado, que mais há desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: "Muitas das coisas que vos digo ainda não as Compreendeis e muitas outras teria a dizer, que não compreenderíeis; por isso é que vos falo por parábolas; mais tarde, porém, enviar-vos-ei o Consolador, o Espírito de

Verdade, que restabelecerá todas as coisas e vo-las explicará todas.''' (João, 14 e 16; Mateus, 17.)

Se o Cristo não disse tudo quanto poderia dizer, é que julgou conveniente deixar certas verdades na sombra, até que os homens chegassem ao estado de compreendê-las. Como Ele próprio o confessou, seu ensino era incompleto, pois anunciava a vinda daquele que o completaria; previra, pois, que suas palavras não seriam bem interpretadas, e que os homens se desviariam do seu ensino; em suma, que desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas hão de ser restabelecidas; ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito.

27. Por que chama Ele *Consolador* ao novo messias? Este nome, significativo e sem ambigüidade, encerra toda uma revelação. Assim, Ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez nunca o Cristo fosse tão claro, tão explícito, como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção bastante, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar-lhes o sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. Completar o seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e *desenvolver*, não no de ajuntar-lhe verdades novas, porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.

29. Mas, quem toma a liberdade de interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as necessárias luzes, senão os teólogos? Quem o ousa? Primeiro, a Ciência, que a ninguém pede permissão para dar a conhecer as leis da Natureza e que salta sobre os erros e os preconceitos. - Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todos e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria a tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais, necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, contudo, não o eram bastante para não condenarem como heresia o movimento da Terra e a crença nos antípodas. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não lançaram anátema à teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho. Querendo a todo custo encontrar nele a confirmação de uma idéia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem abandonar o seu ponto de vista, de modo que só viam o que

queriam ver. Por muito instruídos que fossem, eles não podiam compreender causas dependentes de leis que lhes eram desconhecidas.

Mas, quem julgará das interpretações diversas e muitas vezes contraditórias, fora do campo da teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis se foram revelando, saberão separar da realidade os sistemas utópicos. Ora, as ciências tornam conhecidas algumas leis; o Espiritismo revela outras; todas são indispensáveis à inteligência dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à teologia, essa não poderá judiciosamente alegar contradições da Ciência, visto como também ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À idéia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à idéia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos da suas próprias obras.

31. Pelas relações que hoje pode estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, possui o homem não só a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo e os deste mundo aos dos outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, aprecia-lhes as alegrias e as penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e a sorte que lhes está reservada, conforme o bem

ou o mal que fizerem. Essas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas peripécias; o futuro já não é uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Desde então, a morte nada mais tem de aterrador, por lhe ser a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desdita, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada qual sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, por outra, que é punido no que pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu; que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente, se persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, todos podem, em virtude do livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente sofre, pelos seus excessos, enquanto não lhes põe termo.

33. Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a idéia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (nº 5).

35. Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se a cair no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnaís; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal conseqüências inevitáveis.

36. Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados

contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e *própria a ser explorada* como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas idéias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contra-senso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, ao *renascer*, o germen das suas imperfeições, dos defeitos de que se não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas conseqüências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente eqüitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. Existe, pois, a *virtude original*, como existe o saber *original*, e o *pecado* ou, antes, o vício *original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, suspeitado desde a Antigüidade e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma, depois da destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje que esse invólucro é *inseparável da alma*, forma um dos elementos constitutivos do ser humano, é o veículo da transmissão do pensamento e, durante a vida do corpo, serve de laço entre

o Espírito e a matéria. O perispírito representa importantíssimo papel no organismo e numa multidão de afecções, que se ligam à fisiologia, assim como à psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege - fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da dupla vista, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais ele demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

41. O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem era ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

42. Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, *até à última hora da vida*, não fica perdido, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador.^{xviii}

43. Se a estes resultados adicionarmos a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo, apesar de tudo quanto fazem por abatê-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade dos homens. A facilidade com que é aceito por grande número de pessoas, sem constrangimento, apenas pelo poder da idéia, prova que ele corresponde a uma

necessidade, qual a de crer o homem em alguma coisa para encher o vácuo aberto pela incredulidade e que, portanto, veio no momento preciso.

44. São em grande número os aflitos; não é, pois, de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às que desesperam, porque aos deserdados, mais do que aos felizes do mundo, é que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação do que aquele que está bem de saúde; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vós que combateis o Espiritismo, se quereis que o abandonemos para vos seguir, dai-nos mais e melhor do que ele; curai com maior segurança as feridas da alma. Dai mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; fazei do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; porém, não julgueis vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.^{xix}

45. A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma: ninguém, por conseqüência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos". (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia, a todos, de ponto de ligação.^{xx}

46. As duas primeiras revelações, sendo fruto do ensino pessoal, ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco; mas, foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem mesmo o invadirem inteiramente. A terceira tem isto de particular: não estando personificada em um só indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se esses centros, seus raios se reúnem pouco a pouco, como os círculos formados por uma multidão de pedras lançadas na água, de tal sorte que em dado tempo, acabarão por cobrir toda a superfície do globo.

Essa uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela tivesse surgido num só ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, houvera formado seitas em torno dela; e talvez decorresse meio século sem que ela atingisse os limites do país onde começara, ao passo que, após dez anos, já estende raízes de um pólo a outro.

47. Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, lhe dá força excepcional e irresistível poder de ação; de fato, se a perseguirem num ponto, em determinado país, será materialmente impossível que a persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe embaracem a marcha, haverá

mil outros em que florescerá. Ainda mais: se a ferirem num indivíduo, não poderão feri-la nos Espíritos, que são a fonte donde ela promana. Ora, como os Espíritos estão em toda parte e existirão sempre, se, por um acaso impossível, conseguissem sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria pouco tempo depois, porque repousa sobre um fato que está na Natureza e não se podem suprimir as leis da Natureza. Eis aí o de que se devem persuadir aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revue Spirite*, fev. 1865, pág. 38: "Perpetuidade do Espiritismo".)

48. Entretanto, disseminados os centros, poderiam ainda permanecer por muito tempo isolados uns dos outros, confinados como estão alguns em países longínquos. Faltava entre eles uma ligação, que os pusesse em comunhão de idéias com seus irmãos em crença, informando-os do que se fazia algures. Esse traço de união, que na Antigüidade teria faltado ao Espiritismo, hoje existe nas publicações que vão a toda parte, condensando, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob formas múltiplas e nas diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de concorrerem para a sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Contudo, notam-se entre as duas bem sensível diferença, devida ao progresso dos costumes e das idéias, se bem que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, mas com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira*; é livremente aceita e só se impõe pela persuasão; foi controvertida desde o tempo do seu fundador, que não desdenhava de discutir com os seus adversários.

50. A terceira revelação, vinda numa época de emancipação e madureza intelectual, em que a inteligência, já desenvolvida, não se resigna a representar papel passivo; em que o homem nada aceita às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa - tinha ela que ser ao mesmo tempo o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os *Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo*, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe a ele aproveitá-los e pô-los em obra (n^a 15).

51. Tendo sido os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é claro que as observações não podiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as conseqüências a tirar, a dedução das leis que regem esta ordem de fenômenos, em suma, a conclusão sobre que haviam de firmar-se as idéias não podiam sair senão do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito dentro de um círculo restrito, não vendo as mais das vezes senão uma

ordem particular de fatos, não raro contraditórios na aparência, geralmente provindo de uma mesma categoria de Espíritos e, ao demais, embaraçados por influências locais e pelo espírito de partido, se achava na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, incapaz de conjugar as observações isoladas a um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião especial dos Espíritos que se manifestassem, bem cedo teriam surgido tantas teorias e sistemas, quantos fossem os centros, todos incompletos por falta de elementos de comparação e exame. Numa palavra, cada qual se teria imobilizado na sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Além disso, convém notar que em parte alguma o ensino espírita foi dado integralmente; ele diz respeito a tão grande número de observações, a assuntos tão diferentes, exigindo conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que impossível era acharem-se reunidas num mesmo ponto todas as condições necessárias. Tendo o ensino quer ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho, disseminando os assuntos de estudo e observação como, em algumas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida por diversos operários.

A revelação fez-se assim parcialmente em diversos lugares e por uma multidão de intermediários e é dessa maneira que prossegue ainda, pois que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra nos outros centros o complemento do que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinos parciais que constituíram a *Doutrina Espírita*.

Era, pois, necessário grupar os fatos espalhados, para se lhes apreender a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para as comparar, analisar, estudar-lhes as analogias e as diferenças. Vindo as comunicações de Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso apreciar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo.

Era preciso, numa palavra, um centro de elaboração, independente de qualquer idéia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, embora contrária às opiniões pessoais*. Este centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem desígnio premeditado.^{xxi}

53. De todas essas coisas, originou-se dupla corrente de idéias; umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras encaminhando-se do centro para a circunferência. Desse modo, a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, malgrado à diversidade das fontes donde promanou; os sistemas divergentes ruíram

pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram, diante do ascendente da opinião da maioria, em a qual não encontraram repercussão simpática.

Desde então, uma comunhão de idéias se estabeleceu entre os diversos centros parciais. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e estimam, de um extremo a outro do mundo.

Sentiram-se assim mais fortes os espíritas, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não mais se viram insulados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço a prendê-los à grande família. Não mais lhes pareceram singulares, anormais, nem contraditórios os fenômenos que presenciavam, desde que puderam conjugá-los a leis gerais e descobrir um fim grandioso e humanitário em todo o conjunto.^{xxii}

Mas, como se há de saber se um princípio é ensinado por toda parte, ou se apenas exprime uma opinião pessoal? Não estando os grupos independentes em condições de saber o que se diz alhures, necessário se fazia que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de apuro das vozes e transmitir a todos a opinião da maioria.^{xxiii}

54. Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Há, todavia, capital diferença entre a marcha do Espiritismo e a das ciências; a de que estas não atingiram o ponto que alcançaram, senão após longos intervalos, ao passo que alguns anos bastaram ao Espiritismo, quando não a galgar o ponto culminante, pelo menos a recolher uma soma de observações bem grande para formar uma Doutrina. Decorre esse fato de ser inumerável a multidão de Espíritos que, por vontade de Deus, se manifestam simultaneamente, trazendo cada um o contingente de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da Doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase ao mesmo tempo, em alguns anos apenas, e que bastou reuni-las para que estruturassem um todo.

Quis Deus fosse assim, primeiro, para que o edifício mais rapidamente chegasse ao ápice; em seguida, para que se pudesse, por meio da comparação, conseguir uma verificação, a bem dizer imediata e permanente, da universalidade do ensino, nenhuma de suas partes tendo valor, nem *autoridade*, a não ser pela sua conexão com o conjunto, devendo todos harmonizar-se, colocado cada um no devido lugar e vindo cada um na hora oportuna.

Não confiando a um único Espírito o encargo de promulgar a Doutrina, quis Deus, também, que, assim o mais pequenino, como o maior, tanto entre os Espíritos, quanto entre os homens, trouxesse sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas decorrentes de um tronco único.

Por outro lado, dispondo todo Espírito, como todo homem, apenas de limitada soma de conhecimentos, não estavam eles aptos, individualmente, a tratar *ex-professo* das inúmeras questões que o Espiritismo envolve. Essa ainda uma razão por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, não podia a Doutrina ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium. Tinha que emergir da coletividade dos trabalhos, comprovados uns pelos outros.^{xxiv}

55. Um último caráter da revelação espírita, a ressaltar das condições mesmas em que ela se produz, é que, apoiando-se em fatos, tem que ser, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pela sua substância, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza, com relação a certa ordem de fatos, não pode ser contrária às leis de Deus, autor daquelas leis. As descobertas que a Ciência realiza, longe de o rebaixarem, glorificam a Deus; unicamente destroem o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram de Deus.

O Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo-se com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de *verdades práticas* e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. *Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará?*^{xxv}

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, uma vez que não difere da do Cristo? Precisa o homem de uma revelação? Não pode achar em si próprio tudo o que lhe é necessário para conduzir-se?

Do ponto de vista moral, é fora de dúvida que Deus outorgou ao homem um guia, dando-lhe a consciência, que lhe diz: "Não faças a outrem o que não querarias te fizessem". A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens; porém, sabem todos lê-la nesse livro? Nunca lhes desprezaram os sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticaram mesmo aqueles que a ensinam? Reprovareis que um pai repita a seus filhos dez vezes, cem vezes as mesmas instruções, desde que eles não as sigam? Por que haveria Deus de fazer menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos a tempos, mensageiros especiais aos homens, para lhes lembrar os deveres e reconduzi-los ao bom caminho, quando deste se afastam; para abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o ensino deles, se apenas repisam o que já sabemos? Outro tanto se poderia dizer da moral do Cristo, que já Sócrates e Platão ensinaram quinhentos anos antes e em termos quase idênticos. O mesmo se poderia dizer também das de todos os moralistas, que nada mais fazem do que repetir a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *os Espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, tanto se fazem ouvir na choupana, como no palácio, assim pelos ignorantes, como pelos instruídos.

O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes que o Espiritismo e os Espíritos espargem, o homem se reconhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social; ele faz por convicção o que fazia unicamente por dever, e o faz melhor.

Somente quando praticarem a moral do Cristo, poderão os homens dizer que não mais precisam de moralistas encarnados ou desencarnados. Mas, também, Deus, então, já não lhes enviará.

57. Uma das questões mais importantes, entre as propostas no começo deste capítulo, é a seguinte: Que autoridade tem a revelação espírita, uma vez que emana de seres de limitadas luzes e não infalíveis?

A objeção seria ponderosa, se essa revelação consistisse apenas no ensino dos Espíritos, se deles exclusivamente a devêssemos receber e houvêssemos de aceitá-la de olhos fechados. Perde, porém, todo valor, desde que o homem concorra para a revelação com o seu raciocínio e o seu critério; desde que os Espíritos se limitam a pô-lo no caminho das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, nas suas inumeráveis modalidades, são fatos que o homem estuda para lhes deduzir a lei, auxiliado nesse trabalho por Espíritos de todas as categorias, que, de tal modo, são mais *colaboradores* seus do que *reveladores*, no sentido usual do termo. Ele lhes submete os dizeres ao cadinho da lógica e do bom senso: desta maneira se beneficia dos conhecimentos especiais de que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, sem abdicar o uso da própria razão.

Sendo os Espíritos unicamente as almas dos homens, comunicando-nos com eles não *saímos fora da Humanidade*, circunstância capital a considerar-se. Os homens de gênio, que foram facho da Humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e para lá voltaram, ao deixarem a Terra. Dado que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios podem dar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, tal qual faziam quando vivos; apenas, são invisíveis, em vez de serem visíveis; essa a única diferença. Não devem ser menores do que eram a experiência e o saber que possuem e,

se a palavra deles, como homens, tinha autoridade, não na pode ter menos, somente por estarem no mundo dos Espíritos.

58. Mas, nem só os Espíritos Superiores se manifestam; fazem-no igualmente os de todas as categorias e preciso era que assim acontecesse, para nos iniciarmos no que respeita ao verdadeiro caráter do mundo espiritual, apresentando-se-nos este por todas as suas faces. Daí resulta serem mais íntimas as relações entre o mundo visível e o mundo invisível e mais evidente a conexão entre os dois. Vemos assim mais claramente donde procedemos e para onde iremos. Esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos, pois, qualquer que seja o grau de elevação em que se encontrem, alguma coisa nos ensinam; cabe-nos, porém, a nós, visto que eles são mais ou menos esclarecidos, discernir o que há de bom ou de mau no que nos digam e tirar, do ensino que nos dêem, o proveito possível. Ora, todos, quaisquer que sejam, nos podem ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles nunca saberíamos.

59. Os grandes Espíritos encarnados são, sem contradita, individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Viesse um só dentre eles, embora fosse Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, revelar, nos tempos modernos, aos homens, as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade das suas asserções, nesta época de cepticismo? Não o tomariam por sonhador ou utopista? Mesmo que fosse verdade absoluta o que dissesse, séculos se escoariam antes que as massas humanas lhe aceitassem as idéias. Deus, em sua sabedoria, não quis que assim acontecesse; quis que o ensino fosse dado pelos *próprios Espíritos*, não por encarnados, a fim de que aqueles convencessem da sua existência a estes últimos e quis que isso ocorresse por toda a Terra simultaneamente, quer para que o ensino se propagasse com maior rapidez, quer para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si próprio.

60. Os Espíritos não se manifestam para libertar do estudo e das pesquisas o homem, nem para lhe transmitirem pronta, nenhuma ciência. Com relação ao que o homem pode achar por si mesmo, eles o deixam entregue às suas próprias forças. Isso sabem-no hoje perfeitamente os espíritas. De há muito, a experiência há demonstrado ser errôneo atribuir-se aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria e supor-se que baste a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se apresente para conhecer todas as coisas. Saídos da Humanidade, eles constituem uma de suas faces. Assim como na Terra, no plano invisível também os há superiores e vulgares; muitos, pois, que, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Do mesmo modo que os homens, os Espíritos mais adiantados podem instruir-nos sobre maior porção de coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas, do que os atrasados. *Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele.* Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Qual, então, a utilidade dessas manifestações, ou, se o preferirem, dessa revelação, uma vez que os Espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como já o declaramos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, há coisas cuja revelação não lhes é permitida, porque o grau do nosso adiantamento não as comporta. Afora isto, as condições da nova existência em que se acham lhes dilatam o círculo das percepções: eles vêem o que não viam na Terra; libertos dos entraves da matéria, isentos dos cuidados da vida corpórea, apreciam as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais são; a perspicácia de que gozam abrange mais vasto horizonte; compreendem seus erros, retificam suas idéias e se desembaraçam dos prejuízos humanos.

E nisto que consiste a superioridade dos Espíritos com relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de serem seus conselhos, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, ao demais, iniciar-nos nas coisas, que ignoramos, relativas à vida futura e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até ao presente, o homem apenas formulara hipóteses sobre o seu porvir; tal a razão por que suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o niilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo que nos vêm dizer em que se tornaram e só eles *o podiam fazer*. Suas manifestações, conseqüentemente, serviram para dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos e só esse conhecimento seria de capital importância, dado mesmo que nada mais pudessem os Espíritos ensinar-nos.

Se fordes a um país que ainda não conheceis, recusareis as informações que vos dê o mais humilde campônio que encontrardes? Deixareis de interrogá-lo sobre o estado dos caminhos, simplesmente por ser ele um camponês? Certamente não esperareis obter, por seu intermédio, esclarecimentos de grande alcance, mas, de acordo com o que ele é na sua esfera, poderá, sobre alguns pontos, informar-vos melhor do que um sábio, que não conheça o país. Tirareis das suas indicações deduções que ele próprio não tiraria, sem que por isso deixe de ser um instrumento útil às vossas observações, embora apenas servisse para vos informar acerca dos costumes dos camponeses. Outro tanto se dá no que concerne às nossas relações com os Espíritos, entre os quais o menos qualificado pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação vulgar tornará ainda melhor compreensível a situação.

Parte para destino longínquo um navio carregado de emigrantes. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Vem-se a saber que esse navio naufragou. Nenhum vestígio resta dele, nenhuma notícia chega sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros pereceram e o luto penetra em todas as suas famílias. Entretanto, a equipagem inteira, sem faltar um único homem, foi ter a uma

ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passam a viver ditosos, sob um céu clemente. Ninguém, todavia, sabe disso. Ora, um belo dia, outro navio aporta a essa terra e lá encontra sãos e salvos os náufragos. A feliz nova se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: "Não estão perdidos os nossos amigos!" E rendem graças a Deus. Não podem ver-se uns aos outros, mas correspondem-se; permutam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. A última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que a eles nos reuniremos um dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas, outros resultados fecundam essa revelação. Achando madura a Humanidade para penetrar o mistério do seu destino e contemplar, a sangue-frio, novas maravilhas, permitiu Deus fosse erguido o véu que ocultava o mundo invisível ao mundo visível. Nada têm de extra-humanas as manifestações; é a *humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e dizer-lhe:

"Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que somos e o que sereis; o futuro vos pertence, como a nós. Caminhais nas trevas, vimos clarear-vos o caminho e traçar-vos o roteiro; andais ao acaso, vimos apontar-vos a meta. A vida terrena era, para vós, tudo, porque nada víeis além dela; vimos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre nada é. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos desvendamos, para lá deste, um esplêndido horizonte. Não sabíeis por que sofreis na Terra; agora, no sofrimento, vedes a justiça de Deus. O bem nenhum fruto aparente produzia para o futuro. Doravante, ele terá uma finalidade e constituirá uma necessidade; a fraternidade, que não passava de bela teoria, assenta agora numa lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós e a vossa palavra de ordem é: 'Cada um por si'. Com a certeza do porvir, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além da tumba. É o reino da caridade, sob a divisa: 'Um por todos e todos por um.' Enfim, ao termo da vida, dizíeis eterno adeus aos que vos são caros; agora, dir-lhes-eis: 'Até breve!'"

Tais, em resumo, os resultados da revelação nova, que veio encher o vácuo que a incredulidade cavara, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir a todas as coisas uma razão de ser. Carecerá de importância esse resultado, apenas porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar saber aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de se enriquecerem sem trabalho? Nem só, entretanto, à vida futura dizem respeito os frutos que o homem deve colher dela. Ele os saboreará na Terra, pela transformação que estas novas crenças hão de necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo.^{xxvi}

ALLAN KARDEC

IV

CATÁLOGO RACIONAL DAS OBRAS PARA SE FUNDAR UMA BIBLIOTECA ESPÍRITA

PARIS - MAIO DE 1869

I — Obras Fundamentais da Doutrina Espírita:

Por Allan Kardec

LIVRO DOS ESPÍRITOS (O) (parte filosófica) contendo os princípios da Doutrina Espírita. - 1 vol. in-12, 16ª edição; 3 fr. 50 c.

* *Edição alemã:* Viena (Áustria). - Duas partes vendidas separadamente: 3 fr. cada uma; pelo correio, 3 fr. 50 c.

* *Edição espanhola:* Madri, Barcelona, Paris. Preço: 3. fr. 50 c; pelo correio, 4 fr.

LIVRO DOS MÉDIUNS (O) (parte experimental). Guia dos médiuns e dos evocadores, contendo a teoria de todos os gêneros de manifestação. - 1 vol. in-12, 11ª edição: 3 fr. 50 c.

» *Edição espanhola:* Madri, Barcelona, Paris. -Preço: 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr.

EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO (O) (parte moral), contendo a explicação das máximas morais do Cristo, sua aplicação e sua concordância com o Espiritismo. - 1 vol. in-12, 4ª edição; 3 fr. 50 c.

* *Edição espanhola:* (no prelo).

CÉU E O INFERNO (O), ou a *Justiça Divina segundo o Espiritismo*, contendo numerosos exemplos sobre a situação dos Espíritos no mundo espiritual e na Terra. - 1 vol. in-12; 4ª edição; 3 fr. 50 c.

* *Edição espanhola:* (no prelo).

GÊNESE, OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES, SEGUNDO O ESPIRITISMO (A). - 1 vol. in-12. 4ª edição; 3 fr. 50 c.

* *Edição espanhola:* (no prelo).

* *Encadernação:* 1 fr. por volume.

QUE É O ESPIRITISMO (O). Introdução ao conhecimento do mundo dos Espíritos. - 1 vol. in-12, 8ª edição; 1 fr.

* *Edição em língua polonesa.*

ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

(O). - Brochura in-18 de 36 páginas, 15 c; vinte exemplares, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c.

* *Edições em alemão, inglês, espanhol, português, polonês, italiano, russo, grego moderno, croata, 30 c.*

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS. -

Brochura in-18; 10 c; vinte exemplares, 1 fr. 75 c; pelo correio, 2 fr. 10 c.

CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA. - Brochura in-18, 15 c; vinte exemplares, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 70 c.

VIAGEM ESPÍRITA EM 1862. - Brochura in-8, 1 fr.

Revista Espírita

Jornal de "Estudos Psicológicos"

Fundada por Allan Kardec

Sai entre o dia 1^o e 5 de cada mês, desde 1^o de janeiro de 1858, em duas folhas de formato mínimo in-8. - Preço: para a França e a Argélia, 10 fr. por ano; estrangeiro, 12 fr.; territórios franceses de além-mar, 14 fr. - Não se fazem assinaturas por menos de um ano, a partir de 1^o de janeiro de cada ano.

Pode-se comprar todos os números separadamente, desde o início. - Preço de cada número, 1 fr.

COLEÇÃO DA REVISTA ESPÍRITA A PARTIR DE 1858. Cada ano forma um volume grande em brochura in-8, com título especial, índice geral e capa impressa. - Preço de cada ano separadamente, 7 fr.; a coleção completa, 6 fr. o volume. O ano que precede o ano corrente, separadamente, mesmo preço da assinatura, 10 fr. *Encadernação:* 1 fr. 50 c. por volume.

Operações e Condições

O escritório de assinaturas e de expedição da *Revista Espírita*, fundada por Allan Kardec, fica na sede da *Livraria Espírita*, rua de Lille, 7.

Além das obras fundamentais da Doutrina e das que constam deste catálogo, a casa se encarrega, a título de comissão, de todas as compras de livraria e assinaturas de todos os jornais e revistas.

A casa não trabalha com reembolso. Com exceção dos correspondentes que possuem conta-corrente, os pedidos deverão ser acompanhados do valor do preço em espécie ou vales postais de Paris, aos cuidados do Sr. Bittard, gerente da *Livraria Espírita*, rue de Lille, 7, em Paris.

Nos termos da lei (art. 100 do Código Comercial), as mercadorias viajam por conta e risco do destinatário, salvo recurso contra o transportador. Em consequência, a casa não se responsabiliza pela perda dos artigos cuja expedição conste regularmente de seus registros. Encarrega-se, porém, a título oficioso, de fazer reclamações a quem de direito.

Recebemos apenas cartas franqueadas. As despesas de porte para o estrangeiro, estando submetidas a variações conforme o país, serão calculadas de acordo com as tarifas internacionais.

II — Obras Diversas sobre o "Espiritismo"

(Ou Complementares da Doutrina)

Nota - As referências à *Revista Espírita* indicam as obras que foram anunciadas em suas páginas.

SÍNTESE DA DOCTRINA ESPÍRITA, por FLORENT LOTH, de Amiens. Brochura in-8; 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Amiens, nas principais livrarias.

Destinado a propagar a Doutrina nos campos, este livro é extraído parcialmente das obras fundamentais. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1868, pág. 57.)

CONCORDÂNCIA DA FÉ E DA RAZÃO, dedicado ao clero, pelo Sra. J. -B. - Brochura in-8, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 75. (*Revue Spirite*, abril de 1865, pág. 128.)

CHAVE DA VIDA. (Vide MICHEL.)

COMO E POR QUE ME TORNEI ESPÍRITA, por BORREAU, de Niort. - Brochura in-8, 2 fr., com fac-símile; pelo correio, 2 fr. 30 c. Paris, Didier; Niort, todas as livrarias. (*Revue Spirite*, dezembro de 1864, pág. 393.)

ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO (Os). - Entrevistas sobre as ciências, a natureza e a alma, por Sir HUMPHRY DAVY, traduzido do inglês e comentado por C. *Flammarrion*. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier. (*Revue Spirite*, julho de 1869, pág. 216.)

DEUS NA NATUREZA, por C. FLAMMARION. - 1 vol. in-12, 4 fr. Paris, Didier & Cia. (*Revue Spirite*, setembro de 1867, pág. 286.)

DOGMAS DA IGREJA DO CRISTO (Os), explicados pelo Espiritismo, por DE BOLTINN; traduzido do russo. - 1 vol in-8, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 50 c. Paris, Reinvald. (*Revue Spirite*, dezembro de 1866, pág. 389.)

REVELAÇÕES DE ALÉM-TÚMULO. DOZON (Henri). - 4 vol. in-12, 4 fr.; pelo correio, 5 fr. 20 c.

Coletânea de instruções que tendem à união do Catolicismo e do Espiritismo, marcados por um forte sentimento religioso e por alta moralidade, com numerosas preces ditadas pelos Espíritos. (*Revue Spirite*, janeiro de 1862, pág. 29.)

* *Lições de Espiritismo para as crianças*. - Brochura in-12, 50 c; pelo correio, 60 c.

* *Revista*, coleção de 15 meses, de 15 de janeiro de 1863 a 15 de abril de 1864, 5 fr.; pelo correio, 6 fr.

EDUCAÇÃO MATERNA (A). Conselhos às mães de família, pela senhora E. C, de Bordeaux. - Brochura in-8, 50 c. Bordeaux, Ferret. (*Revue Spirite*, julho de 1864, pág. 223.) (Esgotado.)

CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO, pela senhora E. C. de Bordeaux. - Brochura in-8, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. Bordeaux, Ferret. (*Revue Spirite*, setembro de 1865, pág. 288.)

ETERNIDADE DESVENDADA (A), por H. DELAAGE - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

ESTUDOS E SESSÕES ESPÍRITAS, pelo doutor HOUAT. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Esta obra é o resultado de instruções sobre homeopatia, dadas pela tiptologia durante um ano, numa série de sessões.

EVANGELHOS (OS QUATRO), seguidos dos mandamentos, explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas, por ROUSTAING, advogado em Bordeaux. -3 vol. in-12, 10 fr. 50 c; pelo correio, 11 fr. Paris, Aumont. (*Revue Spirite*, junho e setembro de 1866, págs. 190 e 271.)

A teoria formulada nesta obra sobre a natureza fluídica do corpo de Jesus, que não teria nascido e sofrido senão em aparência, é a mesma dos *docetistas* e dos *apolinaristas* dos primeiros séculos da Era Cristã. (Sobre essa teoria, vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo XV, n²⁵ 64 a 68.)

FORÇAS FÍSICAS DESCONHECIDAS (As), a propósito dos irmãos Davenport, por HERMES. Brochura in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 20 c. Paris, Didier & Cia. (*Revue Spirite*, março de 1866, pág. 95.)

INSTRUÇÃO PRÁTICA para a organização de grupos espíritas, especialmente nos campos, por M. C..., Paris, 1869. - *Livraria Espírita*. 1 vol. in-12, 1 fr. (*Revue Spirite*, julho de 1869, pág. 222.)

JOANA D'ARC (HISTÓRIA DE), ditada por ela mesma à senhorita Ermance Dufaux, de 14 anos. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 30 c.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO, escritas aos eclesiásticos, pela Sra. J. -B. - Brochura in-8, 50 c; pelo correio, 60 c. (*Revue Spirite*, agosto de 1864, pág. 252)

MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS, por PAUL AUGUEZ. - 1857. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1858, pág. 63.)

A CHAVE DA VIDA. MICHEL (de Figagnères, Var). - 2 vol. in-12, 7 fr. (Esgotado.)

Estranho sistema de cosmogonia e teogonia universais, ditado ao Sr. Michel, em estado de êxtase. Esse livro, escrito no início das manifestações, coincide em certos pontos com a Doutrina Espírita, mas em sua maior parte está em contradição com os dados da Ciência e o ensino geral dos Espíritos. (Vide *A Gênese segundo o Espiritismo*, cap. VIII, n- de 4 a 7.)

* *A Vida Universal*, do mesmo autor. - 1 vol. in-8, 6 fr. (Esgotado).

DOS ESPÍRITOS E DE SUAS MANIFESTAÇÕES FLUÍDICAS. MIRVILLE (de). - 1 vol. in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 50 c.

* *Manifestações Históricas*. - 4 vol. in-8, 28 fr.; pelo correio, 30 fr.

* *Manifestações taumatúrgicas e milagres*. - 1 vol. in-8 e suplemento, 9 fr. 50 c; pelo correio, 10 fr.

* *Questões dos Espíritos*. - Vi vol. in-8, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. Paris, Wattelier.

O Sr. de Mirville foi um dos primeiros a afirmar e a provar a existência dos Espíritos e de suas manifestações. Sua primeira obra, a das *Manifestações Fluídicas*, precedeu O *Livro dos Espíritos* e contribuiu poderosamente para a propagação da idéia, abrindo caminho à Doutrina que eclodiria mais tarde. É, pois, injustamente que certas pessoas consideram o autor como um antagonista. Ele se opôs à doutrina filosófica do Espiritismo, no sentido de que, conforme opinião da Igreja Católica, via esses fenômenos como obra exclusiva do demônio. Salvo esta conclusão, suas obras, principalmente a primeira, são ricas em fatos espontâneos muito instrutivos, apoiados em provas autênticas.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS, por C. FLAMMARION. 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia. (*Revue Spirite*, janeiro de 1863, pág. 29; setembro de 1864, pág. 288.)

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA, por PEZZANI, advogado. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia. (*Revue Spirite*, janeiro de 1865, pág. 25.)

RAZÃO DO ESPIRITISMO (A), por MICHEL BONNAMY, juiz de instrução, membro do Congresso Científico da França. Antigo membro do Conselho Geral de Tarn-et-Garonne. - 1 vol. in-12, 3 fr. Paris, Livraria Internacional. (*Revue Spirite*, novembro de 1867, pág. 344.)

REALIDADE DOS ESPÍRITOS (A) e o fenômeno maravilhoso da escrita direta demonstrada pelo barão de GULDENSTUBBÉ. - 1 vol. in-8 com pranchas de fac-símile, 8 fr. Paris, Franck. (Esgotado.)

PESQUISAS SOBRE AS CAUSAS DO ATÉISMO, em resposta à brochura do Monsenhor Dupanloup, por uma católica. - Brochura in-8, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 40 c. Paris, Henri, Palais-Royal. (*Revue Spirite*, junho de 1867, pág. 192.)

REVELAÇÃO SOBRE MINHA VIDA SOBRENATURAL, por DUNGLAS HOME. 1 vol in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier. (*Revue Spirite*, setembro de 1863, pág. 281.)

REVELAÇÕES DO MUNDO DOS ESPÍRITOS, por ROZE. - 3 vol. in-12, 6 fr. Paris, Didier.

Teorias cosmogônicas e psicológicas notoriamente contraditadas pela Ciência e pelo ensino geral dos Espíritos, e que a Doutrina Espírita não pode admitir.

ESPIRITISMO NA BÍBLIA (O), Ensaio sobre as idéias psicológicas dos antigos hebreus, por H. STECKI. - 1 vol. in-12, 1 fr.; Paris, Livraria Internacional.

O autor compilou e comentou as passagens da Bíblia que têm relação com o Espiritismo. (*Revue Spirite*, novembro de 1868, pág. 350.)

ESPIRITISMO ANTE A **RAZÃO (O)**, conferência, por V. TOURNIER, antigo jornalista. - Brochura in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Carcassonne, Lajoux; Toulouse, Bompard. (Revue *Spirite*, março de 1868, pág. 94.)

MESAS GIRANTES (As), por AGENOR GAS-PARIN. 1854. (Esgotado.)

O autor constatou a realidade dos fenômenos, mas procurava explicá-los sem o concurso dos Espíritos.

Poesia

FÁBULAS E POESIAS DIVERSAS, por um Espírito batedor. - 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. -Carcassonne, Toulouse, Bordeaux; Paris, Livraria Espírita.

POESIAS DE ALÉM-TÚMULO, obtidas na Sociedade Espírita de Constantina. - Brochura in-8, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 75 c. Paris, Chalamel.

ECOS POÉTICOS DE ALÉM-TÚMULO, poesias mediúnicas, obtidas pelo Sr. Vavas seur, precedidas de um estudo sobre a poesia mediúnica, por ALLAN KARDEC. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Paris, Livraria Espírita.

Música

FRAGMENTO DE SONATA, ditado pelo Espírito Mozart ao Sr. Brion d'Orgeval, médium. - Preço líquido: 2 fr.; pelo correio, 2. fr. 25 c. Paris, Livraria Espírita.

CANTATA ESPÍRITA, com acompanhamento de piano, pelos Srs. HERCZKA e TOUSSAINT, de Bruxelas. - Preço líquido: 1 fr. 50 c. - Para a França: 1 fr. 60 c. - Bruxelas, 51, rue de la Montagne. (Em benefício dos pobres.)

ÁRIA E LETRAS DO REI HENRIQUE III, ditadas em sonho ao Sr. BACH. - Preço: 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c, em casa do Sr. Legouix, editor de música. (Vide a história desse trecho e a espineta de Baldazzarini, Revue *Spirite* de julho de 1865, pág. 193; e fevereiro de 1866, pág. 50.)

RECORDAÇÃO ESPÍRITA, capricho noturno para piano, por C. CONSTANT, de Smirna. - Preço: 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c. Paris, Hartmann, editor de música; Milão, Jean Canti; Nápoles, Girard; Livorno, Del Moro; Florença, Brizzi, Ducci, Guidi.

Esse trecho não é uma produção mediúnica, mas uma composição direta do autor.

Desenhos

RETRATO DO SR. ALLAN KARDEC, desenhado e litografado pelo Sr. Bertrand, pintor. - Dimensão: papel china, 35x38cm. - Preço: 2 fr. 50 c; pelo correio, para a França e Argélia, porte e estojo de embalagem, 50 c. a mais.

* Fotografia in-4, de 25x20cm., 3 fr. Porte e embalagem, 50 c. a mais.

* Cartão-retrato: 1 fr.

RETRATO DE SWEDENBORG, cartão-retrato, 1 fr.

* Do *doutor Demeure*, cartão retrato, 1 fr.

* Do *abade Vianney*, cura d'Ars, cartão-retrato, 1 fr.

AUTO-DE-FÉ dos livros espíritas em Barcelona. Fotografia conforme desenho original feito no local. -1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c.

CASA, dita de Mozart, gravura mediúnica feita diretamente com buril em nove horas, sem desenho prévio, por V. SARDOU. Uma das produções mais notáveis nesse gênero, pela multiplicidade, finura e delicadeza dos detalhes. - Prancha de 53x40cm, 1 fr. (*Revue Spirite*, agosto de 1858, pág. 222.)

III — Obras Realizadas Fora do Espiritismo

As obras seguintes, escritas em diferentes épocas, interessam ao Espiritismo pela similitude dos princípios, pelos pensamentos espíritas que nelas se encontram, pelos documentos úteis que encerram ou pelos fatos que aí se acham casualmente relatados. Entre os autores contemporâneos, se alguns escreveram sem o conhecer, outros, sem o nomear, inspiraram-se evidentemente no todo ou em parte de seus princípios.

Se incluímos neste catálogo algumas obras que já não se encontram à venda, em razão de sua antigüidade ou porque estão esgotadas - o que tivemos o cuidado de indicar - é para chamar sobre elas a atenção das pessoas que possam encontrá-las nas bibliotecas ou em algum outro lugar.

Filosofia e História

ALMA (A), demonstração de sua realidade, deduzida dos efeitos do clorofórmio e da anestesia, por RAMON DE LA SAGRA, correspondente do Instituto. - 1868. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 70 c. Paris, Germer-Baillière.

Baseando-se em ciência pura e experimental, o autor procura demonstrar, nos fenômenos da anestesia, que a alma se revela independente da ação orgânica e que os incrédulos a encontrarão quando se derem ao trabalho de observar. (*Revue Spirite*, julho de 1868, pág. 219.)

ALMA (A), sua existência, suas manifestações, por DYONIS. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

Refutação completa do materialismo em geral e, em particular, das doutrinas de Büchner, de Maleschott e da moral independente, por meio de considerações de ordem moral, de ordem física e de filosofia racional. Essa obra é uma daquelas que os espíritas lerão com proveito, não para se convencerem, mas para nelas haurirem novos argumentos à discussão. O autor é um dos que admitem o progresso indefinido da alma através da animalidade, da Humanidade e além da Humanidade. (*Revue Spirite*, abril de 1869.)

ALMA (CONFERÊNCIA SOBRE A), por CHASERAY. - 1868 - Brochura in-12, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 90 c. Paris, Germer-Baillière.

Teoria fundada sobre a reencarnação, o perispírito, o progresso indefinido. (*Revue Spirite*, setembro de 1868, pág. 279.)

ALMA E A VIDA (A), por SAISSET. — 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. Paris, Germer-Baillière.

Refutação das doutrinas materialistas.

AMIZADE APÓS A MORTE (A), *contendo cartas dos mortos aos vivos*, pela senhora ROWE. Traduzido da 5ª edição em inglês e publicado em Amsterdã em 1753.

Obra muito rara hoje, contendo comunicações de pessoas falecidas, em tudo conformes à Doutrina Espírita. Dir-se-ia que foram escritas pelos nossos médiuns de hoje. É de notar que esta obra precedeu Swedenborg em cerca de trinta anos e que está, mais que este último, de acordo com as idéias atuais. (*Revue Spirite*, novembro de 1868, pág. 327.)

ANO 2440 (O), *Será mesmo que sonhei?*, por MERCIER, autor do *Painel de Paris* - Londres, 1775. - 1ª edição. 1 vol. in-12; 2ª edição, 2 volumes. Obra muito rara.

O autor supõe que adormeceu e sonha que acordou em 2440, setecentos anos após o seu nascimento, e traça então o quadro físico e moral de Paris nessa época. Se a obra contém idéias utópicas, encerra também visões filosóficas bastante racionais, para a realização das quais o Espiritismo pode muito contribuir. O notável é que algumas de suas previsões, sobretudo no que concerne à Paris física, já são um fato consumado, e outras, do ponto de vista moral, são de tal modo desejadas que não se pode duvidar de que se cumprirão um dia. Entre as idéias que já se cumpriram, podemos citar: o alargamento das ruas de Paris, as grandes vias de comunicação, a junção do Louvre e das Tulherias, a instituição dos agentes de polícia. Talvez a leitura dessa obra tenha inspirado tudo isso.

APOLÔNIO DE TIANA, por PHILOSTRATO, traduzido do grego por Chassang. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50. Paris, Didier & Cia.

Apolônio de Tiana, filósofo contemporâneo de Jesus, era evidentemente dotado de certas faculdades psíquicas e mediúnicas, com o auxílio das quais operava efeitos que eram então considerados milagres, mas que a imaginação amplificou até delas fazer lendas. Entre outras coisas, atribuíram-lhe o dom de curar, a presciência, a visão a distância, o poder de ler pensamentos, de expulsar demônios, de se transportar instantaneamente de um lugar a outro, etc. Ele era muito instruído, de maneiras austeras e ensinava a sabedoria.

Tinha numerosos discípulos e não deixou nenhum escrito. (*Revue Spirite*, outubro de 1862, pág. 289.)

ARCANOS REVELADOS DA VIDA FUTURA, por CAHAGNET. - 1848. - 3 vol. in-12, 15 fr.; pelo correio, 16 fr. Paris, Germer-Baillière.

Teoria do mundo invisível e constatação de suas relações com o mundo corporal, extraídas de revelações sonambúlicas.

RECONHECEMO-NOS NO CÉU, por R. P. BLOT. - 1863. - in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 15 c. Paris, Poussielgue - Rusand.

Para justificar o título de seu livro, o autor cita grande número de passagens de escritores sacros, de aparições e de manifestações espontâneas, que provam a reunião, após a morte, daqueles que se amaram, as relações que existem entre mortos e vivos, os auxílios que eles se prestam mutuamente pela prece e pela inspiração. Em parte alguma ele fala de separação eterna, dos diabos e do inferno; mostra, ao contrário, as almas mais sofredoras libertas pelo arrependimento, pela oração e pela misericórdia de Deus. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1864, pág. 61.)

BÍBLIA NA ÍNDIA (A), *Vida de Iezeus Krishna*, por Louis JACOLLIOT. - 1869. - 1 vol. in-8, 6 fr. 50 c. Paris, Livraria Internacional.

O autor viveu por muito tempo na Índia, tendo feito um estudo aprofundado da língua sânscrita e dos livros sagrados do Bramanismo. Ele demonstra que a civilização hindu precedeu todas as civilizações conhecidas e que é muito anterior aos tempos bíblicos; que as antigas crenças, a legislação civil e religiosa, os costumes daquela região, tendo sido importados notadamente pelo Egito, Grécia, Pérsia e por diferentes partes da Ásia e da Europa, em toda parte deixaram seus traços; que o sânscrito é a língua-mãe do hebraico, do árabe, do grego e do latim; que a legislação mosaica é calcada nas leis de Manu, nas quais Moisés fora iniciado entre os sacerdotes egípcios. Sobre este último ponto, a concordância quase sempre literal dos textos não pode deixar dúvidas. Sem adotar de maneira absoluta todas as conclusões do autor, seu livro é rico em documentos preciosos, pois lançam nova luz sobre a questão tão controversa das origens. Para fazer uma apreciação mais justa de certas coisas, faltou-lhe o conhecimento das leis que regem as relações do princípio espiritual e da matéria, e os fenômenos de ordem psíquica.

BUDA E SUA RELIGIÃO, por BARTHÉLÉMY SAINT-HILAIRE. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

CALVINISTAS DAS CEVENAS (HISTÓRIA DOS), por E. BONNEMERE, autor do *Romance do Futuro*. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris. Décembre-Alonnier.

A guerra contra os calvinistas das Cevenas apresenta inumeráveis fatos de segunda vista que tinham sido falsamente apreciados. O autor devolve a esses fenômenos o seu verdadeiro caráter, explicando-os à luz dos novos conhecimentos fornecidos pelo magnetismo e pelo Espiritismo. Seu livro é enriquecido por documentos autênticos, ainda não publicados na França em razão do preconceito. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1869, pág. 56.)

CHANNING, SUA VIDA E SUAS OBRAS, por CH. DE RÉMUSAT. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

Channing, pastor protestante da seita dos unitaristas nos Estados Unidos, morto em 1860. Homem de bem, superior em todos os aspectos. Sua filosofia moral é a do mais puro Espiritismo.

* *Cristianismo Liberal*. - 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c. Paris, Charpentier.

* *Da Escravatura*. - 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c. Id. **CONSCIÊNCIA E A FÉ (A)**, por COQUEREL

FILHO, pastor protestante. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. Paris. Germer-Baillière.

Notável concordância entre a maior parte dos pensamentos e das visões progressistas do autor com a filosofia espírita.

CURIOSIDADES TEOLÓGICAS, por um bibliófilo. - 1864 - 1 grosso volume in-18; 3 fr. Paris, Delahaye. (Esgotado.)

Pesquisas sobre as crenças e as práticas abusivas, supersticiosas e excêntricas dos diferentes cultos.

MEU FANTÁSTICO. DESCHAMPS (Émile). Publicado em 1851 no *Mousquetaire*; em abril do mesmo ano, no *Estafette*; em 1855, num volume intitulado: *Contos fisiológicos, realidades fantásticas*. (Esgotado.)

Curiosos relatos de fatos espontâneos de manifestações, de pressentimentos, de transmissão de pensamentos, etc. (*Revue Spirite*, outubro de 1864, pág. 300.)

DESTINO DO HOMEM NOS DOIS MUNDOS, por HYP. RENAUD. - 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Livraria das Ciências Sociais.

DESTINOS DA ALMA (Os), com considerações proféticas para conhecer o tempo presente e os sinais da aproximação dos últimos dias, por A. D'ORJENT. - 1 grosso volume in-8, 7 fr. 50 c; pelo correio, 8 fr. Paris, Didier & Cia.

A primeira edição dessa obra apareceu em 1845; a nova, mais completa, é de 1863. O autor trata a questão sob o ponto de vista católico; procura dar aos dogmas uma interpretação racional com a ajuda da preexistência do corpo fluídico, do progresso indefinido, da não-eternidade das penas, etc. Seu livro foi posto no *Índex*. Nessa nova edição faz apelo a um clero mais bem informado e ao futuro Concílio, no interesse do Catolicismo. Ao emitir certas idéias, o autor se antecipa ao Espiritismo, embora dele se afaste em outros pontos.

DICIONÁRIO DOS DICIONÁRIOS (PEQUENO), compilação de Napoléon Landais, contendo, no suplemento, a definição dos termos especiais do vocabulário espírita. - 1 vol. in-32, de 600 páginas, 1 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. Paris, Didier.

DICIONÁRIO UNIVERSAL ENCICLOPÉDICO, ilustrado, por MAURICE LACHÂTRE. - 2 vol. grande in-4 de 1.600 páginas, 18 fr. mais o frete. Paris, 38, boulevard Sébastopol.

Aí encontramos a definição racional dos termos do vocabulário espírita e vários artigos apologéticos do Espiritismo, notadamente nas palavras: *Alma*, *Allan Kardec*, etc. (*Revue Spirite*, janeiro de 1866, pág. 29.)

DEUS DESCONHECIDO (O), por ANATOLE LE PELLETIER. - 1867. - 1 vol. in-8, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 50 c. Paris, Lelogeais.

Segundo o autor, o Deus desconhecido é o Espírito Santo, cujas atribuições são definidas de acordo com os dogmas da Igreja, aos quais ele está sinceramente ligado. Não ignora o Espiritismo, embora não lhe faça nenhuma menção, pois dele toma o *perispírito*, que designa nominalmente como sendo parte constituinte de todo ser vivo,

invólucro fluídico da alma, e lhe atribui seu verdadeiro papel na vida corporal e na vida espiritual.

DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS (TRATADO DO), pelo cardeal BONA. - 1676. - Traduzido do italiano em 1840. 1 vol. in-12, 1 fr. 80 c; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Castermann.

O objetivo desta obra é indicar os meios de distinguir os bons dos maus Espíritos. O autor encara a questão sob um ponto de vista que, em mais de um aspecto, é conforme aos princípios da Doutrina Espírita.

Novos DOGMAS, poema, por EUG. NUS. - 1 vol. in-12, 3 fr. Paris, Dentu. (Esgotado.)

DOGMAS CRISTÃOS (HISTÓRIA DOS), por

HAAG. - 2 vol. grande in-8, 15 fr.; pelo correio, 16 fr. Paris, Cherbuliez.

DÚVIDA (A), por RAPHÀEL. - 1866. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 40 c. Paris, Marpon.

É a história de um pároco do interior, contada por ele mesmo. Homem de bem e de progresso, a princípio muito preso à fé ortodoxa, mas que a reflexão e a observação o conduzem a uma dúvida desesperado-ra. Um velho padre dos arredores, que passara pela mesma situação, expõe uma doutrina que, segundo diz, lhe fora legada por um sacerdote morto em 1798 e que devolveu à sua alma a esperança e a paz de consciência, dando-lhe uma fé racional e inabalável no futuro, na bondade e na justiça de Deus. Essa doutrina não é outra senão a filosofia espírita, cujo nome não pode ser pronunciado, pois se presume que a precedeu de meio século, mas que foi haurida, evidentemente, nas obras especializadas, encontrando-se nela perfeita identidade de princípios e de citações textuais.

DYONIS. (Vide *Alma*.)

ESCRÍNIO LITERÁRIO E FILOSÓFICO, pela senhora viscondessa de VTVENS. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Thorin.

Coletânea de pensamentos extraídos de diversos autores antigos e modernos, em cujo número figura o autor de *O Livro dos Espíritos*.

INFERNO (O), por AUG. CALLET. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 25 c. Paris, Michel Lévy.

Crítica histórica e racional das doutrinas do inferno cristão. Alguns trechos foram publicados em *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.

ENSAIO DE FILOSOFIA RELIGIOSA, por SAISET. - 2 vol. in-18, 7 fr. Paris, Charpentier.

ENSAIO SOBRE A IDENTIDADE dos agentes que produzem o som, o calor, a luz, a eletricidade, etc, por H. LOVE, 1861. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 75 c. Paris, Lacroix.

O autor demonstra cientificamente: a existência de Deus, a identidade dos fluidos, a necessidade de diversas existências ou reencarnações. O homem, diz, é uma

força material, inteligente, livre, sensível, preexistente, eternamente perfectível. Essa obra, de elevado alcance científico e filosófico, será lida com proveito por todos os homens sérios.

DA EXISTÊNCIA E DOS ATRIBUTOS DE DEUS.

FÉNELON. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 30 c.

* *Telêmaco*. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. (Ver, em *Telêmaco*, a descrição do Elísio e do Tártaro pagão.)

FIM DO MUNDO EM 1911. - Brochura in-12, 1 fr. Lyon, Josserand.

Curiosa descrição do reinado do anticristo, que deve marcar o fim dos tempos. (Revue *Spirite*, abril de 1868, pág. 107.)

TEORIA DOS QUATRO MOVIMENTOS. FOURIER

(Charles). - 1 vol. in-8, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c.

* *A Harmonia Universal e o Falanstério*. - 2 vol. in-18, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c.

* *Teoria da Unidade Universal*. - 4 vol. in-18, 18 fr.; pelo correio, 20 fr. Paris, Livraria das Ciências Sociais, onde se encontram todas as obras da doutrina de Fourier.

* *Fourier, sua vida e suas obras*, por PELLARIN. - 1 vol. in-18, 3 fr. (Esgotado.)

Esta obra contém uma carta de Fourier escrita em 1826, na qual encontramos esta previsão do Espiritismo: "Se tudo está ligado na Natureza, devem existir meios de comunicação entre as criaturas deste e do outro mundo".

O Espiritismo, sem admitir todas as idéias de Fourier, concorda com elas em vários pontos, notadamente sobre o princípio da reencarnação e o progresso indefinido do Espírito. Tende para o mesmo objetivo: a melhoria social e a fraternidade universal, embora por meios diferentes. Fourier pode ser considerado como um dos precursores do Espiritismo.

A IGUALDADE. GASPARIN (Conde A. de). -1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, 1869. Michel Lévy.

GRANDES MISTÉRIOS (Os), por EUG. NUS. -1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Livraria das Ciências Sociais.

Os grandes mistérios são: a vida universal, a vida individual, a vida social, o nascimento, a morte, o passado e o futuro do homem. Essas questões são resolvidas pela pluralidade das existências, o progresso indefinido, conforme os princípios do Espiritismo. Recomendamos esta obra pela elevação de seus pensamentos, pela elegância e pela poesia de estilo.

ALUCINAÇÕES (As), pelo doutor BRIÈRE DE BOISMONT. - 1 vol. in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 75 c Paris, Germer-Baillière.

Essa obra é rica em fenômenos psicológicos espontâneos observados na alienação mental, na catalepsia, etc, e que só encontram explicação no Espiritismo.

HOMEM E NATUREZA, por KOEPLIN. 1 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 30 c. Paris, Thorin.

HUC (Vide *Viagens*.)

LIVRO DAS MÃES E DOS FILHOS (O). HUGO (Victor). - 1 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c.

Paris, Hetzel.

* *Viagens à Zelândia*. - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 25 c. Paris, M. Lévy. (*Revista Espírita*, dezembro de 1867, pág. 357.)

IMORTALIDADE (A), por DUMESNIL. - 1 vol. in-8.

Obra notável como refinação do materialismo, pela conformidade de seus princípios com a filosofia espírita. (Esgotada.)

NOITES DE SÃO PETERSBURGO. JOSEPH DE MAISTRE. - 2 vol. in-8, 12 fr.; pelo correio, 13 fr.

Embora essa obra seja escrita sob um ponto de vista exclusivamente católico, certas idéias parecem inspiradas pela previsão dos tempos presentes, merecendo, desse modo, a atenção dos pensadores. (*Revue Spirite*, abril de 1867, pág. 101: "Do espírito profético".)

ORAÇÕES DE LUDOVICO. JOURDAN (Louis). - Pequeno in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Paris, Livraria Nova.

Esse livro é uma das mais explícitas profissões de fé a respeito do princípio da reencarnação. (*Revue Spirite*, dezembro de 1862, pág. 375.)

• *Um Filósofo ao Pé do Fogo*. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 40 c. Paris, Dentu.

Essa obra contém uma apreciação crítica de *O Livro dos Espíritos*. (*Revue Spirite*, abril de 1861, pág. 99.)

LAVATER, *correspondência inédita com a imperatriz Maria da Rússia sobre o futuro da alma*. Traduzido do alemão a partir do manuscrito original, conservado na Biblioteca Imperial de São Petersburgo. - Brochura in-8, 50 c; pelo correio, 60 c. (*Revue Spirite*, março de 1868, pág. 71.)

ROMANCE DO FUTURO (O), por E. BONNEMÈRE. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 40. Paris, Livraria Internacional.

Esse livro só tem de romance o título. É um quadro muito simples para a exposição de idéias religiosas e sociais que um dia devem prevalecer na sociedade e que estão inteiramente de acordo com a Doutrina Espírita. Obra ao mesmo tempo instrutiva e muito interessante. (*Revue Spirite*, julho de 1867, pág. 215.)

LETRA MATA E O ESPÍRITO VIVIFICA (A), ou **Fé e Razão**, por FRÉDÉRIC ESMENJAUD, pároco demissionário. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c Paris, Dentu.

Exposição de motivos que levaram o autor a deixar o estado eclesiástico.

CARTA DE UM LIVRE PENSADOR A UM PÁROCO DE ALDEIA, por LÉON RICHER. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Lechevalier.

Obra de elevado alcance moral e filosófico, escrita com elegância, clareza e simplicidade, sob o ponto de vista do espiritualismo racional, no qual a maior parte dos pensamentos parece ter sido tomada ao Espiritismo, que, não obstante, o autor desconhecia. Diz ele: "Creio na persistência do ser individual através das inumeráveis transformações que sofre; creio que ele se eleva ou desce na série indefinida de existências, conforme tenha crescido ou diminuído nas vidas anteriores, sem, contudo, jamais perder coisa alguma das faculdades que haja adquirido".

CARTAS A MEU IRMÃO SOBRE MINHAS CRENÇAS RELIGIOSAS, por BRIANCOURT. - 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Livraria das Ciências Sociais.

Obra escrita de acordo com as idéias fourieristas. Diz o autor em sua profissão de fé: "Creio que após a morte de seus corpos visíveis esses seres continuam a viver no mundo aromai, onde encontram a remuneração exata por suas obras boas ou más; só depois de um tempo mais ou menos longo retomam um corpo material para abandoná-lo mais uma vez à decomposição e assim por diante".

CARTAS DIRIGIDAS ÀS PESSOAS SIMPÁTICAS ÀS IDÉIAS SOCIAIS E PROVIDENCIAIS, pelo Sr. MÉDIUS LE MOYNE, engenheiro-chefe de pontes e calçamentos, aposentado. - 1 vol. in-8, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c. Metz, Luidin; Paris, Livraria das Ciências Sociais.

Doutrinas baseadas em idéias fourieristas do ponto de vista social e com inúmeros pontos de contato com o Espiritismo sob o aspecto psicológico, mas que dele se afastam no que concerne à sorte futura da alma, para a qual o autor nega qualquer intervenção da divindade.

MAOMÉ E O ALCORÃO, por BARTHÉLÉMY SAINT-HILAIRE. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia. (*Revue Spirite*, agosto e novembro de 1866, págs. 225 e 321.)

MANUAL DE XÉFOLIUS (O), 1788, reeditado em 1862. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 90 c. Paris, Hachette.

Atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, essa obra é uma exposição de princípios que concordam notavelmente com os do Espiritismo. O autor pertencia à seita dos teósofos, que foram seus precursores mais diretos. (*Revue Spirite*, agosto de 1865, pág. 245).

HISTÓRIA DA FRANÇA. MARTIN (Henri), -3 vol. in-8, 24 fr.; pelo correio, 25 fr. 50 c. Paris, Furne.

Detalhes precisos sobre as crenças druídicas no primeiro volume. O druidismo admitia o progresso e a purificação da alma numa série de existências sucessivas. (*Revue Spirite*, abril de 1858, pág. 95.)

LAVRADOR THOMAS (O), MARTIN relato das aparições que recebeu e sua apresentação a Luís XVIII, 1819. - 1 vol. in-8. (Esgotado.)

Publicada em 1832, sob o título de *O Passado e o Futuro*, essa obra está esgotada hoje em dia. Os fatos mais curiosos que relata foram publicados na *Revista Espírita* de dezembro de 1866, pág. 353.

MATERIALISMO CONTEMPORÂNEO (O), por JANET. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 80 c. Paris, Germer-Baillière.

Refinação das doutrinas materialistas.

MEDITAÇÕES SOBRE A VIDA E OS DEVERES, obra traduzida do inglês e publicada com a permissão de S. M. a rainha Vitória. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 50 c. Paris, Dentu.

MERLIN (O MAGO), pelo Sr. DE LA VILLEMARQUÉ. - 1862. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier 8c Cia.

Detalhes interessantes sobre a vida real e lendária de Merlin e sobre os costumes dos gauleses de Armorica.

MIGALHAS DA HISTÓRIA (As), por AUGUSTE VAQUERIE. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Pagnerre.

Obra contendo o relato casual de sessões de manifestações espíritas na casa da Sra. E. de Girardin.

MIRACULADOS (HISTÓRIA DOS) e dos convulsionários de Saint-Médard, P. F. MATHIEU. - 1864. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier.

PALAVRA DIVINA (A), por DESTREM. - 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Livraria das Ciências Sociais.

MISTICISMO NA FRANÇA DO TEMPO DE FÉNELON, por MATTER. - 1866. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

História das relações entre Fénelon e a Sra. Guyon, a propósito da doutrina desta, sobre as diferentes variedades de êxtase, que ela pretendia instituir como princípio religioso. Era um primeiro passo em direção à teoria da emancipação da alma, que deveria elucidar-se e desenvolver-se com o Espiritismo. O autor aprecia essa doutrina sob o ponto de vista de um homem que não admite a existência dessa faculdade.

NOSTRADAMUS (OS ORÁCULOS DE), texto original, traduzido e explicado, por ANATOLE LE PELLETIER. - 1868.-2 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 7 fr. Paris, Lelongeais.

* Por EUG. BARESTE. - 1840. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. pelo correio, 4 fr. Paris, Plon.

Nus. (Vide *Grandes Mistérios*. - *Novos Dogmas*.)

ORIGEM E TRANSFORMAÇÕES DO HOMEM, por TREMAUX. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Hachette.

O autor se empenha em demonstrar cientificamente que a raça humana procede de múltiplos troncos formados em diferentes épocas. Admite como lei que "a perfeição dos seres é, ou se torna, proporcional ao grau de elaboração do solo sobre o qual

vivem; e o solo é, em geral, tanto mais elaborado quanto mais recente é a sua formação geológica".

DA HUMANIDADE. PIERRE LEROUX. - 1 vol. in-12. Paris, Garnier. (Esgotado.)

PROTESTANTISMO LIBERAL (O), pelo pastor BOST. - In-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. Paris, Germer-Baillière.

Pensamentos concordes com a filosofia espírita.

REGIMENTO FANTÁSTICO (O), por VICTOR D'AZUR. - 1868. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr.

Sob uma forma aparentemente leve, essa obra trata das mais altas questões de moral, de filosofia e de ordem social, com uma visão totalmente espírita. O dado principal é a expiação e o progresso em existências sucessivas. As expressões textuais que encontramos em diversos lugares provam que o autor se inspirou em obras especializadas da Doutrina. (*Revista Espírita*, setembro de 1868, pág. 271.)

RELIGIÃO E A POLÍTICA NA SOCIEDADE MODERNA (A), por HERRENSCHNEIDER. - 1867. - 1 vol. in-12 de 600 páginas, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 60 c. Paris, Dentu.

Obra de alta filosofia, na qual o autor se apoia na reencarnação como única solução racional de problemas até aqui insolúveis, de moral e de psicologia, e sobre os princípios gerais do Espiritismo. (*Revue Spirite*, junho de 1868, pág. 183.)

RELIGIÃO DO BOM SENSO (A), por ED. RICHER. - 1 vol. in-18, 6 fr; pelo correio, 6 fr. 50 c.

Paris, Yung-Treuttel.

Teoria deduzida da doutrina de Swedenborg.

REVOLUÇÕES INEVITÁVEIS NO GLOBO E NA HUMANIDADE, por RICHARD. - 1 vol. in-18, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. Paris, Pagnerre.

Quadro da marcha providencial do progresso físico e moral, segundo as leis da Natureza. O autor procura demonstrar que o homem e o globo marcham para a perfeição, em vez de degenerar. Obra muito instrutiva e de grande interesse pelos dados científicos e pela racionalidade da visão. Notável concordância com os princípios da filosofia espírita. Estilo correto, por vezes divertido, mas sempre com bom gosto, que afasta a monotonia de um assunto sério sem excluir a profundidade das idéias.

* *As Leis de Deus e o Espírito Moderno*, do mesmo autor. - 1 vol. in-12, 2 fr. 50 c; pelo correio, 2 fr. 75 c. (Complemento da obra precedente.)

* *Origem e Fim dos Mundos*, do mesmo autor. - 1 vol. in-18, 60 c; pelo correio, 80 c.

* *Os Mistérios do Povo Árabe*, do mesmo autor. - 1 belo volume in-18, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr.

TERRA E CÉU. REYNAUD (Jean), membro do Instituto. - Edição in-12, 4 fr. (Esgotado). Edição in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 50 c. Paris, Furne.

Jean Reynaud foi um dos precursores mais imediatos do Espiritismo. Como tantos outros escritores, concebeu a Doutrina Espírita por intuição. Sua obra, uma das mais notáveis no gênero em pensamento e estilo, publicada em 1854, precedeu a Doutrina em poucos anos; se a tivesse escrito como espírita, teria pouco a modificar em suas idéias. Sua teoria do passado e do futuro do homem repousa sobre o princípio da reencarnação com todas as suas conseqüências morais. O talento e a posição do autor dão às suas palavras uma incontestável autoridade.

* *Espírito da Gália*. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 50 c.

Detalhes autênticos sobre os costumes dos gauleses e as crenças druídicas. A filosofia dos druidas admitia o progresso indefinido por meio de existências sucessivas e das provações da vida. (*Revue Spirite*, abril de 1858, pág. 95.)

SAINT MARTIN, dito o *filósofo desconhecido*, por MATTER. - 1862. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier.

Saint Martin foi o fundador da seita dos teósofos, que teve certa ressonância no fim do século passado e cujas crenças estavam baseadas na possibilidade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Entre seus adeptos contavam-se homens distintos por sua inteligência, mas que em geral mantinham secreta a sua doutrina.

MINHAS PRISÕES. SÍLVIO PELLICO. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. (*Revista Espírita*, janeiro de 1869, pág. 22.)

SWEDENBORG, sua *vida e suas obras*, por MATTER. - 1862. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

Essa obra é mais sobre a vida de Swedenborg do que uma exposição de sua doutrina. Swedenborg era um médium natural, extático, vidente e audiente; escreveu o que viu e ouviu e, como vivia só, não pôde controlar suas observações com outros testemunhos, donde se segue que sua doutrina é fundada sobre as impressões de uma só individualidade. O Espiritismo, ao contrário, é resultado de observações concordantes feitas com o concurso de milhares de médiuns em diversos países, o que permitiu estudar o mundo invisível em todas as suas fases, abstração das idéias e crenças individuais. Apesar das diferenças existentes em alguns pontos, entre as duas doutrinas, Swedenborg não deixa de ser um dos mais eminentes precursores do Espiritismo, tanto por seus trabalhos quanto por suas qualidades pessoais.

* *Obras Completas de Swedenborg*, traduzidas para o francês pelo Sr. BOYS DES GUAYS. Paris, editora Jung Treuttel.

Ela se compõe de 32 obras, entre as quais as principais são:

* *Arcanos Celestes*, 16 vol. in-8, 120 fr. Cada volume é vendido separadamente por 7 fr. 50 c; pelo correio, 8 fr.

* *A Verdadeira Religião Cristã*, contendo toda a teologia da nova Igreja. 3 vol. in-12, 15 fr.; pelo correio, 16 fr.

* *Do Céu e de suas Maravilhas e do Inferno*, conforme o que foi visto e ouvido pelo autor. - 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 40 c.

Esse volume é um dos que oferecem maior analogia com a Doutrina Espírita quanto ao estado dos Espíritos no mundo invisível.

* *Da Nova Jerusalém e de sua Doutrina Celeste*. - 1 vol. in-12, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 50 c.

* *Apocalipse Revelado*. - 3 vol. in-12, 15 fr.; pelo correio, 16 fr.

* *Apocalipse Explicado*. - 7 vol. grande in-8, 70 fr.; pelo correio, 75 fr.

ESPIRITUALISMO RACIONAL (O), por LOVE. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

Concordância com os princípios do Espiritismo.

ESPIRITUALISMO E o IDEAL (O), por CHASSANG. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Didier & Cia. (*Revue Spirite*, novembro de 1868, pág. 342.)

TERRA E CÉU. (Vide *Reynaud*.)

TRADIÇÕES POPULARES COMPARADAS, por DÉSIRÉ MONNIER. - 1854. - 1 grosso volume in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 50 c. (Edição rara.)

TRÊS FILHAS DA BÍBLIA (As), por H. RODRIGUES. - 1867. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

As *Três Filhas da Bíblia* são: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, que o autor pressente que um dia deverão fundir-se numa só crença. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1867, pág. 41.)

VIANNEY (ABADE), *cura d'Ars* sua vida, por MONNIN. - 2 vol. in-12, 7 fr. 50 c; pelo correio, 8 fr. 50 c. Paris, Hachette.

O venerável cura d'Ars foi um modelo de piedade esclarecida e de verdadeira caridade cristã. Gozava de certas faculdades curativas inconscientes, notadamente a de curar pela influência. Durante sua vida teve numerosas comunicações de um Espírito que chamava Grapin. Desde sua morte, poucos foram os centros espíritas em que não se tenha manifestado e dado provas de sua bondade e superioridade pela sabedoria de suas instruções.

VIDA FUTURA (HAVERÁ UMA)? Opiniões diversas sobre o assunto, recolhidas e ordenadas por um fantasma. - 1864. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 30 c.

Esse fantasma é um sábio matemático que tratou a questão com notável clareza e irresistível lógica, em perfeita concordância com a Doutrina Espírita, na qual o autor evidentemente se inspirou. Os espíritas colherão nessa obra novos argumentos para refutar seus adversários. (*Revue Spirite*, abril de 1869.)

VOZ VINDA DOS CÉUS (UMA), por JEAN-LOUIS WAÍSSE. - 1 vol. in-8. (Esgotado.)

Esta obra, embora publicada em 1852, está quase esgotada hoje. Não obstante, mencionamo-la aqui como tipo notável de previsões e porque o autor, sem conhecer o Espiritismo, que ainda não existia, anuncia seu advento próximo e seu verdadeiro caráter; ele o designa como sendo o *Consolador* prometido por Jesus e como uma doutrina que devia realizar a Terceira Revelação e regenerar a Humanidade.

VIAGENS AO TIBETE E À TARTÁRIA, pelo padre HUC, missionário. - 2 vol. in-12, 7 fr.; pelo correio, 8 fr. Paris, Gaume.

VIAGENS À CHINA, do mesmo autor. - 2 vol. in-12, 7 fr.; pelo correio, 8 fr.

O padre Huc, tendo vivido trinta anos nessa região, cujos idiomas se lhe tornaram familiares, freqüentou os mosteiros de lamas budistas e recolheu documentos autênticos sobre as crenças desses povos, muitos dos quais interessam ao Espiritismo do ponto de vista dos fatos, da história e da filosofia. E uma descrição dos lugares e da vida íntima, tanto física quanto moral, escrita com simplicidade, de leitura atraente e muito instrutiva.

VIDENTE DE PRÉVORST (A). Traduzido do alemão. Encontra-se na obra intitulada: *Mesas Falantes*, de Goupy. - 1855. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 60 c. Germer-Baillière.

Narrativa das visões de uma extática célebre na Alemanha.

HISTÓRIA DE JOANA D'ARC WALLON, premiada pela Academia. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 40 c. Paris, Hachette.

Romances

Em algumas das obras a seguir, a idéia espírita é dominante e serve de fundo ao tema; em outras, ela é apenas acessória e consiste na afirmação de certos fatos ou na emissão de pensamentos concordes com os princípios da Doutrina.

SÉRAPHITUS SÉRAPHITA. BALZAC. - No volume intitulado *Louis Lambert*. - 1 vol. in-18, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Tema fantástico cuja ação se passa na Noruega entre os adeptos de Swedenborg. Séraphitus Séraphita é um ser misterioso que pertence mais ao mundo espiritual do que ao mundo corporal e que toma alternada-mente a aparência de homem ou de mulher. No fundo da obra está o desenvolvimento de idéias profundamente filosóficas e de alta moralidade sobre o futuro do homem.

* *Ursule Mirouet*. - 1 vol. In-12, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Tema baseado nos efeitos da dupla vista natural e da lucidez magnética.

ASSASSINATO DA PONTE VERMELHA (O).

BARBARA (Charles). - 1 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c. Paris, Hachette.

Idéia surpreendente e verdadeira do castigo pela reencarnação da vítima como filho do assassino. (*Revue Spirite*, janeiro de 1867, pág. 14.)

CABANA DO PAI TOMÁS (A). BEECHER-STOWE (Senhora), traduzido do inglês. - 1 vol., 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 30 c. Paris, Hachette.

Afirmção do princípio da reencarnação como fonte dos pendores inatos. É notável que essa doutrina seja afirmada numa das obras mais populares dos Estados Unidos. (*Revue Spirite*, novembro de 1868, pág. 332.)

DUPLA VISTA (A). BERTHET (Élie). - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Clarividência sonambúlica magnética e espontânea em ação, com detalhes que atestam perfeito conhecimento das condições inerentes a essa faculdade e os abusos que dela se podem fazer. (*Revista Espírita*, novembro de 1865, pág. 360.)

Louis HUBERT. BONNEMÈRE (Eug.). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Livraria Internacional.

História de um pároco de aldeia e das tribulações que suas idéias avançadas e progressistas lhe suscitam. Essa obra faz parte das que foram escritas pelo jovem bretão em estado de mediunidade inconsciente. (*Revista Espírita*, julho de 1867, pág. 215.)

MAGA DOS ALPES (A). CHAVE (Clément de la). 1 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 40 c. Paris, 1861, Havard.

ACENDEADOR DE LAMPIÕES (O). CUMMINS (Miss), traduzido do inglês. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 30 c. Paris, Hachette.

Romance americano, deveras moral, em que a idéia da presença, entre nós, da influência e da proteção do Espírito daqueles a quem amamos é expressa com muita clareza.

JANE EYRE. CURRIER BELL (Miss), traduzido do inglês. - 2 vol. in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c. Paris, Hachette.

História de uma jovem órfã honesta e trabalhadora que triunfa sobre as vicissitudes da vida graças à sua coragem e perseverança. Aí se encontra a idéia da comunicação das almas entre vivos.

CONTOS DE NATAL. DICKENS, traduzido do inglês. - 1 vol. in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Hachette.

CONDESSA DE MONTE-CRISTO (A). DU BOYS. Romance-folhetim, publicado pela *Petite Presse* em maio de 1868, não editado em volume.

Relações com o mundo invisível; presença dos Espíritos à nossa volta. (*Revue Spirite*, maio de 1868, pág. 146.)

MADAME DE CHAMBLAY. DUMAS (Alexandre), - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Afirmção do princípio da dupla vista, ou visão psíquica, espontânea e magnética; visão a distância e previsões.

LENDA DO HOMEM ETERNO (A). DURANTIN (Armand). - 1 vol. in-12, 3 fr. Pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Dentu.

Tema haurido evidentemente na Doutrina Espírita, considerada sob um ponto de vista sério, a despeito de alguns erros de princípio. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1864, pág. 161.)

Louco YÉGOFF (O). ERCKMANN-CHATRIAN. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelos correios, 3 fr. 50 c. - Brochura in-8 ilustrada, 1 fr. 35 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

* *A Casa Florestal*. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. - Brochura ilustrada, 1 fr. 35 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

* *Hugues, o Lobo* (contos de la Montagne). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. - Brochura in-8 ilustrada, 1 fr. 25 c; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Hetzel.

Essas três obras se baseiam em dados inteiramente espíritas; aí se encontram em ação os princípios da previsão das coisas pela visão a distância; a expiação pelo encontro dos culpados nas existências sucessivas, etc.

SPIRITE. GAUTIER (Théophile), - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Charpentier. (*Revue Spirite*, dezembro de 1865, pág. 360; e março de 1866, pág. 91.)

* *Avatar*. - 1 vol. in-18, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

Avatar é uma palavra indiana que significa *encarnação, transformação*. O enredo desse romance fantástico está baseado na permutação, operada pela ciência de um velho médico, entre as almas de dois rivais vivos que, assim, tomam a aparência um do outro.

O doutor, por sua vez, aproveita a ocasião para se apropriar do corpo do mais jovem, a fim de herdar sua própria ciência e prosseguir seus estudos com órgãos novos, que poderão durar mais tempo.

FALECIDO BRESSIER (O). KARR (Alphonse). - 1 vol. in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 40 c. Paris, Michel Lévy.

DUAS FILHAS DO SR. PLICHON (As). LÉO (André). - 1 vol. in-18, 3 fr. Pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Hachette.

Intriga fundada na diferença de caráter de duas irmãs, das quais uma, superficial e crédula, aceita sem exame todas as tradições; a outra, espírito sério, demonstra uma razão precoce. Sua equidade a faz revoltar-se contra os preconceitos sociais e as tradições religiosas que lhe parecem contrárias às leis da Natureza e da justiça. A solidez e a retidão de seu julgamento a fazem querida por um rapaz que diz: "Se, com toda minha fé, eu não acreditasse na imortalidade, eu a compreenderia através dela; esta alma tão *sábia e tão pura desde o nascimento já viveu*; pergunto-me apenas de que céu ela caiu". Esse romance, cujos caracteres são firmemente observados, foi escrito com pureza e transpira os mais honestos sentimentos.

LÍDIA OU A RESSUREIÇÃO - TRILBY. NODIER (Charles). 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c. Paris, Charpentier.

Escrevendo essas duas encantadoras novelas, o autor tinha certamente a intuição da reencarnação e dos Espíritos familiares.

HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS. POE (Edgar). - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

O caráter fantástico da maior parte dessas histórias tira-lhes qualquer probabilidade, mas nem por isso deixa de acusar um fundo de crença na pluralidade das existências e em certos fatos de ordem psicológica. As luzes trazidas pelo Espiritismo sobre os fenômenos desse gênero permitem separar o possível do lendário.

ROBINSON CRUSOÉ, por DANIEL DE FOË. -Edição completa, 2 vol. in-12, 2 fr. 50 c. Paris, Ducros.

* *Reflexões de Robinson*; 3º volume das *Viagens Imaginárias*; traduzido do inglês. Amsterdã, 1787. (Raro.)

Esta última obra é continuação da primeira; é Robinson isolado, refletindo sobre as aventuras de sua vida e daí tirando conclusões de elevado alcance filosófico. Encontra-se em ambos os livros a afirmação da maior parte dos princípios do Espiritismo: reencarnação, relações com o mundo invisível, assistência e manifestações dos Espíritos pela inspiração, etc. (*Revue Spirite*, março e setembro de 1867, págs. 74 e 279.)

A SEGUNDA VIDA . SAINTINE (Xavier). - 1 vol. in-8, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Hachette.

Narrativas de fatos psicológicos baseados nas relações dos homens com os seres do mundo invisível, alguns dos quais são pessoais ao autor.

CALLIRHOË. SAND (Maurice). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Intriga inteiramente fundada sobre a reencarnação, mas levada além dos limites do possível constatado pela experiência, beirando o fantástico.

CONSUELO. SAND (Senhora George). 3 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 75 c. Paris, Michel Lévy.

* *A Condessa de Rudolstadt*. - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c.

Essas duas obras são continuação uma da outra. A reencarnação representa o papel principal em condições um pouco exageradas. Detalhes muito interessantes sobre os hussitas da Boêmia e a franco-maçonaria.

* *Spiridion* - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c.

Esse livro não é um romance propriamente dito, pois nele a trama é quase nula. É um quadro para descrever os abusos da vida monástica, as peripécias e angústias de um crente conduzido à dúvida e à incredulidade e a emissão de uma doutrina religiosa em relação às idéias da época. As comunicações entre os mortos e os vivos, pela visão, audição e inspiração aí ocupam lugar considerável e esses diferentes fenômenos são descritos com realidade.

Entre as obras da mesma autora em que é possível encontrar pensamentos espíritas, podemos citar:

* *Senhorita de la Quintinie*. 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c.

* *O pecado do Sr. Antônio*. - 2 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c.

MIRETA. SAUVAGE (Élie). 1867. - 1 vol. in-18, 3 fr. Pelo correio, 3 fr. 50 c.

Narrativa simples, ingênua, de grande interesse, em que tudo é natural e verossímil; não há situações romanescas, mas cenas enternecedoras, pensamentos elevados, caracteres traçados conforme a Natureza. Livro essencialmente moral, cujos elementos foram hauridos na filosofia espírita, sendo conveniente à juventude de ambos os sexos. (*Revue Spirite*, fevereiro de 1867, pág. 59.)

Novos MISTÉRIOS DE PARIS. SCHOLL (Aurélien). (*Revue Spirite*, janeiro de 1867, pág. 15). Publicado em folhetim, não editado em volume.

MAGNETIZADOR (O). SOULIÉ (Frédéric). - 1 vol. in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

GILBERT E GILBERTE. SUE (Eugène). - 1 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Michel Lévy.

Dois jovens esposos, inspirados por um gênio superior, experimentam sucessivamente as diversas posições sociais: fortuna, glória, nascimento, etc. Tema interessante; consequências bastante morais.

* *Memórias de um Marido*, por FERNAND DUPLESSIS. - 3 vol. in-18, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Livraria Internacional. (*Revue Spirite*, setembro de 1868, pág. 268.)

Os pensamentos espíritas emitidos nessa última obra não são o produto da imaginação de um romancista, mas a narrativa verídica dos sentimentos produzidos no momento supremo, na família de um convencional, pela crença na reencarnação, numa época na qual essa doutrina ainda não havia sido formulada.

O Teatro

GALILEU, drama em versos, pelo Sr. PON-SARD. - 1 vol. in-8, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 50 c. Paris, Tresse. (*Revue Spirite*, abril e maio de 1867, págs. 97 e 145.)

DRAC (O), drama fantástico em três atos, pela Sra. G. SAND, representado no Vaudeville em 1865. - Brochura in-12, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 60 c. Paris, Tresse.

Tema extraído de uma lenda provençal. Drac é um Espírito protetor dos marujos. Na peça, ele encarna como adolescente numa família de pescadores, conservando algumas de suas atribuições de Espírito. Em uma cena, obriga um homem a escrever contra a vontade, como fazem os Espíritos em relação aos médiuns.

ELIXIR DE CORNÉLIUS. Opereta-bufa em um ato, representada no *Fantaisies Parisiennes* em 1868. - Brochura in-12, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 50 c. Paris, Tresse.

Intriga divertida, inteiramente fundada na idéia da reencarnação com mudança de sexo. (*Revue Spirite*, julho de 1868, pág. 215.)

IDÉIAS DA SRA. AUBRAY (As), comédia em quatro atos, pelo Sr. A. DUMAS FILHO, encenada no Ginásio em 1867. - Brochura in-12, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Tresse.

Uma das idéias da Sra. Aubray é esta: "Sim, materialmente meu esposo desapareceu deste mundo, mas sua alma está perto de mim; ele assiste a todas as minhas ações, comanda todos os meus pensamentos, tudo o que é bom; é ele que vos fala neste momento por minha boca. Está sentado ao meu lado: eu o vejo, ouço e sinto".

MAXWELL, drama em quatro atos, pelo Sr. JULES BARBIER, representado no Ambigu, em 1867. - Brochura in-4º, 50 c; id., in-12, 2 fr; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Michel Lévy.

Cenas muito verossímeis de sonambulismo magnético, provocadas pela clarividência da pessoa magnetizada. Verdadeira lição de magnetismo sério e uma resposta aos zombadores.

Ciências

Obras úteis para consultar como complemento de estudo da parte científica da Doutrina Espírita.

ASTRONOMIA. *Estudos e Leituras sobre a Astronomia*, por C. FLAMMARION. - 1 vol. in-12, 5 fr.; pelo correio, 6 fr. Paris, Gauthier-Villard.

* *Maravilhas Celestes*, do mesmo autor. - 1 vol. in-12, encadernado, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Hachette.

* *Lúmen*, do mesmo autor.

Esse interessante trabalho, inserido na *Revista do Século XIX*, será em breve completado e publicado em um volume. (*Revue Spirite*, março e maio de 1867, págs. 93 e 151.)

GEOLOGIA. *Carta sobre as Revoluções do Globo*, pelo doutor BERTRAND. - 1 vol. in-12, com pranchas; 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Hetzel.

Essa obra, em nível de ciência moderna, escrita com clareza e sem espírito de sistema, está ao alcance das pessoas comuns e oferece um estudo geológico de grande interesse.

* *Discurso sobre as Revoluções do Globo*, por GEORGES CUVIER, com notas do doutor HOFFER. - 1 vol. in-12, com pranchas, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 40 c. Paris, Didot.

Interessantes detalhes sobre os fósseis.

* *A Terra antes do Dilúvio*, por L. FIGUIER. - 1 grosso volume in-8, com numerosas pranchas, 10 fr.; pelo correio, 10 fr. 75 c. Paris, Hachette.

* *Do Homem Antidiluviano e de suas Obras*, por BOUCHER DE PERTHES. - Brochura in-8, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 25 c. Paris, Jung Treuttel.

* *Utensílios de Pedra*, do mesmo autor. - Brochura in-8, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 70. Paris, Jung Treuttel.

INTELIGÊNCIA DOS ANIMAIS, por E. MENAULT. - 1 vol. in-12, com pranchas, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 30 c. Paris, Hachette.

* *O Espírito dos Animais*, por TOUSSENEL. - 1 vol. grande in-8, com pranchas, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 75 c. Paris, Hetzel.

NOVOS PRINCÍPIOS DE FILOSOFIA MÉDICA, pelo doutor CHAUVET, de Tours. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 40 c. Tours, Guillaud-Verger, Paris, Germer-Baillière. (*Revue Spirite*, dezembro de 1866, pág. 388.)

FRENOLOGIA ESPIRITUALISTA, pelo doutor CASTLE. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

FRENOLOGIA, *Manual Prático*, pelo doutor FOSSATI. - 1 vol. in-12, com pranchas, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 50 c. Paris, Germer-Baillière.

FISIOGNOMONIA, por DELESTRE. 1 vol. grande in-8, com pranchas, 15 fr.; pelo correio, 15 fr. 50 c. Paris, Renouard.

Magnetismo

Nota - Todas as obras a seguir indicadas encontram-se na livraria Germer-Baillière.

ANAIS DO MAGNETISMO ANIMAL, de 1814 a 1816. 8 vol. in-8, 30 fr.; pelo correio, 33 fr.

REVISTA MAGNÉTICA. AUBIN GAUTHIER, jornal de curas e fatos magnéticos e sonambúlicos. - 2 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 7 fr.

TRATADO DE SONAMBULISMO. BERTRAND (Doutor), 1823. - 1 vol. in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 50 c.

CORRESPONDÊNCIA COM O SR. DELEUZE. BILLOT (Doutor). - 2 vol. in-8, 10 fr. (Esgotado.)

Essa obra é deveras notável, pois, desde 1820, o doutor Billot deduziu dos fenômenos magnéticos e sobretudo dos sonambúlicos, a prova da existência e da independência da alma, de sua ação isolada da matéria, da natureza e da intervenção dos Espíritos.

ESBOÇO DA NATUREZA HUMANA. CHARDEL, explicado pelo magnetismo animal. - 1826. - 1 vol. in-8, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c.

FISIOLOGIA, MEDICINA E METAPSÍQUICA DO MAGNETISMO ANIMAL. CHARPIGNON (Doutor). - 1 vol. in-8, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c.

Deduções de notável conformidade com os princípios da Doutrina Espírita.

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL. DELEUZE. 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr.

Um dos melhores guias sobre a matéria.

TRATADO DE MAGNETISMO EM DOZE LIÇÕES.

DU POTET (Barão). - 1 vol. in-8, 7 fr.; pelo correio, 7 fr. 60 c.

ARTE DE MAGNETIZAR (A). LAFONTAINE. - 1 vol. in-8, 5 fr.; pelo correio, 5 fr. 50 c.

MEMÓRIAS E AFORISMOS, MESMER, seguidos dos procedimentos de Eslon, 1 vol. in-18, 2 fr. 50 c; pelos correios, 3 fr.

CURSO DE MAGNETISMO EM DOZE LIÇÕES. MILLET. - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelos correios, 3 fr. 50 c.

MEMÓRIAS *para servir à história e ao estabelecimento do magnetismo*. PUYSEGUR (Marquês de). - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelos correios, 6 fr. 60 c.

CARTAS ÓDICO-MAGNÉTICAS, REICHENBACH (Cavaleiro de), traduzidas do alemão. - Brochura in-18, 1 fr. 50 c; pelo correio, 1 fr. 75 c.

Curiosas experiências sobre o fluido *ódico*, descoberto pelo autor e que, parece, deve lançar nova luz sobre a questão dos fluidos, se forem confirmadas. Pelos conhecimentos que possuem, os espíritas estão particularmente em posição de controlar essa teoria.

TESTE. *Manual Prático de Magnetismo Animal*, exposição metódica dos processos empregados para produzir os fenômenos magnéticos e sua aplicação ao estudo e ao tratamento das doenças. - 1 vol. in-8 de 500 páginas, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 75 c.

Obras contra o Espiritismo

Nota - Proibir um livro é dar mostras de que o tememos. O Espiritismo, longe de temer a divulgação dos escritos publicados contra ele e interditar sua leitura aos adeptos, chama a atenção destes e do público para tais obras, a fim de que possam julgar por comparação. As referências à *Revista Espírita* indicam as obras que foram refutadas.

IMORTALIDADE, A MORTE E A VIDA (A), BAGUENAUT DE PUCHESSE, estudo sobre o destino do homem. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

O autor assim se exprime sobre o Espiritismo: "Seus princípios inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, já que aparece e se mostra depois da dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se desprende, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo é condenado pelos fatos; a vida no além-túmulo torna-se um fato certo e quase palpável; o sobrenatural se impõe assim à Ciência e, submetendo-se ao seu exame, não lhe permite mais repeli-la teoricamente e declará-la, em princípio, impossível".

Apesar dessa declaração, o autor não é partidário do Espiritismo. Ele acha que a doutrina deste último sobre a imortalidade "compromete o verdadeiro e puro espiritualismo, subtrai-lhe o caráter de elevação e de nobreza de que o revestiram os altos destinos filosóficos e religiosos; deixa sem solução os problemas do destino humano". Continua ele: "Com o Espiritismo a sobrevivência perderia uma parte de sua dignidade, de sua independência e de sua grandeza." Ele prefere os dogmas das penas eternas e o céu católico, que julga mais conformes à razão e à justiça de Deus.

MESMER E O MAGNETISMO ANIMAL; MESAS

GIRANTES E ESPÍRITOS. BERSOT. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelos correios, 4 fr. Paris, Hachette.

O MARAVILHOSO no Jansenismo, no Magnetismo, no Batismo, na Epidemia de Morzine e no Espiritismo. BLANC (Henri). - 1865. - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 60 c. Paris, Plon.

Após um exame aprofundado, o autor constata que fenômenos prodigiosos se produziram, mas dá a entender que são obra do Espírito do Mal. Embora hostil ao Espiritismo, essa obra lhe é, na realidade, muito útil.

ESPÍRITO BATEDOR (O). BROWNSON (Doutor). - 1862. - 1 vol. in-12, 1 fr; pelo correio, 1 fr. 40 c. Paris, Casterman.

ESTUDOS SOBRE O FLUIDO NERVOSO E A SOLUÇÃO DEFINITIVA DO PROBLEMA ESPÍRITA.

CHEVILLARD. - 1869. - 1 vol. in-18, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c.

Texto da conferência feita pelo autor, em 30 de janeiro de 1869, sob o título de: *O Espiritismo perante a Ciência. (Revue Spirite, março de 1869, pág. 83.)*

DO ÊXTASE OU DOS MILAGRES COMO FENÔMENOS NATURAIS. DESAGES. - 1 vol. in-8, 6 fr; pelo correio, 6 fr. 50 c. Paris, Henri, Palais-Royal.

O autor se esforça por provar a não-realidade das manifestações dos Espíritos. Contudo, avalia em 2 milhões o número de espíritas na França, o que lamenta pela honra da razão deles.

INCOERÊNCIAS. DESCHANEL. - 1 vol. in-18, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, Hachette.

Compilação de artigos do autor sobre diferentes temas, entre os quais se encontram aqueles que escreveu contra o Espiritismo, no folhetim do *Journal des Débats* de 15 e 29 de novembro de 1860. (*Revue Spirite*, março e abril de 1861, págs. 65 e 97.)

HISTÓRIA DO MARAVILHOSO NOS TEMPOS MODERNOS. FIGUIER (Louis). - 4 vol. in-12, 14 fr.; pelo correio, 15 fr. 50 c. Paris, Hachette. (*Revue Spirite*, setembro e dezembro de 1860, págs. 274 e 369; abril de 1861, pág. 109.)

COSTUMES E PRÁTICAS DOS DEMÔNIOS OU DOS ESPÍRITOS VISITANTES DO ESPIRITISMO ANTIGO E MODERNO. GOUGENOT-DESMOUSSEAU (Cavaleiro). - 1 vol. in-8, 6 fr.; pelo correio, 6 fr. 60 c. Paris, Plon.

O autor, embora reconhecendo a realidade das manifestações, procura demonstrar que elas só podem ser obra do demônio.

DEMÔNIO DE SÓCRATES (O). LÉLUT (Doutor), do Instituto. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c; pelo correio, 4 fr. Paris, J.-B. Baillière.

O autor conclui que *Sócrates era louco*, porque acreditava em seu Espírito familiar, que em grego se chamava *daimon*, demônio. Como é conveniente, para certas pessoas, qualificar de *loucos* todos os que crêem na existência dos Espíritos, inclusive Sócrates, sob esse ponto de vista todos os espíritas evidentemente são loucos.

PASTORAL ou *Ordenação contra o Espiritismo*, por monsenhor PAVTE, bispo de Argel. - 1863. -(*Revue Spirite*, novembro de 1863, pág. 336).

* *Do Monsenhor bispo de Estrasburgo*, em 1864. (*Revue Spirite*, março de 1864, pág. 83.)

* *Do Monsenhor Gousset*, arcebispo de Reims, para as quaresmas de 1864 e 1865. (*O Céu e o Inferno*, cap. IX e X.)

* *Do Monsenhor Pantaleão Monserro y Navarro*, novo bispo de Barcelona. (*Revue Spirite*, setembro de 1864, pág. 264.)

* *Do Monsenhor bispo de Langres*, em 1864. (*Revue Spirite* de 1864, pág. 179.)

REFUTAÇÃO COMPLETA DA DOUTRINA ESPÍRITA. MAROUZEAU (Abade). - Brochura in-8, 1 fr.; pelo correio, 1 fr. 25 c. Paris, Douniol. (*Revue Spirite*, julho e setembro de 1863, págs. 218 e 275.)

MORTOS E os Vivos (Os). MATIGNON (R. P.) da Companhia de Jesus. Conversas sobre as comunicações de além-túmulo. - Brochura in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 30 c. Paris, Adrien-Leclerc. (*Revue Spirite*, maio e junho de 1863, págs. 142 e 169.)

MAGIA E A ASTROLOGIA (A). MAURY (Do Instituto). - 1863. - 1 vol. in-12, 3 fr. 50 c. Paris, Didier & Cia.

Do ESPIRITISMO. - Brochura in-18. - CONVERSAS SOBRE O ESPIRITISMO. - Brochura in-18, 1 fr.; NAMPON (R. P.), da Companhia de Jesus, pelo correio, 1 fr. 25 c. Lyon, Josserand. (*Revue Spirite*, junho de 1863, pág. 169.)

ESPIRITISMO DIANTE DA HISTÓRIA E DA IGREJA **(O)**. POUSSIN (Abade). - 1 vol. in-12, 3 fr.; pelo correio, 3 fr. 50 c. Paris, Sarlit. (Revue *Spirite*, janeiro de 1868, pág. 5.)

DOS ESPÍRITOS E DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO VISÍVEL. THIBOUDET (Abade). Segundo a tradição. - 1854. - 1 vol. in-8, 5 fr., pelo correio, 5 fr. 60 c; 1 vol. in-12, 4 fr.; pelo correio, 4 fr. 40 c. Paris, Vives.

Afirmção sem restrição da realidade de todos os fenômenos magnéticos e das manifestações espíritas, mesas girantes, etc; provas da intervenção de inteligências ocultas; refutação peremptória da teoria do reflexo do pensamento na mediunidade; demonstração extraída da autoridade dos Pais da Igreja de que os demônios são os únicos agentes possíveis desses fenômenos e que não há fluido magnético humano. O autor certamente esgotou todos os argumentos que se pode invocar em favor de sua tese; se não convence todo mundo, a culpa não é dele.

DAS CIÊNCIAS OCULTAS E DO ESPIRITISMO. TISSANDIER. - 1 vol. in-18, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 50 c. Paris, Germer-Baillière.

LIVRARIA ESPÍRITA

PARIS - 1870

V

DISCURSOS PRONUNCIADOS

PELO ANIVERSÁRIO DE MORTE

DE ALLAN KARDEC -

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO

(APÊNDICE)

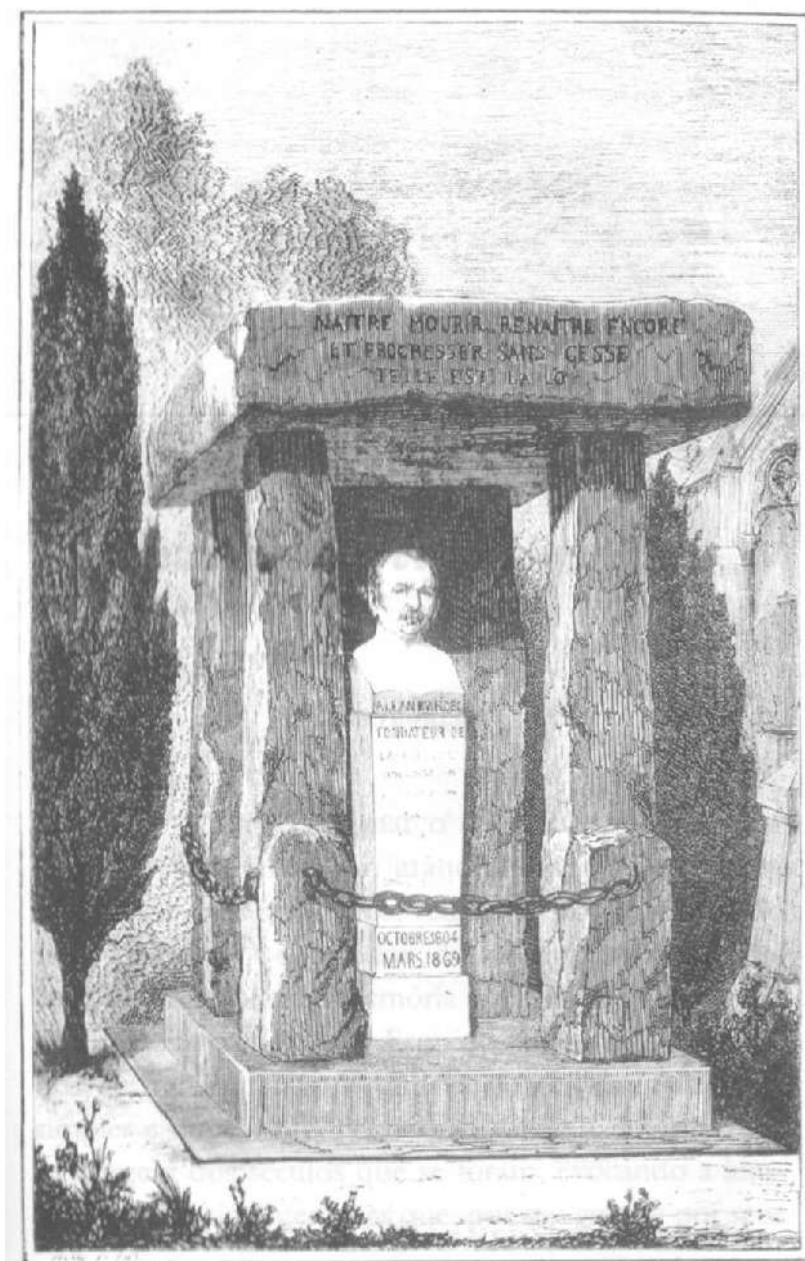
OPÚSCULO PUBLICADO EM 1870

PELA LIVRARIA ESPÍRITA

PARIS - RUA DE LILLE, 7

INCLUI COMUNICAÇÃO PÓSTUMA DO

ESPÍRITO ALLAN KARDEC



MONUMENTO DE ALLAN KARDEC

Inaugurado a 31 de março de 1870

AV. PÈRE-LACHAISE (44ª DIVISÃO)

Inauguração do Monumento

Introdução

No dia 31 de março de 1870, por volta das duas horas da tarde, um grande número de espíritas, recolhidos e emocionados, reuniu-se no Cemitério do Père-Lachaise,^{xxvii} em redor do monumento que foi erguido para honrar a memória imperecível do eminente fundador da Filosofia Espírita. Sumamente admirados, os transeuntes se detinham diante dessa edificação simples e imponente, falando aos olhos e ao coração a linguagem dos séculos que se foram, evocando a lembrança de antigas gerações que, por seu culto e por seus monumentos funerários, consagraram as crenças que o Espiritismo moderno fez ressurgir.

Tão logo a forma do mausoléu foi decidida de modo definitivo - um *dólmén* composto de três pedras verticais de granito bruto, encimadas por uma quarta pedra tabular, repousando um tanto obliquamente sobre as três primeiras - a comissão encarregada pela Sra. Allan Kardec de dirigir os trabalhos empenhou-se em acelerar a sua construção, de modo a fazer coincidir o aniversário de morte do mestre com a inauguração do monumento.

Situado num ângulo formado por duas alamedas, numa altitude de onde se domina inteiramente o campo de repouso, o terreno escolhido era admiravelmente propício ao objetivo a que se propunha. As providências indispensáveis para sua aquisição, a extração dos blocos de pedra, totalizando mais de 30 toneladas, a construção de um jazigo bastante sólido para suportar semelhante massa, a execução do busto de Allan Kardec, confiada ao talento notável do Sr. Capellaro (vide a *Revista Espírita* de janeiro de 1870), tudo isso tomava um tempo considerável; a própria comissão, às vésperas da inauguração, ainda não sabia se o trabalho estaria concluído no dia fixado. A exumação e o traslado do corpo não puderam ser feitos antes do dia 29 de março e, na manhã do dia 31, a pedra tabular superior, pesando seis toneladas, ainda jazia no chão, em consequência de uma falsa manobra dos operários, que por pouco não puseram o trabalho a perder.

Entretanto, na hora marcada, o *dólmén* estava definitivamente construído. O busto de Allan Kardec repousava sobre o pedestal de granito e, não obstante os andaimes que ainda o cercavam, os espíritas que chegavam para saudar as cinzas do mestre podiam admirar, em todo o seu esplendor original, o símbolo indestrutível dos princípios eternos ensinados pelo Espiritismo.

Ainda faltavam as inscrições, que só foram gravadas depois. Os visitantes, atraídos diariamente à vasta necrópole pela lembrança dos amigos desaparecidos, cuja curiosidade despertam, se detêm para meditar-lhes o sentido, dali se afastando com pesar, surpresos com as idéias de futuro e de esperança que elas fazem brotar em seus espíritos.

É que, em verdade, a Doutrina Espírita ali está contida em sua inteireza, e o pensamento inscrito na pedra, ao atrair os olhares, penetra profundamente a inteligência, como uma verdade indestrutível. No pedestal do busto lê-se:

ALLAN KARDEC

FUNDADOR DA FILOSOFIA ESPÍRITA

Mais abaixo a epígrafe da *Revista Espírita*:

TODO EFEITO TEM UMA CAUSA. TODO EFEITO INTELIGENTE TEM UMA CAUSA INTELIGENTE. O
PODER DA CAUSA INTELIGENTE ESTÁ EM RAZÃO DA GRANDEZA DO EFEITO.

Que demonstração mais concisa e mais convincente se poderia dar da existência e da grandeza de Deus?

Enfim, as datas do nascimento e da morte:

3 de outubro de 1804

31 de março de 1869

Na face anterior da pedra tabular superior, lê-se:

NASCER, MORRER, RENASCER AINDA

E PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI

A pluralidade das existências e o progresso indefinido, tais são, com efeito, as bases fundamentais da Filosofia Espírita, as pedras angulares do edifício!...

A incerteza em que se achava a Sra. Allan Kardec, em relação à execução definitiva do mausoléu não lhe permitira prevenir de antemão os nossos irmãos em crença, aqueles que haviam manifestado o desejo de assistir à reunião comemorativa. Nada obstante, o Espiritismo estava dignamente representado por numerosos espíritas, tanto de Paris quanto da província.

Aliás, ninguém se esqueceu de que o ano passado, em semelhante data, um justo foi buscar, na erraticidade, a sanção de uma vida de devotamento e de abnegação. A abundante correspondência que recebemos naquela ocasião é um testemunho irrecusável de que Allan Kardec, embora tenha deixado de existir materialmente entre nós, viverá eternamente, por sua memória e pela lembrança de seus trabalhos, no coração de quantos ele abriu, através do Espiritismo, os vastos horizontes da vida futura.

Como dizíamos há pouco, a província estava representada por certo número de espíritas, cujos negócios os haviam conduzido momentaneamente a Paris. Entre outros citaremos o Sr. Guilbert, digno Presidente da Sociedade Espírita de Rouen, e o Sr. Fortuné Gusman de Bône, um dos partidários mais ativos da vulgarização da nossa filosofia na Argélia.

Vários discursos de circunstância foram pronunciados junto ao túmulo. Dentre os oradores que tomaram a palavra para expressar, com a eloquência do coração, os sentimentos de reconhecimento e os testemunhos de gratidão dos espíritas presentes e ausentes, citaremos os Srs. Levent, Desliens, Leymarie e Guilbert.

Convencidos de que os nossos leitores, em razão da distância ou de suas ocupações, não puderam assistir à inauguração, dar-lhes-emos a conhecer alguns desses discursos, já que o espaço limitado da *Revista Espírita* não nos permite publicá-los integralmente. Assim, julgamos por bem enfeixá-los numa brochura especial, juntando-lhe algumas cartas mais notáveis que nos foram enviadas pelos Srs. Vanderyst, de Spa (Bélgica), e pelo Sr. Delanne, retido longe de nós por dolorosa moléstia.

Por fim, entre as instruções suscitadas pela inauguração do monumento, reproduziremos, como conclusão natural desta brochura, uma comunicação que o Espírito Allan Kardec houve por bem transmitir por um de nossos médiuns.

A gravura do *dólmén* que acrescentamos a esta publicação, para satisfazer à legítima curiosidade de todos, foi executada com esmero e rigorosa exatidão pelo Sr. Pégard, conforme desenho do Sr. Sebillé.

Nota - Apressamo-nos em informar aos nossos leitores que, além do busto destinado ao mausoléu de Allan Kardec, atualmente exposto no salão, uma segunda prova, encomendada pela *Sociedade Anônima* e destinada ao *Museu do Espiritismo*, será colocada na sala das sessões, situada à Rua de Lille, 7.

Correspondências

Carta do Sr. Vanderyst, de Spa — Bélgica

Spa, 29 de março de 1870.

Prezados Senhores,

Depois de amanhã é o dia de aniversário da morte do nosso saudoso mestre Allan Kardec. É também a ocasião que escolheste para a inauguração de um monumento funerário. Se a distância que nos separa é demasiado grande para nos permitir fazer a viagem, ficai certos, senhores, de que nos uniremos a vós em coração e em intenção, e que nosso pensamento vos acompanhará no cumprimento desse piedoso dever. Pedimos que expresseis à Sra. Allan Kardec o pesar que sentimos por não poder testemunhar-lhe de outra maneira a nossa solidariedade nesta circunstância.

Talvez ainda haja irmãos em crença que não partilhem da nossa opinião quanto à utilidade e oportunidade deste monumento. De nossa parte, julgamos que é o mínimo que podemos fazer para exprimir ao mestre a nossa gratidão pelos imensos benefícios de que lhe somos devedores. Sem Allan Kardec, a maior parte de nós estaria ainda no caos, sem poder dar corpo às nossas idéias sobre a vida futura.

A pedra angular do edifício espírita é a reencarnação. O mestre a tinha compreendido e dela fizera um estudo aprofundado. De certo modo, ele se identificou com esse princípio, colocando-o sempre sob a tríplice égide da revelação, da razão e da ciência. Dentre todos os princípios, talvez seja este que trará o remédio mais direto, a solução imediata aos temíveis problemas que preocupam os espíritos e dizem respeito à vitalidade mesma da sociedade moderna.

Depois de haver proclamado em vida esse princípio, a despeito de algumas dissidências passageiras, é justo que lhe renda uma última e eterna homenagem; que o personifique até no local onde repousam suas cinzas. O *dólmén* é uma forma característica e expressiva, simples e imponente ao mesmo tempo. Escolheste bem, senhores, e só nos cabe agradecer-vos por isso.

A memória de Allan Kardec, como a de todos os grandes reformadores, perpetuar-se-á sobretudo na posteridade. À semelhança do que ocorreu durante o quingentésimo aniversário de *Jan Hus*, dia virá em que a grande individualidade do mestre verá multidões se levantarem novamente em seu nome. Desta vez seu triunfo será maior, mais universal. Enquanto se espera, compete a seus adeptos, àqueles que mais diretamente recolheram o fruto de seu labor, assentar a primeira pedra de suas recordações, propagar seus escritos e executar seus projetos.

Allan Kardec deixou-nos uma bela filosofia, imperecível como as leis naturais que lhe constituem as bases; fez mais: sancionou-a pela prática de todas as virtudes. De nossa parte, cabe mostrar que somos dignos da Doutrina e de seu fundador, sobretudo por nossa união, devotamento à causa e desinteresse.

Espíritas, não basta tomar por divisa a *caridade*. É preciso que ela nos penetre o ser, que viva em nossos atos.

Rogo que aceiteis, etc.

H. VANDERYST

Carta do Sr. Delanne^{xxviii}

Rouvray, 30 de março de 1870. Senhores e amigos,

Encontro-me no campo há um mês, em busca do restabelecimento de minha saúde, fortemente abalada por seis meses de doença.

Por uma carta da Sra. Delanne, tomei conhecimento de que ireis inaugurar, amanhã, o monumento de nosso venerado mestre Allan Kardec. Eu me sentiria muito feliz se pudesse estar convosco para assistir a essa tocante cerimônia e prestar homenagem, de viva voz, uma vez mais, a esse Espírito de escol que, em me dando a fé esclarecida, deu-me, ao mesmo tempo, a calma e a resignação tão necessárias nesta Terra de provações.

Mas, se a distância e o esgotamento de minhas forças não me permitem acompanhar-vos pessoalmente, crede que meu coração, malgrado a impotência do meu corpo, permanece livre e se unirá aos vossos.

Ninguém saberia, melhor do que eu, reconhecer as raras qualidades de Allan Kardec e render-lhe justiça. Muitas vezes, em minhas longas viagens, vi o quanto era ele amado, estimado e compreendido por todos os adeptos. Todos desejavam conhecê-lo pessoalmente a fim de lhe agradecerem por ele lhes ter dado a luz através de suas obras e lhe testemunharem sua gratidão e seu inteiro devotamento. Eles ainda o amam, até hoje, como a um verdadeiro pai. Todos lhe proclamam o gênio e o reconhecem como o mais profundo dos filósofos modernos. Contudo, estarão em condições de o apreciar em sua vida privada, isto é, em suas ações? Puderam avaliar a bondade de seu coração, seu caráter tão firme quanto justo, a benevolência de que usava em suas relações, a caridade efetiva que inundava sua alma, sua prudência e sua extrema delicadeza? - Não!

Muito bem! É deste ponto de vista, senhores, que hoje vos quero falar do autor de *O Livro dos Espíritos*, já que por muitas vezes tive a honra de ser recebido em sua intimidade. Como testemunhei algumas de suas boas ações, creio não ser descabido fazer algumas citações aqui.

Um amigo meu de Joinville, o Sr. P..., veio ver-me certo dia. Fomos juntos à vila Ségur, a fim de visitar o mestre. No decorrer da conversa, o Sr. P... narrou a vida de privações por que passava um compatriota seu, já avançado em idade e a quem tudo

faltava, inclusive agasalhos para se cobrir no inverno, e obrigado a proteger os pés desnudos em toscos tamancos. Esse homem de bem, entretanto, longe estava de se lastimar e, sobretudo, de pedir auxílio: era um pobre envergonhado. É que uma brochura espírita lhe caíra sob os olhos, permitindo-lhe haurir na Doutrina a resignação para as suas provas e a esperança de um futuro melhor.

Vi, então, rolar uma lágrima compassiva dos olhos de Allan Kardec e, confiando ao meu amigo algumas moedas de ouro, disse-lhe: "Tomai-as para que possais prover às necessidades materiais mais prementes do vosso protegido. E, já que ele é espírita e suas condições não lhe permitem instruir-se tanto quanto ele desejaria, voltai amanhã. Sereis portador de todas as obras de que eu puder dispor, a fim de as entregar a ele". Allan Kardec cumpriu a promessa e hoje o velhinho bendiz o nome do benfeitor que, não satisfeito em socorrer sua miséria, ainda lhe dava o pão da vida, a riqueza da inteligência e da moral.

Alguns anos atrás, recomendaram-me uma pessoa reduzida à extrema miséria, expropriada violentamente de sua casa e jogada sem recursos no olho da rua, com a mulher e os filhos. Fiz-me intérprete desses infortunados junto ao mestre. No mesmo instante, sem querer conhecê-los, sem mesmo inquirir de suas crenças (eles não eram espíritas), Allan Kardec forneceu-me os meios de os tirar da miséria, o que lhes evitou o suicídio, pois já haviam decidido libertar-se do fardo da vida, tornado pesado demais às suas almas desalentadas, caso tivessem que renunciar à assistência dos homens.

Enfim, permiti que eu narre ainda o seguinte fato, em que a generosidade de Kardec rivaliza com sua delicadeza.

Um espírita, residente num lugarejo situado a vinte léguas de Paris, havia pedido a Allan Kardec que lhe concedesse a honra de uma visita, a fim de que este assistisse às manifestações espíritas que com aquele se produziam. Sempre solícito quando se tratava de prestar um obséquio, e atento ao princípio de que o Espiritismo e os espíritas devem assistir os humildes e os pequenos, logo partiu, acompanhado de alguns amigos e da Sra. Allan Kardec, sua estimada companheira.

Não teve por que se arrepender de sua resolução, porquanto as manifestações que testemunhou foram verdadeiramente notáveis. Mas, durante sua curta permanência ali, seu anfitrião foi cruelmente afligido pela perda súbita de uma parte de seus recursos. Consternados, os pobres coitados dissimulavam o seu pesar tanto quanto lhes era possível. Todavia, a notícia do desastre chegou a Allan Kardec e, no momento de partir, tendo-se informado da cifra aproximada do prejuízo, remeteu ao administrador da cidade uma soma mais que suficiente para restabelecer o equilíbrio financeiro da situação do seu hospedeiro. O lavrador só tomou conhecimento da intervenção de seu benfeitor após a partida deste.

Eu não pararia de falar, senhores, se me fosse dado lembrar os milhares de fatos deste gênero, conhecidos tão-somente por aqueles que ele socorreu; porque ele não aliviava apenas a miséria material, mas também levantava, com palavras confortadoras, o moral abatido, e isto sem que sua mão esquerda jamais soubesse o que dava a direita.

Antes de terminar, impossível resistir ao desejo de vos revelar este último fato. Uma tarde, certa pessoa de minhas relações, que passava por cruéis provações, mas que a todos ocultava sua miséria, encontrou na portaria uma carta lacrada, restrita a estas simples palavras: "Da parte dos bons Espíritos", e contendo recursos suficientes para ajudá-la a sair da crítica situação em que se achava. Do mesmo modo que a bondade do mestre lhe descobrira o infortúnio, meu amigo, guiado por alguns indícios e pela voz do coração, logo reconheceu o seu anônimo benfeitor.

Eis o coração desse filósofo, tão desconhecido durante sua vida! A despeito de tudo, quem mais do que ele, tão bom, tão nobre, tão grande em suas palavras quanto em suas ações, foi mais alvo da injúria e da calúnia? E, contudo, não tinha como inimigos senão os que não o conheciam; porque, quando o apreciavam melhor, mesmo sem partilhar suas opiniões filosóficas, eram forçados a render homenagem à sua boa-fé.

Seus críticos, que dele não conheciam senão a bandeira, tentaram indispor-lo contra a opinião pública, sem averiguar se os boatos que produziam continham o menor fundamento. Mas ele empunhou essa bandeira tão altiva e firmemente que nenhuma mancha foi capaz de atingi-la, e a lama com que a queriam encobrir apenas sujou a mão dos panfletários.

Caro mestre, nobre e grande Espírito, paira em tua majestade sobre os que te amam e respeitam! Observa os que te são inteiramente devotados! Continua sobre eles a tua intervenção caridosa e protetora! Transmite às suas almas o fogo sagrado que te anima, a fim de que, profundamente convencidos dos imortais princípios que professaste, possam eles marchar sobre tuas pegadas, imitando tuas virtudes! Faze que reinem entre nós a concórdia, o amor e a paz, a fim de que possamos reunir-nos a ti, quando houver soado para nós a hora da libertação!...

ALEXANDRE DELANNE

Discursos Pronunciados pelo Aniversário de Morte de Allan Kardec

Em nome da família e dos amigos Pelo Sr. Levent

Senhores e caros irmãos,

Um ano atrás, exatamente, um acontecimento doloroso e inesperado - a morte súbita de nosso venerado mestre Allan Kardec - causava consternação e luto entre nós. E que, se a Doutrina Espírita perdia seu único e verdadeiro chefe, muitos de nós, ou quase todos, perdíamos um amigo, um verdadeiro amigo.

É nessa condição que me permito dirigir-vos algumas palavras, autorizado também por doze anos de relações íntimas e afetuosas com Allan Kardec.

Não obstante a obra do mestre estivesse longe de findar-se; a despeito de sua ausência ter deixado um vazio imenso em nossas fileiras, impossível de preencher - ele nos faltava a todos! - o desânimo não se apoderou de nossas almas e não se ouviu nenhuma blasfêmia contra a vontade divina. Pouco a pouco a calma retornou aos nossos espíritos perturbados. As lágrimas e pesares amargos foram substituídos por uma doce e santa resignação. A que se deve atribuir essa resignação, essa calma, senão ao Espiritismo? Sublime e consoladora Doutrina, cujo estudo atento, sério, levanta a coragem abatida, sustenta os espíritos fracos, dá-lhes a ciência da vida, prova-lhes que têm uma alma responsável por seus atos, e que aquilo que o mundo chama de morte não passa da aurora de uma nova existência.

Caro e saudoso mestre, das esferas elevadas de onde irradiais sobre nós, certamente desfrutais de vossa obra!

A presença de amigos sinceros e fiéis, reunidos neste lugar fúnebre por vossa corajosa companhia e agrupados em volta deste túmulo, é uma prova, mestre querido, de que vossa lembrança está viva em nossos corações, de que continuaremos a obra pela qual consagrastes vossa *última existência*, e de que buscaremos espalhar a luz e propagar a Doutrina Espírita, não só pela palavra, mas, também, por nossos atos.

Sede bendito entre todos, caro mestre e amigo, pelo bem que fizestes e ainda fazeis todos os dias.

Possa o Espiritismo, de que fostes o corajoso e douto iniciador, cobrir em breve a superfície inteira da Terra com os seus raios benfazejos.

Continuai dispensando aos vossos discípulos o vosso concurso todo-poderoso e a vossa benevolência. A obra se realizará!... e o vosso nome, gravado no panteão da

História entre os daqueles benfeitores da Humanidade, transmitir-se-á, de geração em geração, qual o dos antigos profetas.

O homem é espírito e matéria Pelo Sr. A. Desliens^{xxix}

Senhores,

Há um ano, neste mesmo dia, um desses grandes espíritos que aparecem através dos séculos para guiar a Humanidade em sua marcha ascendente rumo ao conhecimento da verdade, escapava prematuramente de seu invólucro corporal. Ia colher, na verdadeira pátria das almas, a recompensa de seus trabalhos conscienciosos, de seu devotamento perseverante, de suas lutas incessantes e fecundas pelo triunfo da verdade e pela prática do bem. Ele mesmo ia explorar esse mundo espiritual, que pressentia desde a juventude e que descrevia com lógica, clareza e eloquência inimitáveis, tão logo experiências mais diretas lhe permitissem constatar a sua realidade.

Qual moderno Cristóvão Colombo, pelo estudo do mundo material visível que tinha sob os olhos, ele adivinhara a existência de um mundo espiritual invisível que, do homem a Deus, continuava a cadeia ininterrupta que se eleva do átomo ao homem.

Antes dele, muitos outros haviam reconhecido que em todos os reinos da Natureza as espécies se sucedem em virtude de leis maravilhosamente simples, desde os infinitamente pequenos até os infinitamente grandes. Muitos haviam reconhecido que é por graus insensíveis que se passa do infusório invisível ao elefante, do átomo imperceptível aos maiores globos celestes.

Desde os filósofos da Antigüidade até os cientistas dos nossos dias, e mesmo os Pais da Igreja, os pensadores de todas as épocas, tomando por bússola a lógica e a razão, imaginaram que se estendia muito além da Humanidade a harmoniosa gradação que haviam observado do lado de cá. A distância infinita que existe entre a molécula infinitesimal e o ser humano, preenchida tão racionalmente por todas as espécies inferiores ao homem, implicava, necessariamente, acima do homem e até Deus, na existência de uma série de seres superiores, sem os quais a Criação não teria passado de uma obra imperfeita e trunca. Conseqüentemente, esse mundo superior deverá compor-se de uma variedade tão grande de seres quanto a daqueles que constituem o mundo *humanimal*.

O homem, síntese perfeita da criação visível e sensível, devia ser o intermediário, o ponto de contato, o elo de transição entre o mundo material inferior e o mundo espiritual superior. E, com efeito, independentemente da forma, todas as crenças religiosas afirmam mais ou menos a existência dos seres desse mundo imaterial, imiscuindo-se nas questões humanas como agentes secundários entre o Criador e a criatura. Negar sua existência e sua intervenção salutar ou perversa nos atos da vida terrena seria negar, evidentemente, os fatos sobre os quais repousam as crenças de

todos os povos, de todos os filósofos espiritualistas, até os sábios da mais remota Antigüidade, cujos nomes chegaram até nós.

Mas, cabia ao nosso século ilustrar-se pela descoberta e exploração desse mundo desconhecido; cabia a Allan Kardec vulgarizar, condensar, coordenar e popularizar as leis que governam o mundo espiritual e os meios de se entrar em relação com os seres que o habitam.

Por certo, alguns Espíritos eminentes, missionários do progresso, quais faróis destinados a espalhar a luz vivificante do saber sobre os seus contemporâneos, haviam tentado levantar a ponta do véu que lhes ocultava os segredos do futuro e, mesmo através de nuvens espessas, conseguiram entrever a verdade. Mas a conservaram preciosamente no foro íntimo, mal ousando aprofundá-la e não a transmitindo senão a raros discípulos, cuja superioridade e discrição apreciavam. Nenhum deles foi capaz ou teve a ousadia de reunir os elementos esparsos das leis entrevistas; nenhum buscou no fato brutal, na experimentação direta, a prova material e física da existência desse mundo e de suas relações com o nosso.

Allan Kardec fez o que até então ninguém fizera. Estudou os fatos, analisou-os metodicamente e, de suas observações laboriosas, resultaram ensinamentos conscienciosos, condensados em obras imortais, sábia e claramente escritas, por meio das quais ele vulgarizou no mundo inteiro, em alguns anos, a mais prodigiosa descoberta do nosso século.

Após quinze anos de trabalhos perseverantes, depois de haver consagrado todo o seu ser a esta empresa gigantesca, depois de ter sacrificado seu repouso, sua saúde e sua vida à edificação da Doutrina, suas forças traíram sua coragem e ele caiu fulminado no momento em que, dando a última demão à primeira parte da obra, seus trabalhos iam entrar numa nova fase com numerosos elementos de sucesso.

Combatendo mais que nunca pelo triunfo das verdades demonstradas pelo Espiritismo, ele morreu em plena atividade, em todo o vigor e pujança de sua inteligência: *a lâmina havia consumido a bainha!*

O homem desagregou-se! O corpo, privado de vida, foi restituído à terra, mas a alma que o animava foi receber a recompensa da missão digna e nobremente cumprida. Livre das preocupações terrenas, liberta das mesquinhas paixões que nos perturbam cá embaixo, ela retornava ao mundo dos Espíritos como o exilado regressa ao seu país natal, como o prisioneiro escapa da cela em que estava encerrado. É por isso que não lamentamos por ele, certos que estamos de sua felicidade, mas pela Sra. Allan Kardec, por nós mesmos e pelos espíritas do mundo inteiro o golpe terrível que o subtraiu à nossa afeição comum.

Com efeito, não é para os que se vão, como Allan Kardec, que a morte é cruel!... Anjo da libertação, aos lhes tocar com as asas, abre-lhes horizontes desconhecidos, reservando seus rigores para os que ficam em volta da lareira deserta, para a companheira de toda uma existência de devotamento e afeição, para os amigos e discípulos do pensador laborioso!...

O mestre venerado! Como nos foram salutareis os teus ensinamentos! Tuas obras se constituíram em precioso auxílio para nós todos! Graças a ti e às verdades que nos fizeste tocar com o dedo, sabemos, de fato, que não abandonarás tua companheira, que a sustentarás com teus conselhos diários; que nos inspirarás e nos instruirás, a fim de mantermos a Doutrina na via prudente e sábia em que a colocaste.

Pelo estudo do Espiritismo, pelas idéias do futuro nas quais crescemos ao teu lado, sabíamos que o túmulo entreaberto só se fecharia sobre a matéria em decomposição, e que a inteligência, já planando nos espaços, abandonaria conosco o *campo de repouso*, para continuar, no mundo dos Espíritos e com novos meios de ação, o aperfeiçoamento da obra que empreendeste.

E, realmente, por tua solicitude para com nossos fracos esforços, pelos eflúvios benfazejos que nos proporcionava o teu concurso incessante, não tardaste a demonstrar que, se nos havias deixado materialmente, ao menos teu Espírito não nos tinha abandonado.

Por que, então, nós, espíritas, nos encontramos aqui neste primeiro aniversário de tua partida terrestre, se sabemos perfeitamente que não te encontras aqui e neste lugar jamais estarias? Por que este monumento, que tua modéstia nunca iria reivindicar?

Se aqui nos encontramos, respeitosamente inclinados em torno das vestes corporais que abandonaste quando não mais te serviam, é porque, a despeito do que disseram, não somos esses místicos que, esquecendo completamente a vida terrena, vivem exclusivamente para o céu; é porque sabemos, por tuas sábias instruções, que devemos o que somos a esta matéria, sem a qual não sentiríamos o desejo de nos subtrairmos às necessidades que ela impõe, nem nos esforçaríamos para avançar na senda da perfeição infinita!...

Efetivamente, não é por ela e para ela que procuramos superar os obstáculos que reaparecem incessantemente sob os nossos passos? Não é ela que nos grita, a cada vitória alcançada, sob todas as formas e por todos os meios: *Marcha, marcha!*...

Deus nada criou de inútil. Dando inteligência à matéria, deu-lhe também os meios de chegar até Ele. Contudo, se devemos reconhecer na matéria em geral um auxiliar indispensável a todos os nossos progressos e se, nessa qualidade, ela tem algum direito perante nós, que sentimentos nos devem animar em presença desse corpo, dessa ferramenta maravilhosamente organizada, através da qual damos impulso a todas as faculdades de nossa alma, exprimimos todos os pensamentos, todas as aquisições de nosso ser inteligente!

Ah! Estamos certos de que se trata de um sentimento de gratidão instintivo para com o companheiro inseparável de todos os labores, sentimento que, desde épocas pré-históricas até nossos dias, tanto nos povos mais selvagens quanto nos mais civilizados, suscitou no homem o respeito inveterado pela morte e a necessidade de consagrar, por meio de monumentos invioláveis, o pedacinho de solo onde repousam para sempre os seus despojos mortais!...

E, quando o corpo que jaz sob a lápide funerária há servido de asilo a um desses Espíritos Superiores que, por suas concepções grandiosas, revolucionaram sua época, de que profundos sentimentos religiosos não devemos estar impregnados em sua presença!

Não foi por meio dessa organização poderosa, hoje fria e inanimada; não foi pelo exterior desse corpo perecível que conhecemos Allan Kardec? Contudo, aos que virem uma deificação da matéria na homenagem espontânea que lhe prestamos aqui, diremos:

Não! Allan Kardec não se acha aqui todo inteiro! Neste invólucro que repousa aos nossos pés, neste cérebro extinto, nestes olhos para sempre fechados não há mais que um instrumento quebrado! Este mesquinho jazigo não poderia conter essa inteligência de escol, esse Espírito tão fecundo, essa individualidade tão poderosa, para quem o mundo terreno era limitado demais, e que não parece ter descoberto o mundo espiritual senão para facultar um campo mais vasto à sua insaciável atividade. Não! O Espírito não se acha aqui sob essa laje tumular; ele plana sobre nossas cabeças, num mundo melhor, onde suas faculdades se exercem em toda a sua plenitude e onde esperamos encontrá-lo um dia.

Mas Allan Kardec não era apenas uma inteligência; era também um corpo. Foi por meio desse corpo que nós o conhecemos, que nossas inteligências se punham em relação com a sua. Esta a razão por que hoje nos encontramos reunidos em volta deste túmulo.

Assim como seus trabalhos imortais, as marcas dos homens de gênio pertencem à História da Humanidade. Delas fazem parte integrante e, para as reconstituir por inteiro, para as apresentar semelhantes às futuras gerações, ávidas por conhecerem os que lhes abriram novos horizontes a explorar, é preciso não só o livro, representação materializada da inteligência, mas as formas mesmas que essa inteligência animou.

Os livros continuarão de pé através dos tempos, para transmitir aos nossos descendentes o nome daquele que foi o primeiro a ter a ousadia de penetrar os arcanos da vida imortal, empunhando o facho da lógica e da razão! Mas a imagem física dessa alma, o semblante do homem, esse espelho onde a inteligência vinha refletir-se, não pertencerá também à História? A posteridade não nos cobrará severa conta se, esquecidos e negligentes, não nos empenharmos em tornar conhecida a sua vasta fronte, essa leal fisionomia que transpira benevolência e amor pela Humanidade? Um artista de talento, o Sr. Capellaro, houve por bem preencher esta lacuna lamentável. Nós lhe pedimos que aceite aqui, em nome da Sra. Allan Kardec, em nome de toda a grande família espírita, os nossos mais vivos agradecimentos e calorosas felicitações pelo talento de que deu prova. Com efeito, não é uma simples imagem do nosso venerado mestre que temos sob a vista; é o seu pensamento, é a sua inteligência toda inteira que irradia em torno deste busto e que fala aos nossos olhos a linguagem das almas. Possa esse bronze, que transmitirá aos séculos futuros os traços do imortal fundador da Filosofia Espírita, contribuir para aumentar ainda mais a reputação que o Sr. Capellaro adquiriu por seus trabalhos anteriores.

Caro e venerado mestre:

Se, como não duvidamos, estás aqui presente, conquanto invisível para nós, rogamos que continues dispensando, à corajosa companheira que não se intimidou em assumir este pesado fardo para assegurar a execução de tuas vontades, e a todos nós, teus amigos e discípulos, a proteção de que já nos deste tantas provas.

Com tua lembrança, com teus trabalhos e com os eflúvios salutareos que nos proporcionará a tua presença, continuaremos, no limite de nossas forças, a desenvolver e popularizar a obra que nos confiaste, avançando a passos lentos, mas seguros, rumo aos tempos felizes prometidos à Humanidade regenerada.

O Espiritismo na antigüidade Pelo Sr. Leymaríe^{xxx}

Caros irmãos em Espiritismo,

Estais reunidos para saudar o mestre. De hoje em diante os espíritas encontrarão, nesta vasta necrópole, o nome do homem de bem, do pensador, do filósofo que, do fundo de seu gabinete, abalava o velho espírito de revolta contra Deus, que ameaçava ensinar às gerações futuras estas palavras de Dante: *Aqui deixais toda esperança!*

Esta pedra druídica não é a personificação do orgulho: é um símbolo, um ponto de reunião. Quis a honrada viúva do mestre lembrar a todos os espíritas que Allan Kardec nada tinha inovado, e que, aplicando-se em analisar os laços íntimos que nos unem aos povos desaparecidos, havia encontrado nossa filiação paterna e espiritual nos nossos ancestrais, os gauleses.

Muito antes de Jesus Cristo, as idéias de Deus, da imortalidade da alma, da reencarnação, da transmigração dos seres através dos mundos habitados estavam inscritas no *Ramayana*. O sânscrito nos revelou a idéia mãe, e a Índia não guardou com avareza o tesouro das gerações futuras. As emigrações do Himalaia haviam espalhado a grande idéia na Pérsia, no Egito e até nas Gálias. Após milhares de anos, depois de centenas de revoluções, apenas nossos pais ficaram como guardiães da grande tradição, a mesma que era ensinada, no século dezanove, pela forte e generosa iniciativa do venerado mestre Allan Kardec!

Sim, irmãos, eis o grande homem, o grande mérito do homem que acabamos de saudar: o de ter ousado, em pleno século dezenove, na França - país que adora criticar e onde o ridículo mata - recolher e coordenar o ensino, duzentas vezes secular, de nossos pais, os árias, de seus filhos, os gauleses! Apesar dos ataques interesseiros, insultado no púlpito, nas brochuras, nos jornais, nos livros, foi capaz de fundar a Filosofia Espírita e reencontrar a grande tradição perdida.

Com sua lógica rigorosa, simples, impressionante, ao alcance de todos, esse grande pensador não quis dirigir-se apenas a alguns eruditos e preservar tão-somente a sua reputação de sábio. Sua missão era mais vasta: fustigava em pleno rosto esses galhofeiros impiedosos que, de negação em negação, negavam a si mesmos.

Todos os indiferentes, todas as corrupções sentiram a importância da obra e a atacaram violentamente, em seu espírito e mesmo no homem. Mas Allan Kardec sorria na luta, atraindo a si todos os sofrimentos, a desilusão e a dor. Cicatrizava as aflições íntimas, e seu maior título de glória foi o de ter agido com piedade para com seus detratores, sem lhes responder e, sobretudo, o de ter posto ao alcance deles, com generosidade, o remédio para estas doenças atrofiantes que se chamam: ateísmo, egoísmo, orgulho!...

É por isso que, de todas as partes da Terra, se vêem chegar essas adesões tão numerosas, essa formidável procissão de todas as camadas sociais! Do rei ao operário, do banqueiro ao lavrador é um vasto concerto de bênçãos, é a alma humana encontrando a brisa fresca em meio às aspirações inflamadas deste mundo em apuro.

Foi-se o inferno! A morte tornou-se um sorriso e a esperança, agora séria, nos faz amar a vida da forma que ela é: uma ação falada, animada pela fraternidade, pela solidariedade universal. São surpreendentes, portanto, os ataques apaixonados desta sociedade em delírio, que se desmorona hoje para renascer nas sãs e vigorosas doutrinas do mestre.

Permaneçais junto a nós em Espírito, com a legião dos nossos mortos amados, e deveis estar satisfeito porque cercado daqueles que jamais duvidaram de vós e da vossa obra. São eles que, saturados do vosso ser e sem idéias preconcebidas, vêm trazer-vos sua lembrança e vos saudar, consagrando esta pedra druídica que é a unidade simbólica do número três, a trindade mística preconizada desde o nascimento do homem. É a antiga Gália, cobrindo vossas cinzas humanas e dizendo aos visitantes: *Estudai, remontai á origem!...* é a pedra que se ergue para abrigar vossa fisionomia benfazeja! - Vosso túmulo é toda uma linguagem perdida e novamente encontrada!

Do fundo dos nossos corações, agradecemos ao eminente artista Capellaro, por vos haver consagrado os traços com privilegiado talento, bem como à Sra. Allan Kardec, que deve e deseja continuar vossa tarefa, convocando em torno do vosso nome todos os que cultuam o homem de bem, todos os que, hoje *legião*, se consolam e se fortalecem pela leitura de vossas obras.

Vossas obras! Elas estão em toda parte! O objetivo da *Sociedade*, cujos planos traçastes, é centralizar as forças espíritas para vulgarizar os livros espíritas e colocá-los ao alcance de todas as aspirações. Ela o exige e isto se dará! - Como o Sol que nos aquece hoje, e que, foco de eletricidade, dá em profusão, à Natureza inteira e a todos os mundos habitados do nosso sistema planetário, vida e calor, ela quer que os mais humildes, todos os deserdados, todos os recantos obscuros tenham seu raio de vida: um raio espírita, a esperança real, a segurança do objetivo, a vontade, o meio de ser bom como vós, caro mestre, e de entrever Deus em suas obras, no estudo das maravilhas da Natureza!

Em toda parte quererão ler vossas obras, caro mestre; mas, como é suave aos olhos analisar os traços do consolador, do revelador! O talento consagra a memória dos homens de gênio e, no futuro, vossa página será escrita em letras imensas, bem

profundas. De agora em diante, vosso lugar está designado no cortejo dos homens ilustres. Sois um benfeitor da Humanidade!

Em nome dos espíritas dos centros afastados

Pelo Sr. Guilbert Presidente da Sociedade Espírita de Rouen

Que vos teria a dizer, senhores, depois dos eloqüentes discursos que acabastes de ouvir?

Quase nada me deixastes para colher neste vasto campo, fecundado pelos trabalhos vigilantes daquele a quem devemos a benfazeja vulgarização da Doutrina Espírita. Nada obstante, como delegado dos grupos de Rouen, cabe-me tomar a palavra em seu nome; por isso, julgaria faltar a um dever sagrado se não vos exprimisse aqui seus sentimentos de afeição e de reconhecimento pela bendita inteligência que lhes deu o pão da vida e à qual eles devem a consagração de suas mais ardentes aspirações.

Devo, também, falar em nome de todos os espíritas dos centros afastados, já que minhas freqüentes viagens me permitiram estabelecer relações incessantes com a maior parte deles e conhecer suas necessidades e desejos.

Como eu, senhores, é preciso ter freqüentado os espíritas isolados, haver testemunhado suas lutas laboriosas contra a opinião e os preconceitos arraigados de seus concidadãos, para saber até que ponto vai sua veneração por aquele que eles consideram, com justa razão, a *maior figura do nosso século*.

Com efeito, não é a Allan Kardec que eles devem a solidariedade que os une a todos? E graças a ele, aos seus ensinamentos tão vastos, tão compreensíveis, que, elevando-os acima dos vãos obstáculos que os separam neste mundo, eles esqueceram o pequeno número de cada grupo para se lembrarem tão-só de que fazem parte de um exército considerável, disseminado no Universo e combatendo, na Terra e no Espaço, o erro, a ignorância e a superstição, para a emancipação e a regeneração da Humanidade.

Espigas dispersas e improdutivas antes da vinda do mestre, sob os poderosos eflúvios espalhados por suas obras, eles se transformaram em feixes fecundos e produtivos do espírito humano, popularizando em seu redor crenças nas quais encontraram satisfação para suas mais íntimas aspirações, consolo em suas provações e esperança no futuro.

Pelo Espiritismo, uns foram arrancados da dúvida e da incredulidade; outros nele colheram a sanção e a explicação de suas crenças secretas. Graças a ele todos encontraram a luz onde antes só havia trevas, e a solução simples, lógica e racional de problemas até então incompreensíveis, desconhecidos, contra os quais a inteligência do

homem vinha chocar-se, e que o fazia duvidar da justiça, da bondade e mesmo da existência de Deus.

Mas se adquiriam, pelo Espiritismo, ciência e razão, satisfação à inteligência e ao coração, não esqueceram que, se a riqueza material é um depósito de que terão de prestar contas aos pobres e a Deus, eles também devem, em virtude dos princípios de caridade, solidariedade e fraternidade, espalhar à sua volta, em profusão, as riquezas intelectuais e morais que conquistaram. E essas riquezas imperecíveis, multiplicando-se incessantemente à medida que eles as distribuem em abundância, vêm juntar-se diariamente ao ativo da Humanidade, concorrendo para precipitar sua marcha ininterrupta em direção aos destinos superiores.

Precisaria vos dizer que, se o corpo de Allan Kardec repousa sob esta lápide, seu Espírito vive mais que nunca, na erraticidade, a grande vida das inteligências de escol, irradiando-se incessantemente, indo a todas as reuniões para dar seus conselhos salutareis, moderar o zelo prematuro dos exaltados, secundar os sinceros, estimular os tíbios e admoestar os falsos irmãos? Vós o sabeis tanto quanto eu. Mas, o que talvez ignoreis é a coragem, a perseverança, a firmeza que os espíritas dos grupos isolados e dos grandes centros haurem em suas relações diárias com o eminente Espírito Allan Kardec.

Por isso, é-me grato dizer aqui, para concluir, que hoje eles são apóstolos infatigáveis, ensinando pela palavra e pelo exemplo as sublimes verdades contidas nas obras fundamentais da Filosofia Espírita.

Dignai-vos, pois, caro mestre, sustentar-nos sempre na luta, continuando a obsequiar-nos, enquanto disso nos mostrarmos dignos, com os vossos sábios e benévolos conselhos, que jamais nos recusastes. Sob vossa proteção salutar, certos de seguir o verdadeiro caminho, marcharemos juntamente para a meta, até que praza a Deus reunir-nos a vós, quando formos chamados ao mundo dos Espíritos. E lá, como na Terra, combateremos corajosamente, sob vossa direção, para explorar horizontes desconhecidos e percorrer uma nova etapa na estrada do infinito.

Resposta do Espírito Allan Kardec

Os Monumentos na Antigüidade

Não poderíamos terminar melhor esta breve notícia do que publicando a alocução seguinte, relativa à inauguração do monumento, que o Espírito Allan Kardec houve por bem dirigir-nos hoje mesmo, por um de nossos excelentes médiuns.

Pareceu-nos que a personalidade do mestre aí surgia de maneira indiscutível, tanto pela profundidade das idéias, quanto pela concisão e clareza característica do estilo. Nossos leitores, aliás, estarão em condição de apreciá-la.

...

Paris, 31 de março de 1870.

Meus amigos,

Quando, poucas horas atrás, o culto da lembrança vos reunia em volta do monumento fúnebre que erigistes para honrar minha memória; quando, rodeado por todos os que me precederam ou seguiram na erraticidade, tendo na frente o sinal do Espiritismo, eu escutava, audiente invisível e profundamente emocionado, a expressão de vossos sentimentos afetuosos, vi-me transportado, pelo pensamento, a essas épocas pré-históricas, que um de vós evocara momentos antes em páginas eloqüentes e originais; e, vendo passar diante de mim, como num imenso panorama, as grandes figuras dos séculos que se foram, eu me perguntava o que restaria dos primeiros esforços da humanidade-criança, se os fustes^{xxi} das colunas quebradas, se as inscrições quase apagadas das lajes sepulcrais nos permitissem retracá-los por inteiro!...

Os homens que viveram na Terra foram prosseguir noutra parte os trabalhos começados aqui, mas as idéias que os caracterizaram, os benefícios de que dotaram o espírito humano, como testemunho indestrutível de sua passagem e de seus atos, ficaram profundamente gravados na pedra, esse gigante inconsciente que desafia a ação desagregadora do tempo e dos elementos.

Eu via Zoroastros, Manus e Krishnas desfilarem ante meus olhos deslumbrados. Cada um deles me mostrava, na pedra simbólica e na inscrição peculiar, o traço irrecusável de sua existência e de seus trabalhos.

Envaideciam-se desses testemunhos de reconhecimento de seus contemporâneos? Não! porquanto a individualidade se apaga nesses gloriosos vestígios, para não deixar surgir senão o pensamento de que foi a viva encarnação, para assinalar unicamente a renovação de que foi instrumento e a época em que se realizou. Esses monumentos não são, pois, sinais de orgulho e de vaidade humanos,

mas a prova material do reconhecimento das gerações passadas para com os que lhes fizeram cair dos olhos alguns dos véus que lhes ocultavam as verdades eternas.

Sim, digo e repito aqui altamente, pois esta é minha convicção: sob a pedra sepulcral há somente um punhado de matéria em decomposição. O Espírito não está mais lá! Prossegue seus trabalhos no espaço, quase não mais se deixando tocar pelas honrarias terrenas, por pouco elevado que seja na hierarquia das inteligências. Contudo, terá o direito de recusar os sensíveis testemunhos de afeição dos homens e esquivar-se à consagração material de sua obra? Não o creio, porque, se é Espírito, também foi homem e, como tal, se pertence à História da Humanidade, se sua passagem determinou alguma inovação importante, alguma revelação profunda nas idéias, sua modéstia, seu amor pela solidão e pela obscuridade apenas ocultarão um orgulho insensato!

Aliás, dentro de alguns anos, quem se lembrará da individualidade laboriosa escondida sob o pseudônimo de Allan Kardec? Quem esquecerá o homem, cujo corpo repousa sob a terra, diante da idéia de que a pedra se acha tão visivelmente marcada?...

Eu vos agradeço, pois, senhores, e vos sou profundamente grato pelo mausoléu que erguestes neste local, porquanto, o que glorificastes, o que eternizastes por sua edificação não foi a memória de Allan Kardec - ela vive em vossos corações e esse testemunho lhe basta - mas a época, para sempre viva nos séculos futuros, que viu erigir em corpo de doutrina os princípios sobre os quais repousam a existência e a legislação natural dos universos.

Mas não éreis os únicos, meus amigos, a recordar o aniversário de minha libertação. Imensa comunhão de pensamentos vos unia aos nossos irmãos em crença, e todos juntos, sob os mais diversos climas, em todas as cidades onde penetrou a idéia regeneradora, dirigíeis ao espaço uma lembrança afetuosa e reconhecida ao humilde instrumento dos desígnios providenciais.

Quão grande era meu coração naquele momento indescritível! Que amor imenso inflamava todo o meu ser, por minha amiga, que deixei sozinha entre vós, por cada um de vós em particular e por todos indistintamente!... Ah! por certo, sensações semelhantes podem fazer esquecer uma existência inteira de sofrimentos e de lutas!...

Obrigado, meus amigos! Sou feliz, porque meus esforços não foram inúteis; e se alguns grãos da semente que eu estava encarregado de espalhar caíram sobre a pedra ou nos espinheiros do caminho, muitos frutificaram na terra fecunda, pagando-me ao cêntuplo por todos os meus labores!

Prossegui vossa estrada, corajosos pioneiros da idéia espírita; e se por vezes cruéis decepções vos detiverem um momento, se obstáculos surgirem sob vossos passos e entravarem vossa marcha, como entravaram a minha, erguei os olhos e contemplai a grandeza da meta: vossa perseverança e vossa vontade tornar-se-ão inabaláveis!...

Para vós, todos os homens devem ser irmãos, porque têm a mesma origem e estão destinados ao mesmo fim. Se encontrardes cegos, abri-lhes os olhos, restitui a

audição aos surdos e, seja qual for a incredulidade de uns e o preconceito de outros, convidai-os sempre e incessantemente ao banquete das inteligências. Quando estiverdes de retorno ao espaço, não vos lembrareis, como eu, senão dos trabalhos realizados e, prosseguindo sempre em vossa marcha ascendente para os mundos superiores, fruireis o espetáculo da felicidade daqueles a quem tiverdes feito partilhar de vossas convicções e de vossas esperanças no futuro.

ALLAN KARDEC

ⁱ BARRERA, Florentino. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. Tradução de David Caparelli. 1. ed. São Paulo: Madras Editora Ltda., 2003, p.127

ⁱⁱ Kardec, Allan. *Revista Espírita*, dez. 1861. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 528.

ⁱⁱⁱ KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, jan. 1862. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 50-51.

^{iv} Idem, *ibidem*, abr. 1862. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 181.

^v KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, abr. 1864. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 147.

^{vi} BARRERA, Florentino. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. Tradução de David Caparelli. 1. ed. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2003, p. 128.

^{vii} KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, out. 1865. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 412.

^{viii} KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, set. 1867. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 355-387.

^{ix} KARDEC, Allan. *Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita*. Vide a Nota que vem logo depois do título "Obras contra o Espiritismo", que integra a sua III parte ("Obras realizadas fora do Espiritismo").

^x WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritos do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, p. 47.

^{xi} KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, jun. 1869. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 248.

^{xii} KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, jun. 1869. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 248.

^{xiii} _____. *Revue Spirite*, maio 1870. Trecho traduzido por Evandro Noleto Bezerra. *Inauguration du monument funebre d'Allan Kardec*, p. 149-150.

^{xiv} WANTUIL, Zeus, THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*, vol. III. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, p. 133-152.

^{xv} N. do T.: A respeito desta passagem, Allan Kardec torna mais claro ainda o seu pensamento neste trecho: "O Espiritismo não se dirige aos que têm uma fé qualquer e a quem esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do Catolicismo, do Protestantismo, do Judaísmo ou do Islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base, cada um é livre para seguir a rota que melhor satisfaça à sua razão." (Vide o trecho final da nota de rodapé n° 18, à pág. 120 deste livro).

^{xvi} N. de A. K.: Evangelho de Mateus, 17:10 e seguintes. - João, 3:3 e seguintes.

^{xvii} N. de A. K.: A palavra *elemento* não é empregada aqui no sentido de *corpo simples, elementar, de moléculas primitivas*, mas no de *parte constitutiva de um todo*. Neste sentido pode dizer-se que o *elemento espiritual* tem parte ativa na economia do Universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; ou que na Argélia existem o *elemento árabe* e o *elemento europeu*.

^{xviii} N. de A. K.: Muitos pais deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, e dizem consigo mesmos que tudo foi em pura perda. À luz do Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo tendo a certeza de que veriam morrer seus filhos, porque sabem que se estes não a aproveitam na vida presente, essa educação servirá, primeiro que tudo, para o seu adiantamento espiritual; e, mais, que serão aquisições novas para outra existência e que, quando voltarem a este mundo, terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirirem novos conhecimentos.

Tais essas crianças que trazem, ao nascer, idéias inatas - que sabem, por assim dizer, sem precisarem aprender.

Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitarem da educação que lhes deram, gozá-la-ão certamente mais tarde, quer como Espíritos, quer como homens. Talvez sejam eles de novo os pais desses mesmos filhos, que se apontam como afortunadamente dotados pela natureza e que devem as suas aptidões a uma educação precedente; assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde desgostos e pesares que àqueles suscitarão em nova existência. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. V, n° 21; "Mortes prematuras".)

^{xix} N. do T.: A versão original do "Caráter da Revelação Espírita", publicada na *Revista Espírita* de setembro de 1867, continha a seguinte *Nota de Allan Kardec*, suprimida na edição definitiva, e que repomos em seu devido lugar:

"O Espiritismo não é contrário à crença dogmática relativa à natureza do Cristo e, neste caso, pode-se dizer o complemento do Evangelho, se o contradiz?

"A solução desta questão não toca apenas de maneira acessória o Espiritismo, que não deve preocupar-se com dogmas particulares de tal ou qual religião. Simples doutrina filosófica, não se apresenta como campeão, nem como adversário sistemático de nenhum culto, deixando a cada um a sua crença.

"A questão da natureza do Cristo é capital do ponto de vista cristão. Não pode ser tratada levemente, e não são as opiniões pessoais, nem dos *homens*, nem dos *Espíritos*, que a podem decidir. Em assunto semelhante, não basta afirmar ou negar, é preciso provar. Ora, de todas as razões alegadas a favor ou contra, nenhuma há que não seja mais ou menos hipotética, visto que todas são questionáveis. Os materialistas não viram a coisa senão com os olhos da incredulidade e a idéia preconcebida da negação; os teólogos, com os olhos da fé cega, e a idéia preconcebida da afirmação; nem uns, nem outros estavam em condições necessárias de imparcialidade; interessados em sustentar sua opinião, só viram e buscaram o que a ela poderia ser favorável e fecharam os olhos ao que lhe podia ser contrário. Se, desde que a questão foi agitada, ainda não foi resolvida de maneira peremptória, é que faltaram elementos, os *únicos* que lhe podem dar a chave, absolutamente como faltava aos sábios da antiguidade os conhecimentos das leis da luz, para explicar o fenômeno do arco-íris.

"O Espiritismo é neutro nesta questão; não está mais interessado numa solução do que na outra; marchou sem isto e marchará ainda, seja qual for o resultado; colocado fora dos dogmas particulares, não é para ele questão de vida ou de morte. Quando a abordar, apoiando todas as suas teorias nos fatos, resolvê-la-á pelos fatos, e em tempo oportuno; se tivesse urgência, ela já estaria resolvida. Os elementos de uma solução hoje estão completos, mas o terreno ainda não está preparado para receber a semente. Uma solução prematura, fosse qual fosse, encontraria muita oposição de parte a parte, e o Espiritismo perderia mais partidários do que os conquistaria. Eis por que a prudência nos impõe o dever de nos abstermos de toda polêmica sobre o assunto, até que estejamos certos de poder colocar o pé em terra firme. Enquanto se espera, deixemos que discutam os prós e os contras *fora do Espiritismo*, sem nisto tomar parte, deixando que os dois partidos esgotem seus argumentos. Quando o momento for propício, levaremos para a balança, não a nossa opinião pessoal, que não tem nenhum peso, nem pode fazer lei, mas *fatos* até este momento não *observados*, e então cada um pode julgar **** com conhecimento de causa. Tudo quanto podemos dizer, sem prejudicar a questão, é que a solução, em qualquer sentido em que for dada, e não contestará nem os atos, nem as palavras do Cristo, mas, ao contrário, os confirmará, elucidando-os.

"Portanto, aos que nos perguntam o que diz o Espiritismo sobre a natureza do Cristo, respondemos invariavelmente: 'É uma questão de dogma, estranha ao objetivo da Doutrina'. O objetivo que todo espírita deve perseguir, se quiser merecer esse título, é o seu próprio melhoramento moral. Sou melhor do que o era? Corrigi-me de algum defeito? Fiz o bem ou o mal ao próximo? Eis o que todo espírita sincero e convicto deve se perguntar. Que importa saber se o Cristo era Deus, ou não, se se é sempre egoísta, orgulhoso, ciumento, invejoso, colérico, maledicente, caluniador? A melhor maneira de honrar o Cristo é imitá-lo em sua conduta. Fazendo o contrário do que Ele diz, quanto mais se o eleva no pensamento, menos se é digno dele e mais se o insulta e profana. O Espiritismo diz aos seus adeptos: 'Praticai as virtudes recomendadas pelo Cristo e sereis mais cristãos do que muitos que se fazem passar como tais'. Aos católicos, protestantes e outros, Ele diz: 'Se temeis que o Espiritismo perturbe a vossa consciência, não vos ocupeis dele'. Dirige-se apenas aos que a Ele vêm livremente, e dele necessitam. Não se dirige aos que têm uma fé qualquer e a quem esta fé basta, mas aos que não a têm ou que duvidam, e lhes dá a crença que lhes falta, não mais particularmente a do Catolicismo, do Protestantismo, do Judaísmo ou do Islamismo, mas a crença fundamental, base indispensável de toda religião. Aí termina o seu papel. Estabelecida esta base, cada um é livre para seguir a rota que melhor satisfaça à sua razão."

^{xx} **N. de A. K.:** O nosso papel pessoal, no grande movimento de idéias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuírmos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da Doutrina, nem procurarmos impor as nossas idéias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas idéias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

^{xxi} **N. de A. K.:** O *Livro dos Espíritos*, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das conseqüências morais dos fatos; que considerou toda as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. E notório que da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, até então conservado no domínio das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é que exprimia os sentimentos dela, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, teria caído no descrédito e no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Decerto não foi o homem, que nada vale por si mesmo, que morre e desaparece; mas, a idéia, que não fenece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa espontânea concentração de forças dispersas deu lugar a uma amplíssima correspondência, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos inexpugnáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações da inveja e do ciúme?...

^{xxii} **N. de A. K.:** Significativo testemunho, tão notável quão tocante, dessa comunhão de idéias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de religiões e nacionalidades diversas e as quais nunca vimos. Não é isso um prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova de que por toda parte o Espiritismo lança raízes fortes?

Digno de nota é que, de todos os grupos que se têm formado com a intenção premeditada de abrir cisão, proclamando princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-se em razões de amor-próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminhar sozinho, possuidores de luzes suficientes para prescindirem de conselhos, nenhum chegou a construir uma idéia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Nem de outro modo poderia ser, dado que, para se exalçarem, em vez de se esforçarem por proporcionar maior soma de satisfações, rejeitavam princípios da Doutrina, precisamente o que de mais atraente há nela, o que de mais consolador ela contém e de mais racional. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíram a unidade, não se teriam embalado com ilusões quiméricas. Ao contrário, tomando como se fosse o Universo o pequeno círculo que constituíam, não viram nos adeptos mais do que uma camarilha facilmente derrubável por outra camarilha. Era equivocar-se de modo singular, no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina e semelhante erro só decepções podia acarretar. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Veja-se: Revue *Spirite*, abril de 1866, págs. 106 e 111: "O Espiritismo sem os Espíritos" e "O Espiritismo independente".)

^{xxiii} **N. de A. K.:** Esse o objeto das nossas publicações, que se podem considerar o resultado de um trabalho de apuro. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todas as comprovações, as quais, só elas, lhes podem imprimir força de lei e permitir afirmações. Eis por que não preconizamos levianamente nenhuma teoria e é nisso exatamente que a Doutrina, decorrendo do ensino geral, não representa produto de um sistema preconcebido. É também donde tira sua força e o que lhe garante o futuro.

^{xxiv} **N. de A. K.:** Veja-se, em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, "Introdução", item II, e Revue *Spirite*, de abril de 1864, pág. 99: "Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos Espíritos".

^{xxv} **N. de A. K.:** Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, quais as que se contém neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal-informadas emprestam à Doutrina. Não são novas, aliás, estas declarações; temos-las repetido muitíssimas vezes nos nossos escritos, para que nenhuma dúvida persista a tal respeito. Elas, ao demais, assinalam o verdadeiro papel que nos cabe, único que ambicionamos: o de mero trabalhador.

^{xxvi} **N. de A. A. K.:** A anteposição do artigo à palavra *Cristo* (do grego *Cristos*, ungido), empregada em sentido absoluto, é mais correta, atento que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, pois: Jesus era *Cristo*; era o *Cristo*; era o *Cristo* anunciado; a morte *do Cristo* e não de *Cristo*, ao passo que se diz: a morte de *Jesus* e não do *Jesus*. Em *Jesus-Cristo*, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. E pela mesma razão que se diz: *o Buda*; Gautama conquistou a dignidade de Buda por suas virtudes e austeridades. Diz-se: a vida do *Buda*, do mesmo modo que: o exército *do Faraó* e não *de Faraó*; Henrique IV era rei; o título de rei; a morte *do rei* e não de rei.

^{xxvii} 44ª Divisão.

^{xxviii} **N. do T.:** Trata-se de Alexandre Delanne, grande amigo de Allan Kardec e pai do escritor espírita Gabriel Delanne.

^{xxix} N. do T.: Secretário particular de Allan Kardec, o Sr. A. Desliens era um dos médiuns da Sociedade Espírita de Paris. Após a desencarnação do Codificador, foi alçado à função de Secretário-gerente da *Revista Espírita*. Além de responder pelo comitê de redação da *Revista*, administrou a "Sociedade Anônima do Espiritismo" até junho de 1871, renunciando a esse cargo em virtude de grave moléstia que o acometera. WANTUIL, Zeus. THIESEN, Francisco. *Allan Kardec*, vol. III. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 157.

^{xxx} N. do T.: O médium Pierre-Gaëtan Leymarie, um dos mais fervorosos discípulos de Allan Kardec, foi Diretor e Redator-chefe da *Revista Espírita*.

^{xxxi} **N. do T.:** A parte principal da coluna, entre o capitel e a base.

